



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro Biomédico

Instituto de Medicina Social

Sergio Luiz dos Santos Neves

Os impasses da sublimação: articulações entre psicanálise e estética

Rio de Janeiro

2010

Sergio Luiz dos Santos Neves

Os impasses da sublimação: articulações entre psicanálise e estética

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Ciências Humanas e Saúde.

Orientador: Prof. Dr. Joel Birman

Rio de Janeiro

2010

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CBC

N518 Neves, Sergio Luiz dos Santos.
Os impasses da sublimação: articulações entre psicanálise e estética /
Sergio Luiz dos Santos Neves. – 2010.
175 f.

Orientador: Joel Birman.
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro,
Instituto de Medicina Social.

1. Sublimação – Teses. 2. Psicanálise – Teses. 3. Estética – Teses.
4. Cultura – Teses. I. Birman, Joel, 1946-. II. Universidade do Estado do
Rio de Janeiro. Instituto de Medicina Social. III. Título.

CDU 159 964 21

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Sergio Luiz dos Santos Neves

Os impasses da sublimação: articulações entre psicanálise e estética

Tese apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Ciências Humanas e Saúde.

Aprovada em 7 de maio de 2010.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Joel Birman (Orientador)
Instituto de Medicina Social – UERJ

Prof. Dr. André Rios
Instituto de Medicina Social – UERJ

Prof.^a Dra Marcia Aran
Instituto Medicina Social - UERJ

Prof. Dr. Vinicius Pereira
Instituto de Comunicação – UERJ

Prof.^a Dra. Vera Pollo
Instituto de Psicologia – PUC/RJ

Rio de Janeiro

2010

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Dr. Joel Birman, que com paciência e competência propiciou a realização deste trabalho.

Aos meus pais e meus colegas de curso.

Aos meus filhos.

A Carolina que comigo atravessou as horas difíceis.

Não, nós não pensamos, não aprendemos ainda a pensar, ainda não sabemos o que pensar significa, o pensamento permanecerá em nós uma possibilidade irrealizada enquanto não se der por tarefa o que eminentemente dá o que pensar.

Gilles Deleuze

RESUMO

NEVES, Sergio Luiz dos Santos. *Os impasses da sublimação: articulações entre psicanálise e estética*. 2010. 175 f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

A sublimação é um conceito forjado por Freud que tem por finalidade responder sobre a incidência da sexualidade num campo que não é diretamente ligado à função sexual. Freud inicialmente ligou o conceito de sublimação ao desenvolvimento da sociedade, mantendo entre eles uma estreita ligação através da idéia de aprovação social, coerência e harmonia, sendo a sexualidade algo que deveria ser posta a serviço da civilização pela educação e restrição de sua manifestação. A importância dada aos aspectos quantitativos presentes na subjetividade fez com que a sublimação adquirisse maior destaque, sendo diretamente ligada ao destino a ser dado aos elementos que resistiam à lógica da predicação e significação, buscando alternativas para a manifestação desses fatores que ameaçavam constantemente desestruturar o psiquismo. A sublimação se torna um processo necessário para articular a subjetividade a uma lógica da inadequação e do inacabamento, mostrando-se um operador não só da clínica como também da cultura, pois leva em consideração a sustentação da posição desejante sem incremento de mal-estar. Esses fatores aproximam de maneira surpreendente estética e psicanálise através de um novo campo de atuação. Freud percebeu a capacidade terapêutica da sublimação no final de sua vida, e Lacan, outro psicanalista que se mostrou muito interessado neste tema, também nos deixou uma série de elaborações que podem nos ser úteis para enfrentar os desafios que o nosso tempo produz.

Palavras-chave: Sublimação. Psicanálise. Estética. Teoria.

ABSTRACT

The sublimation is a concept made by Freud and has finality to answer for questions about the sexuality in a field that wasn't fixed into sexual function. In the beginning Freud linked the concept of sublimation and the society development, keeping between then relationships around social approbation, coherence, and harmony. The sexuality has to be put at service of the civilization across education and restriction. The importance done at the aspects quantitative present in into subjectivity made more importance to sublimation, putting him destiny the elements that resist logic of signification and predication, looking for alternatives to manifest those factors that menace frequently destruction the psychics. The sublimation becomes um necessary process to articulate the subjectivity with an logic of inadequate and no finishing, acquires more detach when we looks not only the clinic but the culture, considering the desire position without indisposition. Those factors comes close surprising esthetic and psycho-analysis around a new champ of actuations. Freud and Lacan both have the perception and the importance of the sublimation and made a lot of elaborations that can be usefulness to confront the challengers that's our time produce.

Keywords: Sublimation. Psychoanalysis. Esthetics.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	11
1	A SUBLIMAÇÃO: HISTÓRIA METAPSICOLÓGICA DE UM CONCEITO EM TRANSFORMAÇÃO.....	16
1.1	As primeiras articulações com a teoria da sexualidade.....	16
1.1.1	<u>Primeiras concepções da sexualidade e sua articulação com a sublimação.....</u>	17
1.1.2	<u>O conflito entre sexualidade e recalque.....</u>	19
1.2	A sublimação pensada sob a ótica de uma moral restritiva.....	20
1.3	Os impasses de se pensar a sublimação pelo viés restritivo da sexualidade.	22
1.3.1	<u>A sublimação e a renúncia pulsional.....</u>	22
1.3.2	<u>A sublimação em Leonardo da Vinci.....</u>	24
1.3.3	<u>Satisfação e sublimação</u>	27
1.3.4	<u>O risco de desejar.....</u>	28
1.4	A sublimação pressupõe a permanência da tensão entre Eros e Tanatos.....	29
1.5	A sublimação e o mal-estar.....	30
1.6	A concepção da pulsão e os dois princípios de funcionamento mental.....	31
1.6.1	<u>O lugar da sublimação em uma sexualidade restritiva.....</u>	31
1.6.2	<u>A compreensão da pulsão nos modelos de funcionamento do psiquismo.....</u>	32
1.7	A sublimação a partir da segunda teoria das pulsões.....	35
1.7.1	<u>Um novo objeto para a pulsão.....</u>	35
1.7.2	<u>Pode a sublimação responder às exigências impostas pela pulsão de morte.....</u>	37
1.7.3	<u>A valorização do pólo subjetivo.....</u>	38
1.8	A sublimação e a clínica.....	39
1.8.1	<u>Repetição e sublimação.....</u>	39
1.8.2	<u>A sublimação no processo de cura.....</u>	40
1.8.3	<u>Os novos caminhos da sublimação.....</u>	42

1.8.4	<u>Com a teoria do traumático a sublimação se torna importante para a clinica</u>	43
1.9	A condição sublime	45
2	A CONSTITUIÇÃO METAPSICOLÓGICA DO EU E A SUBLIMAÇÃO	48
2.1	Elementos metapsicológicos para o entendimento do lugar do Eu	48
2.1.1	<u>O lugar do Eu na elaboração do aparelho psíquico</u>	48
2.1.2	<u>Narcisismo primário</u>	49
2.2	As transformações tópicas	50
2.2.1	<u>O aparecimento da primeira concepção de aparelho psíquico</u>	50
2.2.2	<u>Representação e percepção</u>	51
2.2.2.1	Processo primário	51
2.2.2.2	Processo secundário	52
2.2.2.3	Percepção e realidade	53
2.2.2.4	O complexo do próximo	54
2.3	A sublimação e o narcisismo	55
2.3.1	<u>A necessidade do conceito de narcisismo</u>	55
2.3.2	<u>A relação do Eu com as pulsões</u>	59
2.3.2.1	A necessidade de elaborar o Eu no psiquismo	59
2.3.2.2	As escolhas de objeto	59
2.3.2.3	Eu ideal/Ideal de Eu	61
2.4	Sublimação como tarefa	64
2.4.1	<u>A sublimação se diferencia da sublimação</u>	64
2.4.2	<u>Inibição e sublimação</u>	66
2.4.3	<u>Idealização/identificação</u>	67
2.4.4	<u>Identificação e sublimação</u>	70
2.5	A sublimação no humor	71
2.5.1	<u>A sublimação enquanto processo de mudança</u>	71
2.5.2	<u>A sublimação e a fixação perversa</u>	72

2.5.3	<u>A tensão do desejo possibilitando a sublimação.....</u>	73
2.5.4	<u>O humor.....</u>	74
3	A TEORIA DAS PULSÕES E A SUBLIMAÇÃO.....	75
3.1	As pulsões na sublimação.....	75
3.1.1	<u>O conflito pulsional na primeira teoria das pulsões.....</u>	76
3.1.2	<u>A função do prazer no funcionamento psíquico.....</u>	76
3.1.3	<u>Um novo modelo de funcionamento do aparelho.....</u>	77
3.2	Algumas considerações sobre as mudanças produzidas na teoria psicanalítica.....	78
3.2.1	<u>Estimulo interno e estímulo externo.....</u>	78
3.2.2	<u>Definição dos princípios que regem o psiquismo.....</u>	79
3.2.3	<u>Os elementos da pulsão.....</u>	81
3.2.4	<u>Propriedade das pulsões sexuais.....</u>	82
3.3	O entrelaçamento pulsional e a sublimação.....	83
3.3.1	<u>A sublimação não se confunde com o recalque.....</u>	83
3.3.2	<u>A sublimação e a pulsão de morte.....</u>	84
3.4	As modalidades tópicas e a sublimação.....	86
3.4.1	<u>A sublimação como destino pulsional.....</u>	86
3.4.2	<u>A agressividade derivada do funcionamento pulsional.....</u>	87
3.4.3	<u>A pulsão de morte aumenta a importância da sublimação.....</u>	88
3.5	As modalidades tópicas e a sublimação.....	89
3.6	A sublimação e o laço social.....	91
3.7	Novos elementos para compreensão da sublimação.....	92
3.7.1	<u>É necessário um limite para a capacidade sublimatória?.....</u>	92
3.7.2	<u>A teoria do traumatismo seria a solução para a limitação de energia?.....</u>	93
3.8	Um novo significado para a sublimação.....	95
3.8.1	<u>A sublimação e a possibilidade do novo.....</u>	95

3.8.2	<u>A sublimação e o humor.....</u>	97
3.9	O sublime e a sublimação.....	97
3.10	A sublimação se torna a saída para a ausência de referente.....	99
4	SUBLIMAÇÃO E CULTURA.....	102
4.1	O conflito entre indivíduo e sociedade.....	102
4.2	A articulação entre sujeito e cultura.....	103
4.3	A articulação entre pulsão e cultura.....	104
4.4	Sublimação e sociedade.....	107
4.4.1	<u>A inaptidão constitutiva.....</u>	107
4.4.2	<u>O ponto de vista do Eu.....</u>	108
4.4.3	<u>A civilização.....</u>	110
4.5	Articulação entre pulsão e cultura.....	111
4.5.1	<u>A concepção do casal amoroso.....</u>	111
4.5.2	<u>O pai e sua presença na civilização.....</u>	112
4.5.3	<u>A renúncia pulsional aumenta o mal estar.....</u>	113
4.5.4	<u>Crença e ilusão.....</u>	115
4.5.5	<u>A sociedade passa a ser constituída de grandes conjuntos</u>	116
4.6	Sublimação e sociedade.....	117
4.6.1	<u>A natureza dos vínculos sociais.....</u>	117
4.6.2	<u>A sublimação não representa submissão.....</u>	118
4.6.3	<u>Sublimação e homossexualidade.....</u>	120
4.6.4	<u>A sublimação como remédio contra o mal estar.....</u>	121
4.6.4.1	A sublimação diminui o mal estar.....	121
4.6.4.2	A sublimação e a cultura após a segunda teoria das pulsões.....	124
5	A RELAÇÃO ENTRE SUBLIMAÇÃO E ESTÉTICA.....	127
5.1	A estética do belo enquanto fenômeno subjetivo.....	128
5.2	O fenômeno de estranheza.....	129

5.3	A relação do estranho com a segunda tópica.....	131
5.4	A referência estética ao mais além do princípio do prazer.....	133
5.5	A relação entre psicanálise e arte.....	135
5.6	Novas perspectivas para a sublimação.....	137
6	AS TRANSFORMAÇÕES LACANIANAS DO CONCEITO DE SUBLIMAÇÃO.....	139
6.1	A crítica da noção de sublimação enquanto reconhecimento.....	140
6.2	O bem e o belo como barreiras impostas à pulsão de morte.....	140
6.3	A sublimação é a condição de sustentação do movimento desejante.....	142
6.4	A estética e o inconsciente.....	144
6.5	Um duplo funcionamento da arte e da sublimação no pensamento lacaniano.....	145
6.6	Uma releitura das pulsões.....	148
6.7	Por uma clínica da singularidade.....	150
6.8	O reposicionamento do simbólico.....	152
6.9	Um mais além do imaginário.....	154
6.10	A concepção lacaniana de sublimação.....	155
6.11	O conceito de coisa.....	157
6.12	A sublimação pensada através do amor cortês.....	160
6.13	A arte enquanto resistência do real.....	162
6.14	A anulação do sensível e a proximidade perversa.....	164
7	CONCLUSÃO.....	167
	REFERÊNCIAS.....	170

INTRODUÇÃO

A história do conceito de sublimação remonta aos primórdios da psicanálise, sendo fundamental para o entendimento das sucessivas elaborações que Freud vinha empreendendo em seu arcabouço teórico e clínico. Inicialmente, o processo se encontra vinculado às atividades humanas que não estão diretamente ligadas à sexualidade, mas que são alimentadas pela energia sexual. As pulsões sexuais responsáveis pelo processo de sublimação possuem a propriedade de deslocarem-se, ligarem-se umas às outras, ou troquem de lugar. Ainda que o aparecimento da sublimação date das primeiras observações e permaneça sendo citada ao longo dos anos, Freud nunca dedicou um texto exclusivo a esse tema, fazendo menção em diversos trechos e, sempre que se referia a ela apontava a necessidade de sistematizar o conceito, apesar das dificuldades encontradas para circunscrevê-lo e defini-lo em relação à metapsicologia.

Em um primeiro momento, a sublimação surge junto com a primeira teoria das pulsões, atrelada a idéia de valorização coletiva, e visando ao aperfeiçoamento da civilização pela derivação da sexualidade rebelde através da mudança na meta que passaria a ser não sexual. Após a introdução de novos elementos teóricos a sublimação passa a ser melhor caracterizada, representando um dos destinos da pulsão, que, segundo Freud, seria superior aos demais. Entende-se que as primeiras elaborações sobre o assunto são derivadas de uma concepção do psiquismo envolvendo uma concepção de civilização muito restritiva e impregnada de normas moralizantes, onde a sexualidade seria identificada ao elemento que teria de ser dominado; elemento anti-homeostático que se manifestava impedindo o sujeito de se adequar às exigências da vida em sociedade, levando a sofrimento e conflito. Mas a sublimação também vem afirmar o fato de que as realizações humanas encontram sua origem na sexualidade, permanecendo um estreito vínculo entre as manifestações psíquicas e sociais, tornando-se o elo de ligação entre as exigências pulsionais e as coletivas. Um processo que relaciona o indivíduo a sociedade através das obras que são produzidas ao longo do percurso.

De acordo com as rupturas feitas por Freud em sua metapsicologia, a compreensão clínica se modifica, passando de algo que deve ser evitado na primeira teoria das pulsões a um processo que deve ser incentivado após a introdução de um novo dualismo pulsional. A partir de então a sublimação se esclarece e ganha em importância, tornando-se um remédio eficaz contra o mal-estar, e um forte elemento a ser considerado na clínica, passando inclusive a ser

incentivada no trabalho analítico por Freud. Dessa forma, podemos pensá-la tanto em sua dimensão cultural quanto clínica.

A manutenção da capacidade de se deslocar, evitando os efeitos danosos da fixação ou da submissão; a compreensão de que a subjetividade é fragmentada, e de que os sentimentos de onipotência e completude são decorrentes das pretensões narcísicas, fazem da sublimação um importante aliado da terapêutica, pois ela requer a mudança e o abandono dos antigos caminhos de satisfação vindo a promover a criação de novas possibilidades de existência. Neste aspecto, a transformação tem a ver com o destino pulsional, no sentido de novas alternativas para o sujeito, levando em consideração o vínculo com a realidade sem abrir mão de sua condição de sujeito desejante. A sublimação, opondo-se a tudo que deriva do processo primário, que é eminentemente alucinatório e ilusório, implica a preocupação com o campo da alteridade e a relação com o meio em que se produz. O que muitas vezes levou-nos a crer que se encontrava vinculada a um bem cultural, ou a algum signo de reconhecimento, com a valorização e ganho pessoais. No entanto, longe de se caracterizar um procedimento adaptativo e socialmente valorizado, os caminhos que levam à sublimação não estão isentos de riscos ou decepções, dado que não há garantias para aquele que se engaja neste percurso.

O esclarecimento do conceito implica diversas interpretações e considerações por áreas que extrapolam o limite da psicanálise. Daí a incursão em pensadores como Laplanche, Lacan, Birman, e outros; o recurso a arte, a filosofia, e outras áreas do conhecimento, em vista da grande abrangência dos mecanismos envolvidos no processo. Torna-se uma tarefa que requer a compreensão de como em cada momento o conceito vai se distinguindo dos demais, envolvendo diversas instâncias metapsicológicas, articulando-se com elas a ponto de necessitar para cada instância envolvida um capítulo em separado.

O objetivo deste trabalho é mostrar as elaborações que surgem através dos desenvolvimentos que vão sendo apresentados, visando a fazer da sublimação um operador que vai conduzir o sujeito aos caminhos de uma possível inscrição de sua singularidade que, em diversos casos, torna-se a única maneira de realização pulsional sem a manifestação do sintoma ou das diversas formas de alienação. Ela é um processo que envolve atos resultantes do complexo intrincamento das pulsões e de seus representantes psíquicos, sem a consideração por esquemas explicativos ou interativos. A sublimação se encontra quando, no engajamento de uma tarefa, não a realizamos por resignação ou obrigação, mas em nome de algo próprio ao sujeito e que só pode ser justificado em si mesmo. Qualquer relação exterior só pode ser explicada de forma secundária, e não diretamente ao movimento subjetivo que lhe

deu origem. Ela parte de uma motivação gratuita e de uma vinculação necessária aos desdobramentos dessa ação.

As incursões psicanalíticas por vezes se conjugam aos interesses da arte na busca de expor a subjetividade contemporânea, revelando uma preocupação em comum: uma oposição sistemática aos ideais normativos, o relevo dado às paixões, as contradições de um desejo singular, e a busca incessante de inscrever a subjetividade humana. Uma subjetividade que se encontra descentrada e obrigada a expressar as forças que constantemente a ultrapassam e ameaçam de aniquilamento. O posicionamento ético gira em torno de como correr o risco de desejar sem sucumbir à loucura, ou cair numa resignação infinita pela busca de reconhecimento ou felicidade? Freud sempre deixou claro que o artista chegou antes de nós neste terreno ao qual tentamos adentrar, e penso que a arte esclarece a psicanálise quando esta se esforça em revelar na subjetividade um elemento estranho no interior do sujeito, atuando no sentido de perturbar as pretensões de harmonia e felicidade, e que tem de ser levado em consideração: não se trata aqui de negar o acontecimento ou exaltá-lo, mas de jogar com ele.

Quando Freud faz a troca da idéia de catarse pela de sublimação, isso pressupõe o abandono dos instrumentos que até então se operava na clínica, e a substituição por outros. É então que a hipnose e a sugestão perdem o seu lugar e passam a ser substituídas pela transferência e pela consideração ao gozo e a verdade como princípio de transformação subjetiva. Não são mais os ideais de cura que até então norteavam o seu trabalho que passam a primeiro plano. Segundo Lacan, não é por acaso que os termos sublimação e sublime se conjugam através da ligação entre psicanálise e estética. Trata-se de atacar toda idéia de uma terapêutica em que o analista se torna uma figura neutra e contemplativa. Da mesma forma, na arte surge o questionamento de um espaço em que criador e receptor se encontram separados. Tanto a psicanálise quanto a arte passam a supor um espaço de interrogação, de intimação, incitação à metamorfose, e ao desapego das amarras imaginárias. A sublimação é então o nome dessa transformação a que me exponho e me arrisco ao mesmo tempo em que uma mudança permanente em meu objeto de desejo se produz.

O recurso a um certo ramo da estética, aquela que leva em consideração as transformações que a subjetividade será exposta ao longo do processo, e que irão expressar o descentramento e a perda dos referentes identificatórios, se tornam o campo de exposição dos saberes psicanalíticos. Não se trata da revelação de uma essência que finalmente veio a luz, ou a expressão de um sujeito que se tornou transparente a si, mas do auxílio aos diversos meios que a arte torna possível para ilustrar e sustentar os conceitos metapsicológicos.

Se nos ativéssemos apenas ao uso por Freud da estética não conseguiríamos escapar a afirmação de Alain Badiou, que via na relação entre psicanálise e arte apenas um serviço gratuito desta a psicanálise. Mas cremos que Lacan desenvolve uma análise que procura preservar o estatuto próprio dos objetos estéticos e sua irredutibilidade aos sistemas interpretativos, relacionando estes procedimentos a impossibilidade de conceituação e aos efeitos subjetivantes desta operação, o que permitiria ao sujeito reconhecer em si algo absolutamente opaco e resistente aos procedimentos interpretativos.

O presente trabalho encontra-se dividido em seis capítulos, da seguinte maneira: no capítulo I, expomos as transformações que o conceito vai sofrendo ao longo da elaboração que Freud promove no pensamento psicanalítico, a partir do conceito de sexualidade oriunda de uma moral restritiva. Neste momento, a sublimação adquire o estatuto de elevação e espiritualização, traduzindo-se em bens culturais. O conflito se desenvolvendo entre sexualidade e autoconservação, além das barreiras impostas ao desejo, tanto interno quanto externamente. Também chamo a atenção para as primeiras articulações com a arte e com a vida dos artistas. Pontuo que a nova dualidade pulsional vem produzir certo dinamismo ao processo, que passa a ser considerado por sua estreita relação com o aspecto intensivo que vai cada vez mais ganhando em importância, culminando na percepção de uma subjetividade constituída através de constantes rearranjos, além de chamar a atenção para as novas formas de sofrimento psíquico e o quanto representam de desafio para a clínica atual.

O segundo capítulo gira em torno da construção do Eu enquanto instância metapsicológica e de sua importância para a compreensão dos mecanismos em jogo na sublimação, desde sua origem, com o “Projeto...” (1950b), até sua apresentação em “O ego e o id” (1923), quando Freud faz a hipótese de que a sublimação deve passar pelo Eu. Neste capítulo, também se encontram os diversos remanejamentos metapsicológicos que esclarecem as diferenças surgidas após “Sobre o narcisismo: uma introdução” (Freud. 1914b), em que fica claro que a sublimação é um processo que se contrapõe ao narcisismo. Expomos a importância que adquire o conceito de identificação como verdadeiro operador dos desligamentos dos antigos objetos de satisfação, e o reinvestimento em novos caminhos.

No terceiro capítulo, é abordada a relação da sublimação com a teoria das pulsões, as mudanças apresentadas por Freud a partir de um novo dualismo. A constatação de que a dessexualização se torna um empecilho, pois favorece o trabalho de Tanatos, e a necessidade de erotizar e sublimar como condição de evitar os danos provocados pelo desfuncionamento pulsional.

O quarto capítulo diz respeito à relação entre sublimação e cultura, tendo como base o texto “Mal-estar na civilização”, de 1930, e a percepção de que há uma íntima correlação entre o campo pulsional e o cultural.

O quinto capítulo corresponde à constatação de que a arte permanece um campo privilegiado da exposição dos conceitos psicanalíticos. Aqui, analisamos fundamentalmente o texto “O estranho”, de 1919, no qual Freud apresenta um Eu constantemente ameaçado de desintegração pelas forças que não consegue dominar, e apesar de neste texto haver uma referência ao retorno do recalado, podemos encontrar todos os elementos que serão posteriormente desenvolvidos no “Além do princípio do prazer”, de 1920. Os elementos que Freud quis pôr em relevo só adquirem possibilidade de abordagem através do campo da estética, e sua manifestação acontece por meio da sensibilidade.

O sexto capítulo se destaca do conjunto dos outros, por não ter como eixo principal as análises freudianas, mas por abordar a contribuição de outro importante psicanalista, e dos elementos que ele trouxe para o debate sobre um tema que está longe de se esgotar. São analisados principalmente dois seminários de Jacques Lacan: o Seminário “A ética da psicanálise”, livro VII, de 1960; e o Seminário XI, de 1964, intitulado “Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise”, e os deslocamentos que Lacan teve de empreender na mudança de abordagem dos fenômenos analisados, e as conseqüências para a compreensão do processo de sublimação, tema central deste trabalho.

1 A SUBLIMAÇÃO: HISTÓRIA METAPSICOLÓGICA DE UM CONCEITO EM TRANSFORMAÇÃO

1.1 As primeiras articulações com a teoria da sexualidade

O conceito de sublimação está intimamente associado ao desenvolvimento da psicanálise, marcando, neste campo inaugurado por Freud, o interesse por uma variada gama de saberes que vai muito além do domínio da psicopatologia.

A palavra sublimação surge pela primeira vez em uma carta de Freud a Fliess, datada de 1897. Nela Freud a situa a partir das inclinações mais baixas do ser humano, aquelas advindas dos componentes selvagens da sexualidade, que por alguma razão, através de uma propriedade ainda desconhecida na época, se ‘elevam’ revelando uma espiritualidade serena se contrapondo ao tumulto da sua origem, isto é, se inclinam sobre manifestações que não guardam relação direta com a sexualidade, traduzindo-se em bens culturais (FREUD, 1950a).

Em 1908, com o artigo “Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna”, surge o conceito de sublimação como uma propriedade do psiquismo relacionado às atividades humanas que não guardam relação direta com a sexualidade, mas cuja origem se encontra na pulsão sexual. Esse conceito visa a dar conta da produção de objetos socialmente valorizados, e da inscrição da sexualidade no campo da cultura: dessexualização da meta, com manutenção do objeto (FREUD, 1908a).

Para Freud, a gênese da sublimação se faz através de dois fenômenos heterogêneos: a partir das predisposições constitutivas e dos acontecimentos traumáticos. As predisposições constitutivas marcariam a incapacidade de explicar por que alguns indivíduos tinham o poder de derivar a sua energia sexual na criação de obras enquanto outros adoeciam. O outro elemento (o acontecimento traumático) está intimamente ligado ao campo de interesse dos estudos psicanalíticos. Podemos dizer que estamos num caso favorável à sublimação quando a pulsão sexual permanece em sua forma polimorfa, ou seja: ela ainda não conhece o primado da função genital, nem a exclusividade da satisfação libidinal perversa. É quando a parte da pulsão que não sofreu o recalçamento adquire uma forma complexa e utilizável; quando o componente sexual infantil deixa um resto a ser utilizado pelos mecanismos responsáveis pela sublimação, entrando em jogo uma série de elementos ligados às propriedades relacionadas à

pulsão sexual: a plasticidade, o deslocamento, a sobreposição, a mudança de objeto e de objetivo (FREUD, 1905a).

A partir de então Freud relaciona o progresso da civilização ao recalçamento e à sublimação das pulsões sexuais. Desde o início a sociedade deve reprimir as inclinações que não estão de acordo com os ideais coletivos e as pretensões do grupo, e a sublimação aparece como um caminho possível: através dela os indivíduos alcançam certa forma de satisfação libidinal que, de outro modo, lhes seria impossível de ser alcançada, e de maneira indireta estas realizações se traduzem em bens culturais, existindo assim uma espécie de paralelismo entre a evolução social e a individual (FREUD, 1908a).

1.1.1 Primeiras concepções da sexualidade e sua articulação com a sublimação

No início da elaboração teórica freudiana, a concepção da sexualidade era estritamente devedora da idéia de reprodução como sua função primordial. Pesquisas desenvolvidas, principalmente com pacientes histéricos, levaram Freud a ampliar sua definição, relacionando-a ao funcionamento do aparelho mental voltado para a busca do prazer, e mostrando esta busca se dirigindo para além do campo da reprodução, em decorrência da impossibilidade de unificação em torno de um único objeto. Esta unificação pretendida se mostrava sempre incompleta e obtida ao preço de renúncias e insatisfações.

Em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (Freud, 1905a) surge a palavra pulsão para desvincular a relação da sexualidade humana como uma função biológica. A pulsão se diferencia do instinto por não ter objeto fixo, e por não estar ligada a um programa determinado de ação. “Parece provável que o instinto sexual seja em primeiro lugar, independente de seu objeto; nem é provável que sua origem seja determinada pelos atrativos de seu objeto” (FREUD, 1905, p. 149).¹ Suas descrições se baseiam em uma ampla variedade de indivíduos que não têm por finalidade buscar satisfação no sexo oposto, ou que não têm como meta final a satisfação genital voltada para a reprodução. Particularmente, os indivíduos perversos se relacionavam de forma tão variada, que a fronteira entre genital e não genital perdia o sentido. Além disso, o entendimento do sintoma histérico como uma maneira de satisfação sexual tornou o conceito da sexualidade muito mais amplo que a concepção inicial, passando a englobar produções sociais e aquisições culturais.

¹ Não podemos nos deixar confundir a tradução que a Standard Edition inglesa faz do termo alemão *Trieb*, tornando ainda mais obscura a diferença que Freud se esforça em fazer entre pulsão e instinto.

No artigo sobre a “Moral sexual civilizada e doença nervosa” (Freud, 1908a), surge a idéia de que os componentes perverso-polimorfos, remanescentes da infância, deveriam ser sublimados para que encontrassem acolhimento no meio social. Concomitante, aparece a concepção de que a sexualidade infantil surge muito antes de a criança poder manifestar interesse pelos seus genitais e pelos genitais dos outros.

A sexualidade infantil se manifestaria essencialmente de maneira autoerótica, isto é, obtendo satisfação das diversas partes do corpo, prescindindo de um objeto externo para alcançar seu intuito. Freud nos faz entender, que para a pulsão se satisfazer ela necessita da presença de um objeto, que não é necessariamente real, podendo ser derivado de fantasias sexuais inconscientes, produtos da atividade psíquica. Mesmo no auto-erotismo o objeto está presente sob a forma da fantasia inconsciente.

O momento descrito como autoerótico é importante para compreender o funcionamento de um aparelho que se encontra de início totalmente voltado para impedir que um acúmulo de energia aconteça, e sem qualquer consideração com a realidade. “O autoerotismo é, ao mesmo tempo, o prazer sem objeto exterior e o prazer não integrado, sem consideração de uma finalidade e de um aparelho onde ele se inscreveria” (LAPLANCHE, 1989, p. 35).

Freud descreve o surgimento das fantasias, aquelas responsáveis por guiar as ações, através do encontro do recém-nascido com o adulto. Esse encontro é descrito em diversas passagens como gerador de excesso de estímulos e sensações que a criança não pode, naquele momento, elaborar. As fantasias são uma espécie de roteiros determinados, trajetos psíquicos que têm a finalidade de orientar a pulsão em direção à descarga através de vias de facilitação. Estas vias são fixadas a partir da entrada do objeto que põe o aparelho em funcionamento. Num momento posterior, pelo retorno das tensões internas, derivadas da ‘urgência da vida’, é realizada a satisfação alucinatória do desejo como solução reparadora da falta do objeto de satisfação (FREUD, 1950b).

A primeira experiência de satisfação deixará marcas profundas no psiquismo, ditando o destino desta criança, e estruturando as futuras relações entre os objetos da realidade e os objetos da fantasia. Marca também o momento da entrada do princípio do prazer que visa regular o funcionamento do aparelho a fim de manter constante a variação da tensão interna. As fantasias derivam do prazer extraído das zonas erógenas, que inicialmente estão vinculadas às atividades tanto de autopreservação quanto sexuais.

Segundo Freud a atividade sexual infantil não está integrada em torno de um princípio organizador, e seu objetivo sexual é dominado por zonas erógenas que funcionam de forma

independente, permitindo extrair o prazer do órgão a que estão vinculadas, possibilitando com isso a redução da tensão por meio da satisfação obtida. Esta satisfação anteriormente experimentada deixa atrás de si a necessidade de sua repetição, pois são experiências que marcam profundamente o psiquismo. A simples presença de uma sensação de desprazer reativa estas zonas que inicialmente são independentes uma das outras. Freud as define como caminhos previamente encontrados para o escoamento do excesso da libido (libido definida como energia sexual), não havendo ainda um princípio organizador que as oriente, buscando cada uma por conta própria sua satisfação.

Nos “Três ensaios...”, as zonas erógenas são relacionadas à atividade sexual infantil perverso-polimorfa, isto é seus componentes não derivam de uma única fonte e a forma de obter a satisfação está estritamente vinculada ao prazer do órgão; sua manifestação é livre e sem freios, pois as barreiras ainda não foram levantadas.² Encontramos nos “Três ensaios” (Freud, 1905, p. 228) que, após a puberdade, somente através das fantasias essas pulsões podem encontrar satisfação. “Nestas fantasias, as tendências infantis invariavelmente emergem uma vez mais, embora desta vez com pressão intensificada, oriunda de fontes somáticas” (FREUD, 1905, p. 233).

A livre satisfação dessas pulsões é identificada posteriormente como fonte de desprazer para o Eu, e as barreiras contra a sexualidade são erigidas: o recalque e a educação. O recalque ganha atenção especial por se referir aos componentes que, ao serem impedidos de se manifestarem diretamente, buscarão em vias alternativas seus objetivos, tornando-se uma das causas dos sintomas neuróticos.

1.1.2 O conflito entre sexualidade e recalque

Do ponto de vista tópico o conflito se situaria entre dois grupos de representações: uma inconsciente ligada às pulsões recalçadas que, forçando o aparelho em direção à descarga, se transformaria em fonte de desprazer caso seu acesso fosse permitido; e outra ligada ao pré-consciente, que luta para bloquear o acesso destas à consciência.

Mas é o ponto de vista dinâmico envolvendo a sexualidade e a instância recalçadora que nos interessa, pois aí se encontram mecanismos relacionados ao recalque com as aspirações socialmente aceitas.

² Estas barreiras são identificadas como a vergonha, a repugnância e a moralidade.

Em “A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão”, Freud nos mostra de maneira clara os processos envolvidos na cegueira histérica, descrevendo como a interferência da sexualidade no funcionamento do órgão da visão, o olho, desempenha uma dupla função: a de adaptação ao meio, e a de excitação erógena. As pulsões de autoconservação entram em choque com a sexualidade,³ que, ao comprometerem o funcionamento fisiológico dos órgãos, põem em perigo a sobrevivência do indivíduo.

Laplanche relaciona esse conflito entre sexualidade e autoconservação como um dos fatores essenciais para se pensar a sublimação e a relação desta com o Eu, apontando que Freud coloca, a partir de 1920, a necessidade de ligar a sublimação aos processos em que o Eu está envolvido (LAPLANCHE, 1989, p. 27).⁴ O conflito entre conservação e sexualidade faz do Eu o mediador, suspendendo o funcionamento de aparelho através do processo primário, e submetendo-o ao princípio de realidade. A função adaptativa do Eu à realidade sofrerá mudanças a partir de 1914, com “Sobre o narcisismo: uma introdução”, no qual o Eu passa a fazer parte dos investimentos da pulsão sexual, e dessa forma passa também a submeter-se ao princípio do prazer.

1.2 A sublimação pensada sob a ótica de uma moral restritiva

No começo Freud ainda não tinha estabelecido uma distinção clara entre recalque e sublimação. Nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, de 1905, vemos esboçar-se a alternativa para aqueles componentes constitutivos da pulsão sexual que não caíram sob o domínio do recalque. Neste texto, Freud relaciona a sublimação às atividades artísticas, mas não se refere a ela como uma atividade diferenciada do recalque ou da formação reativa, pondo-a ao lado dos dispositivos empregados para conter os impulsos perverso-polimorfos, que se mostram como fonte de desprazer para o indivíduo adulto. Sua interpretação da relação entre o individual e o coletivo decorre da idéia de que a civilização surge a partir da barreira contra a sexualidade infantil: impedir a sexualidade de se manifestar livremente tornar-se-ia a finalidade da civilização, que deve agir principalmente sobre os componentes

³ Na primeira teoria das pulsões o conflito se estabelece entre as pulsões de autoconservação, presentes no Eu, e as pulsões sexuais. A relação entre as pulsões de autoconservação e pulsões sexuais será modificada somente em 1920, quando for introduzida a pulsão de morte, redimensionando o foco do conflito.

⁴ Essa questão será posteriormente desenvolvida, quando for necessário acrescentar os conceitos de identificação e de mudança de objeto sexual para melhor entender as modificações que Freud faz na estrutura teórica da psicanálise após o surgimento da segunda teoria das pulsões.

sexuais infantis remanescentes. A moralidade, a repugnância e o pudor são mecanismos socialmente pensados como auxiliares nessa tarefa, em decorrência do desprazer que os componentes infantis remanescentes podem ocasionar. A sublimação desses componentes seria outra solução encontrada, dando origem a objetos que podem ser socialmente compartilhados (FREUD, 1908a).

Freud assim descreve a ação da pulsão sexual em relação com a civilização:

Esse instinto coloca à disposição da atividade civilizada uma extraordinária quantidade de energia, em virtude de sua singular e marcante característica: sua capacidade de deslocar seus objetos sem restringir consideravelmente sua intensidade (FREUD, 1908a, p. 193).⁵

Encontramos em destaque que esta é uma importante e fundamental propriedade da pulsão sexual: a capacidade de poder se desligar dos objetivos originais de satisfação sexual e se deslocar sobre outros objetivos; uma plasticidade intrínseca, que serve de elo entre o indivíduo e a coletividade, sendo tal capacidade a responsável pelo processo sublimatório.

Contrastando com essa mobilidade, na qual reside seu valor, a pulsão sexual é passível também de se fixar de uma forma particularmente obstinada, o que a inutiliza e a leva algumas vezes a degenerar-se até as chamadas anormalidades. Permanece a constatação de que a capacidade de sublimação está relacionada às características individuais de cada um, sendo impossível para a psicanálise determinar o quanto de energia cada indivíduo é capaz de derivar para esta finalidade.

O vigor original do instinto sexual provavelmente varia com o indivíduo, o que sem dúvida acontece também com a parcela do instinto suscetível de sublimação. Parece-nos que a constituição inata de cada indivíduo é que irá decidir primeiramente qual parte do seu instinto sexual será possível sublimar e utilizar.⁶ Em acréscimo, os efeitos da experiência e das influências intelectuais sobre seu aparelho mental conseguem provocar a sublimação de uma outra parcela deste instinto. Entretanto, não é possível ampliar indefinidamente esse processo de deslocamento, da mesma forma que em nossas máquinas não é possível transformar todo o calor em energia mecânica. Para a grande maioria das organizações parece ser indispensável uma certa quantidade de satisfação sexual direta, e qualquer restrição dessa quantidade, que varia de indivíduo para indivíduo, acarreta fenômenos que, devido aos prejuízos funcionais, e ao seu caráter subjetivo de desprazer, devem ser considerados como uma doença (FREUD, 1908, p. 193).⁷

Freud amplia sua crítica ao demonstrar que o prazer age de forma disjunta da reprodução: “O propósito original das pulsões sexuais é de obter prazer, podendo prescindir de outros objetos que não os genitais para essa finalidade” (Freud, 1908, p. 194), e coloca na

⁵ Como utilizamos a tradução brasileira, das edições Standard das obras completas de Freud, manteremos a palavra instinto que se encontra nesse texto. Quando formos utilizar as concepções já consagradas da tradução de *Trieb* por pulsão será a assinalada por nós sempre que necessário.

⁶ O recurso que Freud utiliza para explicar fenômenos encontrados em certas pessoas, e que não podem ser creditados a acontecimentos derivados da existência ou de influências externas.

⁷ Essa observação será encontrada com mais detalhes quando Freud desenvolver o seu estudo sobre Leonardo de Vinci, explicando que a sublimação de grande parte da pulsão sexual em curiosidade intelectual seria a responsável pela pobreza de relações afetivas em Leonardo (Freud, “Leonardo da Vinci e uma recordação de sua infância”, 1910, p. 193).

cultura o papel de limitar as manifestações destes componentes na criança, por meio da educação e da restrição ao livre curso de sua sexualidade.

Durante esse desenvolvimento uma parte da excitação sexual fornecida pelo próprio corpo do indivíduo inibe-se por ser inútil à função reprodutora, sendo sublimada nos casos favoráveis. Assim grande parte das forças suscetíveis de utilização em atividades culturais são obtidas pela supressão dos chamados elementos *perversos* da excitação sexual (FREUD, 1910, p. 194, *itálicos no original*).

Percebe-se o quanto essa maneira de pensar é devedora de uma concepção de sociedade fundada na ideologia de sua época, uma sociedade que estava em franco desenvolvimento, impregnada dos ideais iluministas, longe daquela que ele mais tarde vai abordar em “O mal-estar na civilização”, texto concebido mais de vinte anos depois. Porém, em 1908, ele ainda está às voltas com uma energia sexual sempre passível de acumular-se ou de ultrapassar certos limites, tornando-se perigosa para o indivíduo e a coletividade.

Seu pessimismo quanto a capacidade dos homens em direcionar suas ações para a aquisição dos valores socialmente elevados é constatada na descrição de que apenas uma parcela da população é capaz de sublimar os componentes infantis constituintes da pulsão sexual, embora exigências e sacrifícios continuem a surgir, tornando a sociedade potencialmente geradora de doenças mentais.

1.3 Os impasses de se pensar a sublimação pelo viés restritivo da sexualidade

1.3.1 A sublimação e a renúncia pulsional

Em 1908, a sublimação ainda não encontra seu campo de especificidade pois permanece restrita à idéia de que impedir a livre manifestação da sexualidade é condição necessária ao progresso. Nessa época a confusão entre recalque e sublimação é patente, pois ambos caminham no mesmo sentido: o recalque pulsional é necessário e a sublimação segue o mesmo caminho do recalque como componentes necessários para a formação da civilização.

Para Birman, o conceito freudiano inicial de civilização se baseava nos idéias iluministas de progresso e felicidade, o que só poderia ser realizado se a livre manifestação da sexualidade fosse reprimida. O discurso iluminista foi construído no Ocidente desde o final do século XVIII, e correspondia a um ideal de progresso e de modernização social, culminando nos preceitos da modernidade, de modo que nas formulações de Freud também está contida

uma crítica à sociedade (BIRMAN, 1999, p. 38). Trata-se de uma definição restrita da sexualidade, frequentemente pensada por Freud, opondo o prazer dos desejos mais selvagens à sexualidade sublimada, apta a proporcionar um prazer mais “leve” e “refinado”, e que exhibe uma concepção moralista, definindo a finalidade última do sexo pela ternura e serenidade.

Basicamente, nestas formulações a renúncia ao desejo seria a responsável pelas aquisições culturais, tornando mais uma vez problemáticas as abordagens da sublimação no meio da sociedade. Não há como negar que, agindo no sentido da renúncia à posição desejanse, a sublimação se dirige ao mesmo caminho que o recalque. Se pensarmos que a sublimação é o destino a ser dado ao que restou ao sujeito após a renúncia, então estamos fadados a encontrar pessoas empobrecidas libidinalmente devido ao dispêndio de energia decorrente dessa renúncia. Talvez seja esta a armadilha que teria de ser desatada, pois a aprovação por um grupo é o que determina, neste momento da elaboração teórica de Freud, a possibilidade de definir a sublimação: são objetos que irão adquirir valor coletivo.

Lacan observa que essa perspectiva corresponde a uma tentativa de conciliar individual com coletivo:

Não parece colocar problema o fato de que o coletivo possa encontrar satisfação lá onde ocorre de o indivíduo ter de trocar suas estratégias, suas miras – e onde, por outro lado, tratar-se-ia, nessa ocasião, de uma satisfação individual correndo por conta própria, sozinha (LACAN, 1997, p. 120).

Longe de se ater à questão da satisfação da pulsão, que é sempre problemática, Freud aborda a sublimação a partir de seus efeitos sociais. Isso explica o porquê de a formação reativa aparecer ao lado da sublimação nos “Três ensaios” e ambas se porem ao serviço da barreira social.

A formação reativa vem acentuar a contradição de se pensar a sublimação pela via da aprovação coletiva, e sua colocação visa exatamente preencher o vazio que encontramos entre a satisfação da pulsão e a aprovação social. Na formação reativa trata-se de uma restrição ao movimento da pulsão em direção ao seu objeto e objetivo, uma barreira posta no caminho para dificultar que a pulsão alcance sua meta, tendo assim sua realização indefinidamente postergada, e não propriamente uma sublimação que pressupõe a mudança na meta e no objeto com satisfação pulsional.

Da mesma forma podemos pensar em relação ao recalque, e seu modo de apresentação: retorno do recalcado. Ora, a sublimação nos apresenta uma perspectiva de satisfação distinta daquela referida na economia da substituição, na qual a pulsão só consegue manifestar-se pela via do sintoma. Uma vez que a pulsão é recalçada, seu modo de satisfação só poderá se concretizar pela formação de compromisso, o que nos coloca na posição de ter de

distinguir retorno do recalcado de satisfação da pulsão pela sublimação. O processo que envolve a sublimação deve passar pelo caráter não recalcado da libido, e pela origem de suas fontes, que são pré-genitais, ocorrendo num momento em que as metas em relação ao Eu, e em relação aos objetos, ainda não foram definidas (LACAN, 1997). Segundo Freud, em “Os três ensaios...”, a sublimação surge num momento anterior ao aparecimento do Eu, pois seus componentes são derivados desde a origem da pulsão, decorrentes da moção pulsional que escapou ao recalque.

1.3.2 A Sublimação em Leonardo Da Vinci

Freud empreendeu um estudo sobre Leonardo da Vinci, e no mesmo ano (1910) publicou o artigo sobre o pintor, mas seu interesse data de muito antes da publicação deste artigo. Segundo o editor de suas obras este interesse pode ser encontrado numa referência que Freud faz na carta que enviou a Fliess em 9 de outubro de 1898 (1950a, notas de James Strachey em *Edições Standard* das obras completas de Sigmund Freud, v. 1, p. 55).

Trata-se do maior texto sobre o assunto que chegou a nós, já que o artigo que ele prometeu publicar referente à sublimação jamais veio à luz. Ali se encontra desenvolvida e ampliada a idéia de que a sublimação se constitui de uma modalidade de conexão entre o indivíduo e a coletividade.

O texto aponta para as dificuldades de Leonardo da Vinci com relação as suas atividades tanto artísticas quanto científicas, e procura explicar o porquê da vida amorosa de Leonardo, que “convertera sua paixão em sede de conhecimento” (Freud, 1910, p. 69), ter sido tão pobre de acontecimentos afetivos.

As conclusões de Freud são decorrentes da análise empreendida sobre os cadernos de Da Vinci. Ele pensava ter achado então a chave para a relação difícil que o artista tinha com sua pintura, seus atrasos com as encomendas, e seu pouco interesse pela sexualidade. A interpretação do sonho de Leonardo quando criança parece revelar a chave do segredo: sua mãe, através dos carinhos, tinha-o erotizado precocemente, e sua curiosidade sexual se transformou em sede de saber (FREUD, 1910b). Independentemente da confusão que tanta polêmica levantou (Freud faz girar sua interpretação em torno do abutre, quando o que Da Vinci descrevia no seu texto era um milhafre, fato revelado pelo historiador de arte Schapiro), o mérito desse texto se expressa no fato de ele se mostrar extremamente útil para a compreensão do problema levantado pelos processos de sublimação. Nele Freud mantém a

idéia de que a sublimação é decorrente da mudança na meta, mas inclui novos elementos ampliando o entendimento do conceito, e revelando duas modalidades de sublimação: uma se relacionando com a atividade artística, outra com a científica.

Ali encontramos em Da Vinci duas atividades de interesse que se encontram paralelas e por vezes competem em seu psiquismo: a atividade artística junto à científica. A interposição dessas atividades e como, através desta dualidade, paulatinamente a atividade artística vai cedendo espaço para a pesquisa científica, evidenciando dois impulsos em direção à sublimação, prevalecendo ao longo do tempo um impulso sobre o outro.

Segundo Freud, a curiosidade intelectual deriva das pesquisas que as crianças empreendem sobre a origem da vida, que em Leonardo atingiu um alto grau de intensidade comprometendo definitivamente sua vida. “O adiamento do amor até o pleno conhecimento constitui um processo artificial que se transforma em substituição” (FREUD, 1910b, p. 70). A pesquisa que inicialmente servia a sua arte passa a assumir o principal interesse de Da Vinci, a ponto de, como observa Freud: “O artista usará o pesquisador para servir à sua arte; agora o servo tornou-se mais forte que o senhor e o dominou” (FREUD, 1910, p. 71). Freud revela que paulatinamente Da Vinci vai ceder o interesse artístico, fazendo dele uma atividade secundária, em troca da curiosidade científica.

Laplanche explica que a arte de Da Vinci, mais basicamente a pintura, lhe remetia a uma origem distinta, muito mais próxima do traumático, um traumático estreitamente vinculado à pulsão escópica. Em outras palavras, a arte estaria perigosamente mais próxima da fonte pulsional, implicando a criação de meios mais elaborados de aproximação ao traumático, o que poderia explicar sua hesitação em entrar em contato com a pintura.

A confusão entre recalque e sublimação fez Freud explicar que o recalque da vida sexual de Da Vinci não forneceu condições para o exercício das tendências sexuais sublimadas. A arte implicava uma erotização da vida que ele não conseguia acompanhar. A tendência à indecisão e à procrastinação sempre ameaçava seu trabalho de artista.

Para Freud, um processo de regressão levou Da Vinci a ceder sua condição de artista para a de pesquisador, e uma segunda sublimação de suas pulsões eróticas sucedeu a sublimação original, levando Da Vinci a tornar-se pesquisador independente de sua arte. A conclusão que se retira da relação problemática que ele estabelecia com a pintura seria então que esta seria fonte de angústia por lhe reenviar ao infinito das sensações e impressões. A arte estava muito próxima do elemento erótico, que constantemente lhe perturbava, enquanto que as pesquisas científicas poderiam mantê-lo afastado da sexualidade.

Neste mesmo texto Freud explicou que a pulsão de saber sofre uma exacerbação do componente sexual, ganhando um reforço e orientando sua atividade para outra finalidade além da sexual, terminando por impor um empobrecimento da vida amorosa. Uma idéia que é conseqüência de se pensar a energia sexual através de um estoque limitado que, ao ser desviado para outras funções, estaria ameaçada de se esgotar.

Freud propôs diferentes destinos para o impulso resultante das pesquisas sexuais:

1. O primeiro seria derivado da inibição neurótica, com enfraquecimento intelectual subsequente.

2. O segundo se faria após a superação do recalque e sua emergência no inconsciente, com a sexualização do pensamento e a ativação das atividades intelectuais. O prazer e a ansiedade caracterizariam a atividade sexual. A satisfação intelectual substituiu a satisfação sexual, e muitas vezes se torna a única atividade; a solução nunca termina e se torna cada vez mais distante.

3. Mas Freud nos aponta um terceiro tipo mais raro que escapa tanto da inibição do pensamento, quanto do pensamento neurótico compulsivo. Nele o componente desejante sexual não fica restrito ao inconsciente.

A libido escapa ao recalque, sendo sublimada em curiosidade. Também neste caso a pesquisa se torna compulsiva e substituiu a atividade sexual, mas com ausência do componente neurótico derivado do recalque, devido à diferença no processo psíquico (sublimação em vez de retorno do recalado), não há ligação com os processos de pesquisa sexual infantil, e a pulsão se torna livre para se dirigir a objetivos distantes daqueles determinados pelos representantes vinculados aos objetivos eróticos primitivos (FREUD, 1910b, p. 74).

Neste texto, a distinção entre recalque e sublimação ainda não estava clara, sendo os mecanismos que determinam um ou outro ainda confuso. O recalque permanece influenciando a pulsão no sentido de fazê-la evitar qualquer vinculação com temas sexuais.

A sublimação com dessexualização seria a condição de possibilidade de passar do particular da criação para o universal da obra. O sorriso de *A Mona Lisa* expressaria uma fantasia do artista que ganha conotação universal para todos os homens, representando o amor de mãe, desde que o componente erótico fosse apagado. A sua universalidade deriva da “possibilidade de satisfazer, sem reprovação, desejos impulsivos há muito reprimidos e que podem ser considerados como perversos” (LAPLANCHE, 1989, p. 106).

Segundo Freud, foi a fixação à cena fantasmática da fustigação pela cauda do abutre o fator determinante para os interesses de Da Vinci. Este emerge da sua infância como artista, pintor e escultor, devido a um talento que foi despertado pela pulsão escópica naquele momento. A criação se tornava uma válvula de escape “para seus desejos sexuais” que permaneciam insatisfeitos.

Os indícios de um novo impulso à erotização, quando Da Vinci já passava dos cinquenta anos, podem ser encontrados na relação manifestada pelos desenhos, que descrevem a profusão de sensações ligadas às forças da natureza, sua volúpia, temas que mais tarde estarão vinculados à estética do sublime (LAPLANCHE, 1989).

1.3.3 Satisfação e sublimação

A pulsão encontra em seu próprio modo de funcionamento os entraves à satisfação direta, sendo o contorno desses entraves um de seus modos de funcionamento, pois no que diz respeito à satisfação sempre encontramos uma relação conflituosa entre a pulsão e a sociedade: o móvel da sublimação não pode ser localizado no fenômeno da aprovação social. Além do mais a referência à dessexualização sempre foi motivo de muitas críticas direcionadas a Freud que no momento do reposicionamento da metapsicologia pela introdução do novo dualismo pulsional apontou que a sublimação ao dessexualizar a libido se põe a trabalhar a favor de Tanatos, mostrando que desta maneira como a dessexualização promove o desfusãoamento das pulsões, tornando a pulsão de morte livre para fazer o seu trabalho de destruição.

Lacan chamou a atenção para o fato de que na sublimação não implicaria, necessariamente, uma dessexualização: a pulsão poderia manter o vínculo erótico mesmo onde não se observava uma ação direta de sexualidade. O exemplo pode ser obtido da linguagem poética que expõe uma paixão circulante entre as palavras mantendo um estreito vínculo entre força e sentido. A linguagem se encontra referida a um campo de intensidade que lida diretamente com o pulsional, estabelecendo uma forma de amálgama entre força e expressão.

Será então que estamos diante de concepções distintas da sublimação? Podemos pensar essa via apontada por Freud que se abre para nós como um incremento de satisfação oferecida em decorrência da impossibilidade de o desejo se realizar plenamente? A resposta, cremos que se encontra no próprio Freud, quando demonstra que o desejo se põe para o humano a partir dos entraves que a pulsão encontra em seu caminho, pois uma satisfação sem limites é ilusória. Não se trata de limitações impostas do exterior por um grupo que restringiria a pulsão de se manifestar livremente, mas de algo que se coloca do interior do sujeito, em seu funcionamento. Há uma inadequação radical entre o desejo e a sua realização, que relançaria o desejo num movimento constante de busca, uma busca que não estaria

limitada pelos caminhos do prazer. Conseqüentemente trata-se de uma questão ética resultante da impossibilidade de adequar o desejo a qualquer determinação externa, do engajamento em um caminho que não sabemos onde vai dar, assumindo suas conseqüências para além dos fantasmas que condicionam nossas escolhas.

Para entender o que se passa na sublimação nós temos que levar em consideração que quando Freud desenvolveu sua primeira teoria das pulsões tinha em mente que a pulsão sexual possuía uma quantidade limitada de libido, e sempre que fosse utilizada de alguma maneira acarretaria em empobrecimento. Uma quantidade de libido se tornaria dessa forma uma barreira por si só às expectativas de sublimação, da mesma maneira que não se podia esperar o retorno ao indivíduo dessas realizações em incremento erótico.

1.3.4 O risco de desejar

De certa maneira, as barreiras em direção à realização são constituintes do próprio movimento desejanste, e a possibilidade de sublimar se torna uma das saídas frente a impossibilidade de satisfação plena. O conflito ético passa a se situar entre a sublimação que dá sustentação à posição desejanste e a resignação pela escolha de uma vida confortável e previsível, em razão da qual podemos nos tranquilizar. Freud, numa passagem de seu artigo “Reflexões para o tempo de guerra e morte”, assim se expressou:

A vida empobrece, perde em interesse, quando a mais alta aposta no jogo da vida, a própria vida, não pode ser arriscada. Torna tão chã e vazia como, digamos, um flerte nos Estados Unidos da América, no qual desde o início fica compreendido que nada irá acontecer, em contraste com um caso amoroso na Europa, no qual ambas as partes constantemente devem ter em mente sua séria conseqüências (FREUD, 1915a, p. 328-329).

Para Freud, a vida só adquire seu valor pelos riscos que o sujeito aceita correr. Esta afirmação só faz valorizar os aspectos relacionados à sublimação, que é indissociável tanto das incertezas em relação ao destino de suas ações, quanto do reconhecimento que possa advir daí.

A partir de uma concepção positiva da sublimação, isto é, a de que é um processo no qual se trabalha em conjunto uma saída para os impasses que a civilização acarreta, pensamos em uma possibilidade de criação que vinculasse o destino da pulsão ao campo da alteridade. Um processo que se exerce em nome próprio e que, por exceder em muito a individualidade deste sujeito implicado na obra, se separa do autor adquirindo autonomia. De forma que uma obra pode ter uma vida fora do autor, vindo a se ligar aos destinos da comunidade que pode se

beneficiar a partir de então. Um benefício que não é determinado a priori, e jamais é previsível, dependendo de variáveis que não podem ser dominadas.

A sublimação, ao contrário do que Freud inicialmente tinha proposto, não tem a finalidade de ser diretamente reconhecida. Pode acontecer de a obra deixar revelar o objeto terrível por trás das aparências, uma estranheza que abala os gostos coletivos, e dessa forma não encontrar acolhimento. Freud nos chama a atenção para esse ponto quando escreve o “Mal-estar na civilização”: “Existem certos homens que não contam com a admiração de seus contemporâneos, embora a grandeza deles repouse em atributos e realizações completamente estranhos aos objetivos e aos ideais da multidão” (FREUD, 1930, p. 81). Talvez Freud estivesse se incluindo neste grupo, já que as verdades que a psicanálise revela não se harmonizam com os ideais que a vida em sociedade promove. Não há relação direta entre sublimação e reconhecimento social. O exemplo pode ser encontrado na própria psicanálise, que sofre, desde sua criação, diversas tentativas de torná-la adaptável ao gosto popular como forma de abolir seu caráter transformador e subversivo.

1.4 A sublimação pressupõe a permanência da tensão entre Eros e Tanatos

A importância que a sublimação adquire só pode ser medida a partir da crítica empreendida à crença na unidade do Eu, na ficção que todos possuímos de sermos constituídos enquanto unidade. A psicanálise nos mostra esse Eu sendo derivado do Isso, para o qual ele “serve de fachada” (FREUD, 1923, p. 83). Essa crença pode ser comprovada a partir da observação sobre o estado amoroso. Para Freud o enamoramento é um fenômeno em que o Eu deixa de reconhecer as fronteiras entre si e o objeto de amor, situando esse fenômeno nas relações interpessoais, mas podendo também ocorrer em diversas situações, caracterizando o Eu como uma instância em que os limites estão sempre em movimento.

Em “A negativa”, de 1925, Freud descreve um complexo mecanismo em que o Eu se desenvolve, buscando isolar-se de tudo que é fonte de desprazer, expulsando para o campo exterior o que é ‘estranho e ameaçador’, e nos alerta para a tendência originária do psiquismo em buscar o prazer e fugir do desprazer. Essa descrição é acrescida de uma surpreendente conclusão: no início, o que é mau, estranho ao Eu, e o que é externo são idênticos. Em razão de pensar o Eu originando-se da diferenciação na massa de sensações ocorre uma nova concepção em que o interior e o exterior derivam de um mesmo momento (FREUD, 1925). O bom e o mau, o que é prazeroso e o ameaçador pertencem ao mesmo referente.

Esse aparente paradoxo vai causar uma série de mal-entendidos na compreensão da relação do homem com o seu desejo, um desejo que se dirige ao núcleo do objeto cindido quando da entrada do prazer, um momento necessário a constituição do Eu. O psiquismo constantemente é atraído por essa origem carregada de excessos e sentimentos ambíguos.

Se, conforme Freud afirma, a possibilidade de sublimação se relaciona a este momento em que não há diferenciação entre o bom e o mau objeto, ele só pode encontrar nesta origem a sustentação de sua presença. Há uma estreita relação entre a sublimação e o movimento do desejo, pela referência ao ponto de fusão das pulsões, e da manutenção deste estado de tensão entre Eros e Tanatos.

Em “O problema econômico do masoquismo”, Freud (1924a) nos chama a atenção para o fato de que existem estados onde o aumento de tensão não é sentido como desprazeroso, fazendo então menção ao masoquismo erógeno como lugar de fusão das pulsões. Em decorrência de não poder identificar no aspecto quantitativo a característica maior do princípio do prazer, colocou-se lado a lado a pulsão de morte e a libido. Neste texto capital para se entender a sublimação, Freud põe no princípio de realidade a capacidade de suportar a tensão para que ocorra a sublimação, um desprazer temporário e necessário que pode ser utilizado no processo assim descrito:

Uma parte do instinto é colocada diretamente a serviço da função sexual, onde tem o papel importante a desempenhar. Esse é o sadismo propriamente dito. Outra porção não compartilha desta transposição para fora; permanece dentro do organismo, e com o auxílio da excitação sexual acompanhante acima descrita. Lá fica libidinalmente presa. É nessa porção que temos de identificar o masoquismo original, erógeno (FREUD, 1924a, p. 204).

Creemos que é na parte retida no interior do aparelho que devemos localizar a energia que deverá ser utilizada num procedimento sublimatório.

1.5 A sublimação e o mal-estar

Dado que a sublimação é um processo que não se faz de uma vez por todas, sendo necessária sua reconstrução dia a dia, e também pelo entendimento de que essa condição é passível de desaparecer jogando o indivíduo na situação de impotência frente às forças de Tanatos, encontramos a advertência de Freud de que a psicanálise não imuniza e não nos protege para todo sempre de recaídas. Reconhecemos que um movimento deve ser feito no sentido da elaboração de uma arte de viver capaz de diminuir o sofrimento psíquico; uma arte que, segundo “O mal-estar...”, nos tornam capazes de enfrentar as forças do destino. O recurso à atividade sublimatória ganha grau de importância, pois é através destas que a pulsão

pode mudar de objetivo e encontrar satisfação em situações que estão longe das originalmente determinadas, sendo, pois, uma proteção para as decepções ligada às expectativas arcaicas. Por ser uma operação que mantém seus vínculos com a realidade externa, a sublimação está condicionada à mudança, tornando esta realidade menos frustrante. Dessa forma pode impedir o retorno do sintoma em decorrência de sucessivas decepções que possam advir dos caminhos condicionados pelo fantasma.

A tarefa aqui consiste em reorientar os objetivos instintivos de maneira que eludam a frustração do mundo externo. Para isso, ela conta com a assistência da sublimação dos instintos (FREUD, 1930, p. 98)

Freud apostava na sublimação como mecanismo possível de diminuir o mal-estar. Uma via especialmente capaz de nos livrar das ilusões decorrentes das expectativas em relação a antigas ilusões, e uma compensação para as renúncias as quais somos obrigados a fazer em nome da vida em sociedade. Mas, ao entender a arte como uma ilusão, Freud descrevia sua ação através da contemplação compartilhada, não reconhecendo o poder de transformação que ela é capaz. Tampouco percebeu que na estranha semelhança entre as concepções psicanalíticas e estéticas repousava uma capacidade para além do seu mero aspecto de ilusão.

Encontramos na arte um lugar de sustentação de uma possível visada para o desejo, pois as outras modalidades de sublimação apontadas por Freud não se mostram a altura desta tarefa. A ciência, com suas pretensões a tudo saber, seu desejo de saber absoluto, não se mostra um caminho adequado para abarcar o ato criativo que supõe uma região inalcançável pelo conhecimento. A angústia transitória que o ato criador suscita se aproxima dos efeitos de um trabalho de análise, pois requer um esforço contínuo de aproximação do real, o que constantemente interroga a verdade do desejo. Dessa forma, tanto a arte quanto a psicanálise contrariam essa vontade de tudo saber que a ciência traz em seu bojo, buscando dar direito de morada ao sujeito do desejo, um sujeito descentrado e em constante deslocamento, contrariando as pretensões narcísicas de totalização e harmonia.

1.6 A concepção da pulsão e os dois princípios de funcionamento mental

1.6.1 O lugar da sublimação numa sexualidade restrita

Freud nos propõe ao longo de sua obra duas estruturas distintas para se pensar a sublimação, e que correspondem, ao que tudo indica, a concepções metapsicológicas

diferentes, situando nesse jogo uma modificação estrutural nas instâncias tópicas, variando o sentido e a importância delas ao longo de seu desenvolvimento teórico. Essa distinção é indispensável ao edifício teórico, tanto do ponto de vista individual quanto coletivo, pois mostra uma utilização positiva da energia por oposição à neurose. No bojo da conceituação da sublimação organizam-se os questionamentos sobre a origem dos laços sociais, as atividades profissionais, os sentimentos de ternura e amizade, além das realizações artísticas e científicas. Conseqüentemente é a partir da sublimação que Freud tenta entender o porquê de dispensarmos tanto tempo em atividades, tanta energia em tarefas fatigantes, quando seria mais simples viver a vida de maneira direta e inseqüente.

São concepções estreitamente ligadas ao funcionamento da pulsão e ao estoque de energia que poderá ser utilizada nesta tarefa, já que se trata de um destino da pulsão que busca dar inteligibilidade a atividades que não guardam relação direta com o sexo, mas encontram sua energia na pulsão sexual, expressando uma dimensão da subjetividade que de outra maneira não encontraria condições de vir à luz.

Em seu artigo metapsicológico sobre as pulsões, Freud vai descrever que se trata na sublimação de uma atividade ligada diretamente à satisfação da pulsão, com características diferentes dos outros destinos, que são o recalque, o retorno sobre a própria pessoa, e a passagem da atividade para a passividade (FREUD, 1915b). Essa modalidade de atividade vem caracterizar a relação do psiquismo com o conjunto da sociedade, ligando a particularidade de cada indivíduo aos seus membros, uma questão que percorre inúmeros textos em diferentes períodos. A sublimação é o nome dessa capacidade de trocar seu objetivo sexual por outro, não mais sexual, mas psiquicamente relacionado com esse primeiro objeto.

Com o surgimento do segundo dualismo pulsional, a restrição à utilização de um estoque limitado de libido desaparece, e o aspecto quantitativo será o principal problema que deverá ser enfrentado, passando o destino da pulsão a ser a principal tarefa. Neste momento em que a pulsão adquire destaque torna-se importante a descrição de seus componentes e de seu funcionamento.

1.6.2 A compreensão da pulsão nos modelos de funcionamento psíquico propostos

Toda referência a sublimação pressupõe a condição de que a energia sexual pode desligar-se de seu componente sexual, derivar de seu contexto e buscar satisfação em um campo longe daquele ao qual estava originalmente vinculado. A pulsão sexual possui então a

propriedade de separar-se de sua meta, seu objeto, sua fonte, e ligar-se com outros, ou mesmo trocar de posição. Em seu “Leonardo...”, Freud nos diz que a pulsão se presta a essa finalidade, decorrente de sua plasticidade: “uma capacidade de sublimar, de substituir o objetivo imediato por outro desprovido de caráter sexual” (FREUD, 1910b, p. 72). Uma transformação que se origina muito cedo, e pode ser notado na capacidade das crianças de direcionar suas energias na pesquisa da origem da vida.

Em “Os instintos e suas vicissitudes (Freud, 1915b)”, ele relaciona os quatro elementos que compõem a pulsão:

1 – A meta, que do ponto de vista puramente quantitativo seria a satisfação. Essas metas implicam certo modo de satisfação que demarcam caminhos inconscientemente determinados, sobre os quais na maioria das vezes o indivíduo não tem clareza do modo como os percorre.

2 – O objeto, elemento por meio do qual a pulsão atinge sua meta. Freud nos diz que é o que há de mais variável na pulsão. O objeto não é biologicamente determinado; outras circunstâncias de natureza psíquica entram em jogo para caracterizá-lo. Na maioria das vezes não se trata de algo físico, podendo ser o próprio corpo, ou mesmo derivado do fantasma inconsciente.

3 – A fonte, que pode ser qualquer área da superfície corporal, ou do interior do organismo, cuja excitação se representa no psiquismo através da pulsão como uma exigência de trabalho feita ao psiquismo. São representadas na vida psíquica através das zonas erógenas.

4 – O impulso (*drang*), que é a própria pulsão em seu movimento de ir e vir, e seu caráter imperioso de se manifestar, a força que só se revela por seus efeitos.

A pulsão é aquilo que dá início a certo movimento, situa-se como uma força constante, da qual o aparelho não pode fugir (essa é a distinção que Freud faz em relação a um estímulo externo). A característica das pulsões sexuais é serem fragmentadas, não sistematizadas, sem consideração para com o organismo, e seu funcionamento não se limita a uma função biologicamente determinada, são múltiplas, independentes umas das outras, e se originam de diversas fontes.

Quando a primeira teoria das pulsões é descrita o aparecimento da pulsão sexual acontece a partir dos orifícios corporais, que entram em contato com o corpo do outro. Essas zonas adquirem uma importância privilegiada, pois são passagens do interior ao exterior do corpo, e fonte direta da sexualidade. Inicialmente, as pulsões sexuais seguem as vias assinaladas pela fome, sede, defecação, e somente num segundo tempo é que elas abandonam essa conexão com a fisiologia.

Nos “Três ensaios...” é descrito o deslocamento do alimento leite para o objeto sexual seio, numa operação de desligamento do objeto da conservação, para a introdução do objeto sexual que fará parte da fantasia. É na forma da fantasia que o objeto é introduzido no psiquismo, passando desde então a habitar a zona erógena. Esse objeto se encontra na origem da excitação sexual, se confunde com a própria fonte da excitação, e se encontra no interior do aparelho, dando origem à fantasia fundamental derivada das primeiras experiências de satisfação. O que se demarca desse conjunto pensado a partir do par mãe-bebê é a importância desse encontro com a alteridade, do qual o ser humano depende; uma alteridade necessária, e ao mesmo tempo portadora de um excesso que o psiquismo não tem condições de absorver ou dominar.

O modelo de funcionamento mental concebido por Freud será modificado sucessivas vezes após esbarrar em constatações da clínica: indivíduos que repetem incansavelmente atos que lhe são fonte de desprazer. O fato de a angústia (afeto que representa o desprazer no aparelho) ressurgir repetidas vezes sem que se possa dominar, revelou que o aspecto quantitativo era o mais importante. O equilíbrio alcançado sempre é precário e provisório, pois o impacto da pulsão no aparelho requer um constante remanejamento dos caminhos de prazer a serem trilhados.

A possibilidade de substituição da tendência alucinatória, originalmente presente, só acontece após sucessivas decepções, tendo o objeto substituto que guardar conexões com a realidade a partir da existência de um traço de semelhança com o objeto perdido. A satisfação parcial é a condição de pôr o aparelho em movimento, já que esse objeto está ali para tamponar um vazio de plenitude buscada. Há uma perda que é a condição do desejo, constituindo uma das possibilidades de relançar o aparelho no movimento de busca.

O princípio de realidade busca uma qualidade extrínseca nesse objeto com a finalidade de o distinguir da alucinação, recorrendo a mecanismos que retardem a descarga (atenção, comparação com o registro de memória). Freud aponta em “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental”, texto que tem sua publicação em 1911, que é por identidade de pensamento que se manifesta o princípio de realidade. Ele refere esse campo ao domínio da sexualidade, constituído basicamente por representações ligadas ao prazer. Em outras palavras: permanecemos presos ao princípio do prazer e esse novo princípio que agora surge para regular o funcionamento do aparelho não consegue escapar à sua lógica, pois vincula a percepção a um sinal advindo do sistema intimamente vinculado ao prazer:

na realidade a substituição do princípio do prazer pelo princípio de realidade não significa a destituição do prazer, mas antes sua garantia. Renuncia-se a um prazer

momentâneo, incerto em suas consequências, mas para ganhar essa nova via: um prazer retardado, mas mais seguro (FREUD, 1911a, p. 283).

1.7 A sublimação a partir da segunda teoria das pulsões

1.7.1 Um novo objeto para pulsão

Na primeira teoria das pulsões o circuito de satisfação se encontrava todo sob o domínio do princípio do prazer. O psiquismo se dirigia a reencontrar o objeto perdido responsável pelas primeiras experiências de satisfação, e o conflito acontecia entre a sexualidade e a conservação. A articulação entre percepção e memória, no sentido de ativar as vias de descarga através de mecanismos perceptivos, eminentemente alucinatórios, a entrada da realidade através da inibição que o Eu efetua sobre o processo primário, interpondo entre o estímulo e a descarga o pensamento, tudo isto constitui a mola e a essência do princípio do prazer, seu reino e limite, e que agora se vê contestado, pela entrada de um novo princípio.

Porém o que a psicanálise nos descreve com a introdução do “Além do princípio do prazer”, de 1920, é um modo de funcionamento do aparelho totalmente diverso. Nesse momento, da entrada da pulsão de morte, o psiquismo não pode mais ser concebido como a busca de reencontro com a experiência originária de satisfação. Nas primeiras páginas deste texto que abre para a psicanálise o novo dualismo pulsional, Freud descreve a brincadeira de seu neto que consistia em atirar para longe os objetos ao seu alcance, até encontrar um que lhe permitisse dominar essa situação derivada da ausência da mãe. Através desse jogo a criança repetia a situação penosa, tornando-se o agente desta. No relato produzido por Freud trata-se de um vazio que necessita ser preenchido com a invenção de um objeto apto a tamponar o buraco decorrente da ausência da mãe. A criança, através do artifício, da invenção desse objeto e da brincadeira, “sublima” essa cena carregada de angústia e apreensão, no jogo que agora domina.

A percepção de que a repetição não visava somente ao retorno do recalcado, mas se relacionava com uma função mais arcaica e essencial, alterou todo o quadro teórico que se vinha desenhando desde então. A função principal do prazer não é mais afastar os motivos que perturbaria o sono, realizando os desejos ligados às moções pulsionais perturbadoras.

Essa função só posteriormente pôde ser assumida após ligar essas excitações que irrompem no inconsciente. Surge então a hipótese da pulsão de morte implicando novas considerações a serem feitas sobre o conflito presente no psiquismo: uma que visa à manutenção de uma quantidade de energia em equilíbrio, e outra que quer a extinção de toda excitação presente no aparelho. O ‘mais além’ se encontra marcado pela inadequação a qualquer mecanismo adaptativo. Permanece, contudo, a propriedade essencial da pulsão se manifestar: a repetição. Toda pulsão visa à repetição de um estado anterior, de um evento primordial, revelando a sua face conservadora.

Dessa forma, são postas duas tendências simultâneas em ação em cada ser humano: a que quer reencontrar a unidade perdida, conforme descrito por Platão em *O Banquete*, em que põe na boca de Aristófanes o relato sobre o mito da unidade perdida e a busca de retornar a essa unidade; e uma tendência mais primitiva que quer encontrar a abolição de toda vida e retornar ao estado inanimado (FREUD, 1920).

Se as pulsões impõem uma exigência de trabalho ao aparelho psíquico, após a introdução da pulsão de morte a tarefa primordial passa a ser inicialmente ligar a energia livre, constitutiva do processo primário, transformando-a em energia ligada. A repetição condiciona o funcionamento do psiquismo preparando a entrada do princípio do prazer, pois sua intenção é reduzir ao menor nível a energia circulante. Além do mais o prazer também está a serviço da função primordial que é a de reduzir a tensão no aparelho, e, nesse sentido, não se opõe frontalmente ao que interrompe momentaneamente seu funcionamento.

Para Freud, o protótipo do funcionamento do psiquismo torna-se uma experiência originária de desamparo frente ao excesso pulsional (não é mais a busca por uma repetição da experiência originária de satisfação), implicando uma exigência de trabalho a um sujeito que se encontra constantemente às voltas com o trauma, contrariando a idéia de que os processos inconscientes são dominados pelo princípio do prazer. A repetição aqui não está mais marcada pelo retorno dos signos de satisfação, mas pela tentativa do aparelho de dominar esse excesso que constantemente arrisca transpor as barreiras estabelecidas. Ao contrário do que verificamos quando da entrada do princípio do prazer, podemos dizer que neste ponto falta um objeto capaz de ser alucinado, somado ao fato de que temos excitações eternamente insatisfeitas, ameaçando retornar indefinidamente.

O efeito da presença da pulsão de morte é que, desarrumando constantemente o campo da representação, ela permite o surgimento de algo novo, um objeto que não foi inicialmente marcado pelas experiências de satisfação, e por isso derivado de construções distintas do campo representacional. Para Lacan, a verdadeira sublimação se inicia com a entrada da

pulsão de morte, já que o seu entendimento é de que a ação da pulsão de morte não visa exatamente ao ser biológico do sujeito, mas às coordenadas que o orientam em sua busca por reconhecimento narcísico.

O trabalho psicanalítico pode ser então traduzido pela aquisição de uma capacidade subjetiva para suportar esse estado originário de desamparo e horror desencadeado pela queda das imagens narcísicas, e na condição de derivar a força pulsional a objetos do mundo, num processo de criação de um novo objeto para a pulsão, a partir da relação de proximidade com o traumático.

1.7.2 Pode a sublimação responder a essa exigência imposta pela pulsão de morte?

O traumatismo se reporta a esse excesso gerado na origem do psiquismo, que pode ser transformado em energia destinada a criação contínua. Essa força nascente do traumatismo visa a ser descarregada em atividade criadora, não se esgotando nesse processo, pois o movimento se refaz a todo o momento. Temos então dois movimentos: o de uma geração de energia sempre em vias de se acumular e gerar desprazer, e outro movimento que procura esgotar esse excesso, situação que nos remete a um desequilíbrio constante entre as forças geradoras de tensão e os mecanismos de descarga.

Na segunda teoria da pulsão, a repetição não mais representa o retorno dos antigos circuitos de satisfação, e o jogo pulsional se fará num movimento em que o Eu troca de objeto, identificando-se ao objeto situado no outro. Isso se processa numa operação em que o dentro e o fora se alternam no Eu, demonstrando a natureza fragmentada deste, feita de traços adquiridos a partir da relação com a alteridade. O Eu demonstra uma capacidade surpreendente de modificar, dividir, e se reconstituir quando submetido às exigências das forças internas e externas. O fator novo é que esse mecanismo não acontece entre o Eu e o Isso, mas no próprio Eu. Freud descreve essa operação da seguinte forma:

Pois bem, não há dúvidas de que isso é possível. O eu pode tomar a si mesmo como objeto, tratar-se como aos outros objetos, observar-se, criticar-se, e fazer sabe Deus o que mais consigo mesmo. Por isso mesmo uma parte do Eu se coloca diante da outra. O Eu é, pois, físsil, ele se cliva em muitas de suas funções, ou pelo menos as passa adiante (FREUD, 1940a).

Freud chega a descrever o Eu de forma semelhante a uma estrutura de cristal, demonstrando que sua composição é heterogênea, uma concepção que não comporta qualquer possibilidade de incluir um pensamento da identidade nessa lógica.

A clivagem do Eu não abala somente a concepção metapsicológica do conflito entre o Eu e o Isso, mas também a da divisão entre o Eu e o recalcado. Essa fenda que o Eu contém, nos diz Freud, só faz aumentar com o tempo. Assim, em seu artigo inacabado “A divisão do ego no processo de defesa” (Freud, 1940b) ele marca a importância desse fenômeno, quando um compromisso estabelecido entre a satisfação de uma pulsão e a realidade conflitante se torna o núcleo dessa clivagem, trazendo para o centro da questão os pressupostos da reflexividade e da alteridade, ambas em constante relação através de uma reciprocidade entre o dentro e o fora. Em “Luto e melancolia” (Freud, 1917a) já encontramos traços dessa reflexão, descrita como a modificação do Eu após o abandono do objeto sexual, e a instalação desse objeto no seu interior, um processo que adquire importância cada vez maior.

Esse mecanismo de transformação do Eu pode ser descrito como a substituição de um investimento de objeto pela identificação ao objeto, marcando a presença do outro na constituição do Eu, outro que é suporte de identificações. Em consequência da exigência de trabalho imposta pelas pulsões, o Eu deve constantemente se referir à alteridade, acrescentando novos objetos a sua estrutura. Localizamos neste mecanismo um verdadeiro processo de erotização e sublimação, mostrando que o Eu se encontra em constante devir, por remanejamentos efetuados em sua estrutura. A capacidade do Eu de se dividir, trocar de objetos, desapegar-se e novamente investir em outros objetos só vem realçar a importância da sublimação como concepção de cura.

Podemos pensar a sublimação a partir das constantes modificações que a relação com a alteridade condiciona no psiquismo, levando às diferentes vias de interpretação. Essa maleabilidade possível implicada entre a pulsão, o objeto, o Eu e o Outro, nos leva à experiência radical de descentramento e da perturbação provocada pela confusão entre o dentro e o fora. Encontramos uma descrição desse processo no ensaio de Freud, “O estranho”, de 1919, o encontro da semelhança e dessemelhança, ambas criando um sentimento de desorientação, com a possibilidade de novas orientações para o psiquismo.

1.7.3 A valorização do pólo subjetivo

A reviravolta da teoria das pulsões acontece conjuntamente com o desenvolvimento de uma teoria do Eu, a ponto de Freud se referir a essa instância como a responsável pelos movimentos que conduzem à sublimação. O Eu vai ganhando em importância a ponto de ser elevado à condição tópica, e é nesse momento que o pólo objetual encontra o seu limite. O

desenvolvimento da psicanálise passa a demandar uma lógica distinta daquela sustentada pelo recalque reorganizando desde então toda experiência oriunda do inconsciente.

O excesso torna-se fundamental para entender o funcionamento do psiquismo, e acontece pela incapacidade do Eu em dominar e utilizar a energia proveniente do organismo, para com isso manter a quantidade de energia estável. De um modo geral a ameaça de invasão pelo excesso é um risco ao qual frequentemente o Eu está exposto, e a sublimação se torna um recurso possível, derivando essa energia que ameaça romper o equilíbrio, já que ela se opõe à tendência ao desligamento, à energia livre, e a tudo que provém da pulsão de morte. Por esse motivo Freud fala na construção de um estoque libidinal como condição não somente de sublimar, mas de desviar esse excesso proveniente da pulsão de morte para o exterior. Esse estoque com certeza não deriva da inibição neurótica, nem da abstinência sexual.

1.8 A sublimação e a clínica

1.8.1. Repetição e sublimação

Todo psicanalista sabe o quanto é importante a clínica. Não há psicanálise sem que certo olhar a ela seja dirigido, fato confirmado por Freud que sempre a levou como o principal fator de desenvolvimento do saber psicanalítico, e pela observação de que sempre se mostrou pronto para mudar um argumento ou conceito quando um elemento da clínica se mostrava contrário as suas observações. É essa singular interseção entre teoria e clínica que move a psicanálise e a torna única. Diríamos que a psicanálise promove dois senhores quando afirma que não há teoria sem clínica, e não há clínica sem teoria, o que a diferencia de uma prática terapêutica ou de um sistema filosófico de pensamento.

Foucault tinha enfatizado o quanto a dimensão da subjetividade era importante para a compreensão de nosso momento histórico, muito embora não tenha dado a atenção necessária para o aspecto transformador que a clínica psicanalítica promove. Nesse aspecto sua idéia de estética da existência só faz aumentar em importância as observações de Freud, quando este pretendia aproximar as descobertas da estética a uma psicanálise que transita por entre os interstícios dos saberes vigentes, extraindo seus conceitos e levando em consideração os fenômenos transferências, tornando-se única no processo de transformação da subjetividade.

Já no início de suas elaborações Freud observou que o sintoma histérico possuía um significado vulnerável à interpretação. Daí surgiu a idéia de desenvolver uma técnica de interpretação que pudesse curar aqueles que sofriam de tais sintomas.

Em *Estudos sobre a histeria* (Freud, 1893-1895), realizados em parceria com Breuer, ele associava estes elementos patogênicos com a etiologia sexual, e pensava haver nos sintomas histéricos uma espécie de defesa que impedia seu acesso à consciência: a idéia se tornou patogênica, foi expulsa da consciência e o recalçamento impedia o seu retorno. A transferência passa a ser utilizada como uma forma de vencer as resistências, e restituir o conteúdo recalçado à memória. Essa clínica tinha então como pressuposto o de tornar consciente o inconsciente.

Em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, de 1905, Freud faz a ligação da fantasia com as pulsões sexuais, descobrindo uma dimensão de encenação na transferência útil ao trabalho terapêutico. Muitos anos depois ele encontra a repetição, mas revelando sua face de resistência a rememoração, pois o Eu, por estar investido pelas pulsões sexuais, revela-se uma força contrária ao progresso terapêutico (FREUD, 1914a). O narcisismo surge como um novo fator a revolucionar a clínica, colocando-se como mais um obstáculo a ser vencido. Isso é revelado quando o processo psicanalítico se aprofunda e o paciente passa a buscar satisfações mais vinculadas ao trabalho na transferência, vindo a atuar suas antigas ligações libidinais durante o tratamento.

As fixações aos caminhos antigos de satisfação revelam a incapacidade da libido de se lançar sobre novos objetos e investimentos, vindo a repetir situações ligadas ao passado. Em “Recordar, repetir, e elaborar”, texto de 1914, Freud nos define uma ordem da repetição na qual o indivíduo repete em decorrência da impossibilidade de se lembrar, e indica essa repetição como derivada do retorno do recalçado: uma modalidade de repetição que é responsável pela reiterada experiência de fracasso e decepção do sujeito. Essa repetição se distingue daquela elaborada posteriormente em “Além do princípio do prazer (Freud, 1920)”, como compulsão à repetição, uma repetição que não guarda qualquer relação com o recalque. A clínica passa a dar mais atenção aos processos de simbolização do que os de recordação, pois a simbolização tem mais relação com a compulsão à repetição, uma experiência próxima do pulsional, permitindo superar os impasses da resistência.

1.8.2 A sublimação no processo de cura

A partir do novo dualismo pulsional a atenção estará voltada para o aspecto quantitativo da pulsão, do excesso e da compulsão à repetição, colocando entre parênteses a importância da representação nos progressos terapêuticos. Isso produziu uma virada nos procedimentos da clínica que, apesar de não abandonar os métodos tradicionais, teve que levar em consideração outros fatores e instrumentos, além da reconsideração por antigas concepções terapêuticas.

Sabemos que inicialmente Freud aconselhava os médicos a não incentivarem seus pacientes a sublimar. Ele tinha naquela época a idéia de que a libido era constituída de um estoque esgotável, e que o esforço em sublimar tornaria suas vidas mais miseráveis. Essa opinião é expressa em “Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise”:

Nem todo neurótico possui grande talento para a sublimação; pode-se presumir que de modo algum teriam caído enfermos se possuíssem a arte de sublimar seus instintos. Se os pressionarmos indevidamente no sentido da sublimação e lhes cercearmos as satisfações instintuais mais acessíveis e convenientes, geralmente tornar-lhe-emos a vida ainda mais árdua do que a sentem ser, de qualquer modo (FREUD, 1912, p. 157-158).

Vinte e seis anos depois Freud passa a olhar para a sublimação como um importante aliado do processo terapêutico, mudando radicalmente a opinião, vendo a sublimação como uma aliada.

Em seu artigo “Esboço de psicanálise”, Freud observa que a sublimação é benéfica para os pacientes, revelando-se um fator favorável ao trabalho psicanalítico:

Uma certa inércia psíquica, uma indolência da libido que não está disposta a abandonar suas fixações não pode ser olhada com bons olhos; a capacidade do paciente de sublimar suas pulsões desempenha um grande papel e assim também a sua capacidade de elevar-se acima da vida grosseira das pulsões (FREUD, 1940a, p. 209).

A viscosidade libidinal, o apego a certos objetos fixados pelos caminhos de uma satisfação fantasmática, deixando de lado propriedades benéficas ao trabalho analítico, como a plasticidade da pulsão sexual, seu poder de deslocar-se em relação aos objetos, e as derivações que ela é capaz de fazer, são fatores que se interpõem no caminho de uma análise e devem ser combatidos. A capacidade de sublimar se transforma num aliado fundamental a partir da introdução da pulsão de morte e seus fenômenos de repetição, de excesso, causando constante desequilíbrio ao aparelho psíquico. Os recursos aos mecanismos de erotização e sublimação são as vias necessárias para os destinos dados ao excesso resultante do impacto pulsional. O sucesso de uma análise passa a ser a colocação da pulsão de morte sobre o domínio de Eros.

Na sublimação a possibilidade da criação de um novo objeto se torna necessária. É essa capacidade que se encontra comprometida nos indivíduos neuróticos: a perda da capacidade de se deslocar para outros objetos em decorrência de fixações arcaicas, a

incapacidade de abandonar antigos caminhos de satisfação, e a eleição de ideais impossíveis de serem realizados, são situações que devem ser combatidas pelo trabalho psicanalítico.

O método terapêutico se dirige no sentido de mobilizar forças que estão paralisadas, ampliando a capacidade de suportar certa cota de desprazer. Ela permite ao sujeito reorientar seus caminhos por vias que não estão condicionadas pela repetição fantasmática, permitindo uma subjetivação dos elementos e, a partir de então, tornar possível a construção de novos caminhos para a satisfação pulsional. O conflito se torna a fonte desse campo movente, campo da alteridade, onde a sublimação pode desempenhar importante papel. O processo de análise deve ser capaz de sustentar a invenção de novas formas de satisfação, condição imanente da sexualidade humana. Isso porque a capacidade de mudar e de abandonar antigas fixações é condicionada pelos processos sublimatórios. A sublimação permite ir além das ligações a antigas demandas de satisfação infantil em razão dos deslocamentos e das modificações de objetivo, e com isso se torna um valioso instrumento da análise, reforçando a plasticidade dos investimentos e possibilitando o sucesso de Eros sobre Tanatos.

Joel Birman, em “Fantasiando sobre a sublime ação”, nos propõe como meta da experiência psicanalítica a produção criativa, pelas mudanças que o trabalho analítico promove na subjetividade, facilitando o remanejamento do funcionamento psíquico. Em suas palavras:

(...) seria apenas quando a subjetividade perde a sua potencialidade de se movimentar e de se articular a conflitualidades em negociações constantes é que ela estaria perturbada no seu ser. É quando não consegue mais processar e transformar as conflitualidades em produção psíquica que a subjetividade evidenciaria algo de perturbação. A paralisia se conjugaria com a esterilidade mental (BIRMAN, 2002, p. 93).

O autor nesse artigo vai mais além ao nos propor uma mudança no polo de consideração dos problemas que derivam de mecanismos envolvidos. Essa mudança se faz na consideração por novas formas de subjetivar aquilo que não se submete à representação, permanecendo numa via erótica. Segundo ele: “É necessário deslocar o problema em pauta [erotização e sublimação] do registro único da pulsão para o engendramento dos processos de subjetivação” (BIRMAN, 2002, p. 97). Nesse ponto nos chamando a atenção para considerar os fenômenos que agora passam a ter maior relevo neste percurso, ou seja: o desamparo constitutivo da existência (“o desamparo seria o grau zero da subjetividade. Em contrapartida, uma fonte inesgotável de possibilidades”) (idem, p. 116), aproximando uma leitura do desamparo da feminilidade pensada pela perspectiva freudiana.

1.8.3 Os novos caminhos da sublimação

Em um primeiro momento da elaboração psicanalítica é descrito uma reserva limitada de energia que guarda a potência de tornar-se patogênica no instante em que as vias em direção à descarga são fechadas. A sublimação será esse caminho pelo qual a energia poderá se deslocar, evitando o seu acúmulo que sempre é sentido como desprazeroso. A consideração pelos fatores quantitativos é importante, tendo em vista que os motivos causadores da neurose ocorrem num plano gerador de excesso de libido se diferenciando dos processos ligados à sublimação.

Freud não via a sublimação como uma meta do tratamento psicanalítico, nem como uma manifestação de um ideal terapêutico, apesar de se constituir como uma saída positiva para os impasses colocados pela clínica, pois no que concerne à psicanálise sua inclinação terapêutica está longe de constituir-se em procedimento pedagógico. Esse é o ponto que a diferencia de outras formas de terapêutica, e Freud faz um esclarecimento direto dessa questão mostrando que o trabalho analítico não propõe ideal terapêutico ou normativo. Esse trabalho se relaciona com a promoção de análise, ficando a síntese por conta do paciente (“essas se fazem por conta própria desde que as condições sejam possíveis” – carta ao pastor Pfister).

Segundo Freud, algo no funcionamento mesmo da pulsão impede a satisfação completa. Não se trata de limites e imposições vindas do grupo, constringendo a liberdade, nem de uma escolha prudente a fim de evitar as conseqüências desagradáveis em relação ao desejo, mas uma condição do pulsional frente ao engodo de um gozo sem entraves. Somos constantemente levados à realidade do corpo, a sua finitude, e à condenação que todos temos ao impensável da morte.

“Novas conferências...”, texto de 1933, Freud nos traz a famosa frase que estabelece o caminho a ser trilhado no trabalho de análise (*wo Es war soll Ich werden*), e aproxima esse trabalho a uma espécie de sublimação decorrente da conquista de um terreno inóspito. Uma conquista que é ao mesmo tempo um trabalho cultural e se relaciona a uma parte do Isso que deve ser colonizada pelo Eu, demonstrando nessa conquista um processo que não se aproxima de uma renúncia, tratando-se muito mais de uma ampliação de horizontes, de criação de algo novo, do que de uma restrição.

Nos textos posteriores ao “O ego e o id”, ele nos aponta um caminho para a sublimação distinto do que anteriormente havia traçado, supondo que não é necessária a dessexualização, e que a sublimação deveria ser direcionada para a criação de novos objetos

de investimento, decorrentes da ruptura das ligações previamente determinadas. A criação de novas ligações, mantendo o vínculo erótico das mesmas, atestando a participação da sublimação na clínica.

1.8.4 Com o traumático a sublimação se torna importante para a clínica

O fio condutor de uma constante forma de produção e criação se encontra no conceito de traumatismo, um evento estreitamente vinculado a idéia de ataque pulsional, que impõe ao aparelho uma exigência de trabalho pelo excesso de tensão que acarreta, suspendendo o domínio do princípio do prazer. Essa suspensão impede que as vias associadas às experiências originárias de satisfação sejam usadas. Isso permite que uma conexão relacionada com a seqüência de eventos ponha trauma e sublimação em proximidade, pois a sublimação requer o abandono dos antigos vínculos de satisfação, o que pressupõe que os caminhos ditados sejam diferentes daqueles organizados pelas coordenadas do prazer.

O trauma se acha então relacionado ao funcionamento primordial do aparelho, que consiste em ligar as energias livres e torná-las manejável. Esse modo de ver o problema nos remete ao lugar da origem: ao originário não como um acontecimento temporal estabelecido, mas como algo a que nos devemos referir constantemente (LAPLANCHE, 1989). Um traumatismo que não é pensado em termos da repercussão de um abalo físico sobre o espírito, mas como passagem de uma energia a outra, de uma energia rudimentar a uma nova energia, funcionando segundo outro regime de ação que se revela não só a partir das fantasias inconscientes, das formações e sintomas, mas também em realizações. A teoria do traumatismo se torna o ponto preciso para conceber a energia sexual a partir de uma neogênese energética que impulsiona a sublimação, resolvendo um problema que sempre preocupou Freud que, por não ter seguido as vias que ele mesmo pensou, designava a libido a partir de um estoque limitado e sempre se via às voltas com o fator econômico.

Trata-se da possibilidade de satisfações no campo da alteridade, onde o analista permite ao desejo sua realização em outro contexto. Caberia então um novo entendimento da questão do desejo, e do trabalho do analista em facilitar ao analisando sustentar-se na posição desejante. Nesta situação a sublimação seria a possibilidade de construir novos caminhos de satisfação, por ela se mostrar contrária à fixação e à inércia libidinal. Ela seria a condição de sustentação da tensão que vai condicionar a criação, e a transformação subjetiva.

Joel Birman (Birman, 1996) aborda essa questão propondo como solução uma estilística da existência, chegando num de seus artigos a perguntar se a própria psicanálise não seria uma forma de estilo da existência. Levando em consideração que agimos a partir do desamparo, é possível constituir uma forma singular de viver e se relacionar com os outros.

Os conceitos desenvolvidos por Freud no final de seu percurso teórico, como masoquismo erógeno, descrevem a condição de um aumento de tensão que não é sentido como fonte de desprazer, viabilizando uma perspectiva para os processos sublimatórios. A condição de desamparo e feminilidade, pressupondo a perda das roupagens narcísicas com seu viés totalizante. O afeto de angústia, agora retomado como presença da condição do desejo e da “derivação” sublimante, direciona-se para a criação de novos trilhamentos de circuito pulsional.

Em “Construções em análise” (Freud, 1937a) encontra-se descrito um processo através do qual o analista ‘constrói’ contando com a anuência do analisando, e desta forma produz efeitos terapêuticos importantes. Nessa maneira de proceder, Freud percebe que os efeitos terapêuticos não levam em consideração a distinção entre verdade histórica e verdade ficção, demonstrando o caráter ficcional com que são construídas as narrativas individuais, aproximando a história de cada um a de um romance literário. As construções são verdadeiras criações que, apesar de ressaltar a dimensão do ficcional, produzem efeitos subjetivos, estabelecendo possibilidades de simbolização, criando dessa forma outra satisfação livre das condicionadas. São trabalhos feitos a dois na relação transferencial, participando analista e analisando, na construção dessa “nova via de satisfação”.

1.9 A condição sublime

Freud utiliza a noção de sublimação muito mais para caracterizar uma transformação subjetiva do que para designar uma propriedade do objeto. Dessa forma ele se aproxima das formulações elaboradas por Kant em *Crítica do juízo*, que via a operação do sublime sob um ponto de vista do sujeito, recusando aos fenômenos que descrevia uma propriedade intrínseca contida no objeto, não o entendendo como uma operação abstrata, mas uma verdadeira experiência de descentramento e desamparo.⁸ No entanto a influência maior de Freud não vem dos filósofos, e sim dos artistas. Goethe é um dos que se faz presente, pois ele via na

⁸ Ver os estudos desenvolvidos por Kant em seu *Crítica do juízo*, principalmente nos capítulos dedicados à analítica do sublime.

operação sublime a transformação dos sentimentos a serviço da criação poética (uma experiência de superação de si que deveria ser levada em consideração na criação artística.)

A concepção da sublimação passa a sofrer uma série de reformulações ao longo da elaboração metapsicológica, sempre acompanhada de incursões realizadas sobre as obras dos artistas (apesar da resistência de Freud em levar em consideração as elaborações estéticas empreendidas principalmente a partir do século XIX). São elaborações que colocam em questionamento a racionalidade científica, propondo para a arte a dimensão de conhecimento por um caminho diferente daquele vinculado pela ciência, porém não menos importante que essa.

Já descrevemos as transformações que Freud foi obrigado a fazer em seu arcabouço teórico para dar conta da dimensão do excesso, o seu interesse por uma literatura que revela aspectos desarmônicos e desestruturantes na subjetividade: elementos que entram em relação ao fenômeno sublime, sua ligação com o excesso, a desmedida e o assombroso, permeando a dimensão da subjetividade num jogo de ultrapassamento de si, de desregramento das faculdades, onde comparecem o obscuro e incerto na composição do conhecimento humano, elementos que foram fartamente explorados pela arte.

Jacques Rancière, em *L'inconscient esthétique* (Rancière, 2001), relata que a psicanálise se encontra inserida numa dupla relação com as transformações ocorridas no campo da estética, apontando a resistência de Freud em levar em consideração essa nova modalidade de pensamento que a estética traz para o estatuto do conhecimento e da subjetividade contemporânea. Segundo ele:

(...) uma nova modalidade de pensamento, não só sobre a arte, instaura um novo regime que abrange também a psicanálise. A mudança de estatuto do objeto estético tornou possível tanto a interpretação psicanalítica quanto uma forma de observação dos objetos de arte posta em relevo por Freud como um objeto escondido (RANCIERÉ, 2001, p. 76).

Esse esquema, determinado por coordenadas históricas, relaciona verdade e ficção de tal forma que provoca a disjunção entre o visto e o dito, pondo o sistema de representações numa relação variável com o conjunto de saberes de uma época. De acordo com o autor, é uma relação ordenada entre o visto e o dito que perdeu seu poder, tornando possível que algo do inesperado venha à luz. O retorno do insensato, do obscuro, se faz sentir na conjunção do belo com um gozo excessivo e mortal, testemunha de um subterrâneo transgressor que emerge das profundezas da alma. O autor descreve o quanto Freud resistiu à idéia de incorporar elementos de uma estética do sublime às suas observações teóricas, só o fazendo após a concepção da pulsão de morte e da potência dos contrários no interior do psiquismo. Em “O estranho”, Freud se aproxima dessa estética que questiona a soberania do sujeito da presença,

ao identificar na série de determinações narcísicas um elemento desarmônico que desestrutura essas coordenadas, ou seja, um núcleo que constantemente ameaça a integridade do sujeito. “Na estranheza estaria em jogo uma experiência de desconstrução narcísica do eu” (BIRMAN, 2002, p. 126).

O advento da pulsão de morte abre a perspectiva de conjunção de uma estética do sublime com os processos psicanalíticos de sublimação, e a partir de então Freud vai situar a psicanálise na cadeia de eventos que se iniciam no século XIX, que desembocam numa filosofia que tem em Nietzsche seu representante mais enfático. São saberes que tematizam a potência do desregramento, do ultrapassamento de si e da criação como formas de existência.

O nosso percurso neste estudo passa pelas várias soluções que cada pensador da psicanálise empreendeu neste campo, e que longe de esgotar o tema, nos relança ao caminho que permanece aberto. Um relançamento que nos traz novas possibilidades de entendimento sobre como é possível a articulação da psicanálise com as novas questões que a contemporaneidade levanta.

2 A CONSTITUIÇÃO METAPSICOLÓGICA DO EU E A SUBLIMAÇÃO

2.1 Elementos metapsicológicos para o entendimento do lugar do Eu

2.1.1 O lugar do Eu na elaboração do aparelho psíquico

Já nas primeiras páginas do “Projeto para uma psicologia científica” (Freud, 1950b), percebemos a necessidade de ampliar o papel do Eu no psiquismo, pois o princípio de realidade precisa dessa mediação entre as exigências internas do aparelho que buscam a descarga das tensões e a constante negociação com as forças que emanam do mundo externo. O Eu se torna o agente dessa mediação em virtude de suas ligações com o sistema perceptivo, estabelecendo o reordenamento temporal dos processos psíquicos e os submetendo à prova de realidade (FREUD, 1923). A possibilidade de adiar a descarga das tensões ocorre pela intervenção dos processos de pensamento e do domínio da motilidade. O Eu enquanto instância psíquica já preocupava Freud desde o início de seu desenvolvimento teórico. Na clínica, essa preocupação se revelava pela necessidade de pensar o sintoma neurótico como decorrente da manifestação da sexualidade. Na teoria, pela explicação de que o inconsciente seria constituído de representações que permanecem desconhecidas pelo paciente. Esses pontos levam Freud a aventar a existência de uma instância cujo papel seria o de impedir o acesso dessas representações à consciência. O recalque é concebido como um mecanismo de defesa que incide sobre os componentes ideativos (representações) da pulsão sexual, que forçam em direção à descarga e que são percebidos pelo Eu como desprazerosos. “Condição necessária para que ele ocorra [o recalque] deve ser, sem dúvida, que a consecução, pelo instinto, de sua finalidade produza desprazer em vez de prazer” (FREUD, 1915c, p. 169). As formações de compromisso entre a moção pulsional que força a passagem e o recalque, resultam numa forma de conciliar o interesse entre as duas instâncias psíquicas em jogo.

Mas ao analisar a impossibilidade encontrada em um de seus pacientes de lembrar a cena primitiva, de suma importância naquele momento do tratamento (“História de uma neurose infantil”, ou “O homem dos lobos”, 1918), Freud em 1918 lançou então a hipótese de haver no psiquismo um núcleo inacessível à interpretação, resultado da falta de um representante primordial. Essa hipótese é explicada por Freud da seguinte maneira:

Temos motivos suficientes para supor que existe uma *repressão primeva* (*verdrangung*), uma primeira fase da repressão, que consiste em negar a entrada no consciente ao representante psíquico (ideacional) do instinto (*Trieb*). Com isso estabelece-se uma fixação; a partir de então o representante em questão continua inalterado, e o instinto permanece ligado a ele (FREUD, 1915c, p.171).

Esse fato revelou um recalque que tem por finalidade fixar a pulsão e permitir, através de um movimento de atração, que várias representações se associem e se desenvolvam: combinações representacionais organizadas ao redor dessa representação primordial recalçada. O recalque primário torna-se o precursor e a condição de todo recalçamento, que consiste em negar ao representante da pulsão o acesso à consciência, estabelecendo a partir de então uma fixação da pulsão ao representante da representação. A fixação ou recalque primário é anterior ao inconsciente, e estabelece uma demarcação interna que vai servir de referência ao recalque propriamente dito.

2.1.2 Narcisismo primário

Freud vai fazer do narcisismo primário o ponto de partida para a compreensão da condição humana. Em “Além do princípio do prazer” (Freud, 1920), o recém-nascido é originalmente concebido como habitante de uma bolha protoplasmática, e que estabelece com o mundo uma relação de total indiferença. O momento originário será perturbado inicialmente pelos estímulos externos e, em seguida, pelas excitações internas. O indivíduo se encontra marcado por uma carga de estímulos, desejos, fantasias e signos enigmáticos que no momento do seu desenvolvimento psíquico não tem condições de elaborar. O excesso de tensão produzida provocará uma perturbação tão grande que deixará marcas profundas no psiquismo, introduzindo a passagem da inércia (indiferença primordial) para a da atividade (ódio pela excitação). Esse momento inaugural, marcado pela ausência de estímulos, exercerá uma atração constante sobre o sujeito, que tenderá a retornar a ele sempre que o caminho em direção ao prazer se encontrar bloqueado; no entanto, o seu caminho de volta está inexoravelmente bloqueado pelas ‘exigências da vida’.

Nas primeiras paginas de “O mal-estar na civilização” (Freud, 1930), notamos a objeção que Freud faz ao sentimento oceânico descrito pelo amigo Romain Rolland, fenômeno que esse identifica como a fonte da religiosidade: sensação de comunhão com o universo. A réplica freudiana gira em torno da fundação do laço religioso a partir de pretensões narcísicas. Pretensões identificadas como resquícios de um tempo derivado do

narcisismo primário, de indiferença em relação ao mundo. O sentimento oceânico é compreendido como resquício de um momento, um estado mítico onde nada acontece, e a sensação de espaço e tempo não existe. Esse sentimento é correlato à nostalgia por um pai protetor, que seria a fonte do sentimento religioso (neste sentido, devemos nos remeter ao texto de Freud “Totem e tabu” (1913), no qual se encontra desenvolvido o tema ao qual ele faz alusão).

A importância do Eu no desenvolvimento da psicanálise, que se inicia com o “Projeto para uma psicologia científica” (Freud, 1950b), adquire maior relevância com o surgimento de “Sobre o narcisismo: uma introdução” (Freud, 1914b), esclarecendo os mecanismos de identificação e idealização, e desemboca nos modos de socialização.

2.2 O Eu adquire o estatuto de instância metapsicológica

2.2.1 O aparecimento da primeira concepção de aparelho psíquico

Creemos que seja importante desenvolver a gênese do percurso trilhado por Freud no “Projeto para uma psicologia científica” (Freud, 1950b), no qual é descrito o Eu como sendo constituído de neurônios permanentemente investidos.

Originalmente, o aparelho psíquico é pensado com a finalidade de manter a diferença entre repouso e movimento a zero ou o mais próximo possível do repouso. Essa tendência do aparelho é originária, e Freud lhe deu o nome de “princípio de inércia”. Um princípio que expressa a inclinação do sistema nervoso de evitar forças que o obriguem a abandonar seu estado de repouso. O modelo explicativo se baseia no arco reflexo, retirado da neurologia, em que o neurônio emprega a energia adquirida para descarga, pelas ligações estabelecidas com o sistema muscular, uma soma que, entre entrada e saída, seria zero (FREUD, 1950, p. 10). Segundo Freud, a complexidade crescente no interior do organismo o faz abandonar o modo de agir através de estímulo-resposta. Além do mais, o interior do organismo também emite estímulos que devem ser eliminados, e aquele não pode agir da mesma maneira que o faz em relação aos estímulos provenientes do exterior (fuga ou afastamento).

Dado que o princípio de inércia é violado desde o início pelos estímulos endógenos, ele se vê “obrigado a abandonar a tendência originária para a inércia” (Freud, 1950, p. 11), e passar a permitir o armazenamento de uma quantidade de energia, além de conservar os

caminhos de eliminação construídos ao longo de seu desenvolvimento. Freud observa que a “ação específica”, necessária para a eliminação da tensão que surge no interior do aparelho, exige um gasto de energia maior que o gerado pelo estímulo endógeno, pois sua eliminação se acha condicionada à obtenção de um objeto que se encontra no exterior do aparelho. Abre-se a necessidade de um armazenamento de energia como sendo a única possibilidade para a obtenção do objeto. A memória aparece devido à necessidade de se preservar os caminhos de escoamento.

O sistema nervoso primitivo regido pelo princípio de inércia não necessita de uma memória. Era suficiente eliminar toda quantidade de movimento que só poderia originar-se da extremidade (movimento reflexo). A necessidade da vida criou a necessidade de conservar um registro dos caminhos de eliminação dos estímulos endógenos, ou seja, a “ação específica (FREUD, 1995).

A ação requisitada necessita que certa quantidade de energia seja armazenada e, desta forma, introduz-se um novo princípio de funcionamento que Freud chamará de “princípio de constância”, passando o psiquismo a funcionar basicamente como um processo de memória derivada das vias de facilitação existentes entre os neurônios psi (os neurônios psi são assim chamados por Freud por possuírem a propriedade de serem permanentemente modificados pelo curso da excitação, e de serem capazes de armazenamento). Agindo por complexificação e por diferenças entre os caminhos estabelecidos, a memória apresenta-se através da diferença nas facilitações entre os neurônios *psi* (FREUD, 1950b, p. 14).

A memória é estabelecida a partir de duas variáveis: das diferenças quantitativas e da frequência nas repetições. A grandeza e a frequência são os determinantes da memória e do grau de facilitação a ser alcançado (FREUD, 1950, p. 14). A função secundária que é a de manter os níveis de tensão constantes, torna-se a função principal do aparelho, substituindo a função primária que não permitia nenhum acúmulo de energia. Essa função se relaciona ao armazenamento da energia e ao aparecimento da representação ligada às vias de facilitação.

2.2.2 Representação e percepção

2.2.2.1 Processo primário

O sistema psíquico se encontra voltado para evitar o desprazer decorrente da irrupção de grandes quantidades de energia. Todo aumento de excitação tende para a dor, e põe o aparelho em movimento, o que a torna, desta forma, a responsável pela organização do

sistema. A conduta humana, obedecendo ao fato de que um aumento de tensão se torna sempre desprazeroso, se encontra então às voltas com a possibilidade de ignorar os objetos que possam produzir dor (já que esta é sempre sentida como vinda do exterior, projetada na exterioridade), buscando a repetição das vias de prazer e ignorando os caminhos correspondentes à representação da dor. Dirigindo-se também a transformar todo objeto que produziu diminuição de tensão em objeto de desejo, isto é, a construir os caminhos preferenciais de eliminação de tensão pela via condicionada pelo prazer.

Há, por conseguinte, uma forte inclinação a “alucinar a imagem recordativa amigável” (Freud, 1950b, p. 35) e a “recalcar a imagem recordativa hostil” (FREUD, 1950, p. 36). Essa imagem recordativa amigável é derivada do que Freud vai chamar de “experiência originária de satisfação”, experiência fundamental para o entendimento do funcionamento do aparelho psíquico. Tudo principia com a impotência do bebê em levar a cabo a ação específica requisitada, já que se encontra em radical situação de desamparo e impotência. Esta situação exige uma alteração do mundo, “que só poderá ser realizada com o auxílio de um agente externo” (FREUD, 1950, p. 32). O conjunto constituído pela mãe e o bebê se torna uma via de eliminação que passa a ter uma importante função, representando a experiência de satisfação responsável pelo surgimento do caminho de eliminação chamado *desejo*. Com o reaparecimento do estado de excitação esta via passa a ser reanimada: “A imagem recordativa do objeto certamente é a primeira a ser afetada pela *animação de desejo*” (FREUD, 1950, p. 33, em itálicos no original). Para Freud, o retorno deste conjunto perceptivo seria o responsável pela ativação das vias alucinatórias de objeto responsável pelo funcionamento do processo primário: “Não tenho dúvidas de que essa animação de desejo resulte em primeiro lugar no mesmo que a percepção, ou seja, em alucinação. Se, em consequência disso, a ação reflexa for iniciada, não há como não faltar a desilusão” (FREUD, 1950, p. 33).

2.2.2.2 Princípio de realidade

Um problema ao qual Freud esteve sempre às voltas refere-se à diferenciação pelo aparelho entre percepção e alucinação do objeto de satisfação. No “Projeto...”, essa diferenciação é resolvida de maneira insatisfatória, e a introdução do princípio do prazer não permite que se faça tal distinção, sendo necessária uma nova ação psíquica. O princípio de realidade surge para tentar corrigir a tendência do aparelho ao engodo, porém seu funcionamento não diz respeito diretamente ao mundo exterior, mas aos signos que dele podem ser adquiridos.

Este princípio se constitui a partir da presença de um grupo de neurônios constantemente investidos, e possui uma estrutura organizacional nomeada de Eu, instância que se torna a responsável por inibir a descarga na ausência do objeto, criando a possibilidade de diferenciar uma lembrança de uma percepção. Ele é uma organização no interior de psi, e “corresponde ao *portador de armazenamento* exigido pela função secundária” (Freud, 1950, p. 36), tendo uma extensão variável na qual se encontra presente um núcleo permanente e uma periferia em constante mudança. Sua função consiste em inibir o processo alucinatorio, em evitar que tanto no caso de uma repetição da experiência de satisfação, quanto de dor, o agente alucine o objeto. “Por conseguinte, se existir um Eu, ele tem que inibir processos psíquicos primários” (FREUD, 1950, p. 37). Os processos primários se não forem inibidos, resultam ou na alucinação do objeto de desejo, ou na defesa primária. Tanto a satisfação da pulsão quanto a urgência da vida necessitam da observação das condições internas e externas. No processo primário tudo acontece como se na experiência de satisfação o aparelho estivesse voltado para dentro, sem levar em consideração as condições externas.

A principal função do Eu se relaciona a estabelecer diferenças entre percepção e representação, sendo esta a condição para a produção de signos de realidade. O Eu constituído dessa forma passa a adiar a realização do desejo pela via alucinatoria, permitindo que a realidade adquira todo seu valor para o organismo.

Portanto, por inibição através de um eu ocupado, os signos de eliminação de W (neurônios responsáveis pela consciência) tornam-se de forma bastante geral *signos de realidade*, que psi (neurônios responsáveis pela memória) aprende a aproveitar biologicamente... À ocupação de desejo até a alucinação, o total de desenvolvimento de desprazer que traz consigo o gasto total de defesa designamos processo primário; por outro lado, a todos os outros processos possibilitados apenas por uma boa ocupação do eu e que são uma moderação dos apresentados acima designamos como *processos psíquicos secundários*. A condição dos últimos está, como se vê, em um emprego correto dos signos de realidade, que só é possível por inibição do Eu (FREUD, 1950, p. 40-41).

Empreendidos pelos processos primários (eminente alucinatorio) ou pelos secundários (que levam em consideração os signos de realidade), os caminhos de eliminação já estão definidos e não podem ser alterados; a diferença está nos modos de percorrê-los.

2.2.2.3 Percepção e realidade

O complexo perceptivo primário é decomposto através da entrada de uma propriedade concernente ao Eu. Essa propriedade se refere à capacidade de julgar, e se relaciona com a introdução do *Eu prazer originário*. Em “A negativa” (Freud, 1925) está descrito que o ato de julgar só pode acontecer mediante a inibição do processo primário realizada pelo Eu, que põe

em ação a tarefa de avaliar o complexo perceptivo no intuito de reencontrar o objeto. O termo “juízo” se refere à comparação entre complexos perceptivos.

Há uma relação analógica entre o Eu concebido como sistema de representações constantemente investidas, e a percepção entendida como complexo. Estabelece-se o julgamento quando há falta de identidade entre a ocupação recordativa de desejo e a sua correspondente perceptiva. É traçada uma meta pela experiência de satisfação que fixou um caminho que poderá ser posteriormente percorrido por simultaneidade ou contigüidade.

No complexo do semelhante (*nebenmensch*) descrito no “Projeto...” (Freud, 1950b), encontramos que inicialmente o objeto hostil e o objeto do desejo possuem o mesmo referente: a percepção fornece um objeto que gera grande interesse pelo fato de “ser ao mesmo tempo o primeiro objeto de satisfação, e, além disso, o primeiro objeto hostil, assim como o único poder auxiliar” (FREUD, 1950, p. 44).

E assim o complexo do próximo divide-se em dois elementos, um dos quais impressiona por uma estrutura constante e permanece reunido como *coisa*, enquanto *o outro* é compreendido através do trabalho recordativo, ou seja, enquanto pode ser rastreado até uma notícia do próprio corpo.⁹ Esta decomposição do complexo perceptivo se desenvolve com a finalidade de reconhecê-lo num segundo momento, acarreta um julgamento, e encontra um final quando alcança a última meta¹⁰ O juízo, como se vê, não é uma função primária, não se encontra presente desde o início, pois pressupõe que o aparelho seja inibido em direção à alucinação, mas pressupõe a ocupação do eu da parte díspar (FREUD, 1950, p. 45).

O juízo possibilita a diferença entre o pensar (processo secundário) e o alucinar (processo primário), mas tanto no processo primário quanto no secundário o caminho de eliminação é o mesmo: a diferença entre eles é econômica e não topológica.

2.2.2.4 O complexo do próximo

Decorre que o Próximo (identificado inicialmente como o responsável pelos cuidados dedicados ao recém-nascido), presente neste esquema como objeto externo desempenha três papéis distintos:

1 – Ele é o objeto de satisfação (sua representação faz parte do circuito de satisfação), e toda a atividade primária (alucinatória), ou toda atividade secundária (o pensar), têm por meta reencontrá-lo.

2 – Ele é o objeto hostil (sua representação faz parte do circuito fixado pela experiência de dor).

⁹ O resultado é o corpo do outro sendo tomado como referência do corpo próprio.

¹⁰ Isto se efetua quando o processo de pensar alcança a identidade entre a percepção e o objeto de representação.

3 – É o único poder auxiliar (o que o transforma em fonte de todos os motivos morais – Freud, 1950b).

Na passagem em que é descrito o encontro da criança com a mãe, encontramos a produção de uma identidade inesperada entre o corpo próprio e o corpo do semelhante (o que nos faz supor que a alucinação não visa apenas ao outro, mas também a si mesmo como objeto de desejo. O objeto seio tanto faz parte da mãe quanto da criança, sendo indiscernível neste momento o que é um ou o outro).

A suposição de que o adulto prestativo possua a capacidade de falar é fundamental para a constituição do aparelho psíquico. Assim, o circuito de satisfação se acha provido de um elemento de suma importância: a palavra falada, que pelo estímulo sonoro produz uma imagem acústica e permite que o estímulo seja eliminado pela descarga motora da fala. Por conseguinte a representação de palavras e a representação de objeto duplicam a estrutura sensorio-motora do aparelho descrita no “Projeto...” (FREUD, 1950, p. 81). Tudo se passa como se os processos primários fossem predominantemente constituídos de imagens e agissem por simultaneidade, enquanto que os processos secundários se formassem por palavras e se manifestassem pela sucessão (a referência ao tempo sucessivo vincula-se ao encadeamento de palavras, e, por conseguinte, ao processo secundário, que tem no Eu seu principal elemento).

2.3 As transformações tópicas

2.3.1 A necessidade do conceito de narcisismo

Freud passa a definir o narcisismo já no caso Schreber, de 1911, ao pensar que as pulsões sexuais podem se unificar e tomar a si mesmo como objeto de amor:

Chega um tempo no desenvolvimento durante o qual ela (a criança) unifica suas pulsões sexuais (que até então estiveram empenhadas em atividades auto-eróticas) a fim de obter um objeto de amor, e ela começa a tomar a si próprio, o seu próprio corpo, como seu objeto de amor e somente em seguida parte deste ponto para a escolha de algumas pessoas estranhas, outras que não ela mesma, como objeto (FREUD, 1911b, p. 60).

O narcisismo aparece então como a consequência da unificação das pulsões sexuais a partir do modelo de totalização percebida no objeto, e a introdução deste objeto no interior do

psiquismo.¹¹ Esta estrutura, que será cada vez mais desenvolvida a partir de então, torna-se desejo por uma imagem totalizável e aspiração à unidade, constituindo um avanço em relação a alguns pressupostos de Freud, que pôde desenvolver uma visada mais subjetiva dos processos psíquicos. Além do mais tornou possível a ampliação do conceito de pulsão, incluindo na dualidade pulsional novos elementos extraídos da sexualidade.

Já no início do artigo sobre o narcisismo (Freud, 1914b, p. 85), o editor inglês comenta que, através de uma informação dada por intermédio de Ernest Jones, Freud já havia se referido ao termo numa reunião da Sociedade Psicanalítica em 10 de novembro de 1909, identificando o narcisismo como uma fase intermediária entre o autoerotismo e o amor pelo objeto. Mais tarde, em “Leonardo da Vinci e uma recordação de sua infância” de 1910b, o narcisismo ganhou uma extensa explicação. Neste artigo são traçadas novas distinções entre a libido do Eu e a libido objetal.

A essência da sexualidade ganha uma dupla gênese: por um lado ela se constituiria no organismo pela relação com as funções vitais. Por outro, deixa transparecer uma relação intersubjetiva, onde o outro desempenharia importante papel no desenvolvimento do aparelho. São formuladas, desta maneira, novas relações entre o Eu e os objetos do mundo, onde o Eu se constitui primariamente pelo investimento das pulsões sexuais, e os investimentos nos objetos se dariam secundariamente, podendo posteriormente retornar ao Eu. Esse texto também abre novas linhas de raciocínio que posteriormente serão desenvolvidas em outros artigos, como, por exemplo, em “Luto e melancolia” (1917a), e em “O ego e o id” (1923).

O Eu se constitui pelo investimento das pulsões sexuais que, ao abandonarem suas finalidades autoeróticas, passam a investir num objeto apreendido através de uma imagem totalizante. O ponto de partida se acha naquilo que mais tarde será explicado através do conceito de identificação.

O processo em jogo se refere, inicialmente, à incorporação de um objeto que passa a fazer parte desde então da dinâmica de funcionamento do aparelho. Freud, numa passagem de “Os três ensaios sobre a sexualidade”, de 1905a, se refere a esse mecanismo da seguinte forma:

Aqui,¹² a atividade sexual ainda não se separou da ingestão de alimentos,¹³ nem são correntes opostas dentro da atividade diferenciada.¹⁴ O objeto de ambas atividades é o

¹¹ Mais tarde, em “O mal-estar na civilização” (1930), Freud reconhece que a percepção de unidade do Eu proveniente do narcisismo é ilusória, sendo o sentimento oceânico, debatido no início deste capítulo, o testemunho disto.

¹² A referência é em relação à fase oral, uma organização pré-genital descrita por Freud, isto é, o momento em que o prazer encontra sua forma privilegiada de satisfação em torno da boca, identificada como a principal zona erógena da organização psíquica onde a ingestão do alimento é associada a um grande prazer.

¹³ Inicialmente, as pulsões sexuais não eram independentes das pulsões de autoconservação, sendo sua manifestação encontrada através dos processos ligados à vida.

mesmo: o *objetivo* sexual consiste na incorporação do objeto – o protótipo de um processo que, sob a forma de identificação, deverá desempenhar mais tarde um importante papel psicológico (FREUD, 1905, p. 204).

Esse objeto originário que é identificado ao seio será introjetado e passará dessa forma a fazer parte do funcionamento dos processos mentais, tornando-se o objeto para onde as pulsões se dirigem: objeto da fantasia.

O autoerotismo representa uma fase anterior ao narcisismo, momento que deve necessariamente ser superado. A ênfase dada à unificação das pulsões sexuais leva Freud a propor neste texto que as correntes sexuais se dirigem a uma única pessoa, “em relação à qual buscam alcançar seus objetivos” (FREUD, 1905a, p. 205).

O Eu torna-se objeto da pulsão, passando posteriormente a mediar a relação desta com os objetos do mundo, uma estrutura alcançada no processo de evolução da libido. Mas o narcisismo, enquanto estrutura derivada da necessidade de unificar as pulsões em torno de um objeto, nunca é totalmente abandonado pelo indivíduo.

Nas “Conferências introdutórias sobre psicanálise”, principalmente na conferência XXVI, a relação entre as pulsões do Eu e as pulsões sexuais são pensadas a partir de um vaso comunicante, onde a libido flui do Eu para os objetos e vice versa, ora investindo no Eu narcisicamente, ora empobrecendo-o por se dirigir maciçamente aos objetos, em razão do fato de inicialmente Freud pensar no Eu como o grande reservatório da libido, vindo a mudar de opinião somente em “O ego e o id” de 1923, quando finalmente concebe o Isso como o grande reservatório da libido.

Esse entendimento da libido através da idéia dos vasos comunicantes vem explicar porque na psicose o sintoma de megalomania é decorrente da retirada da libido dos objetos e seu reinvestimento no Eu, sendo esse processo o responsável pelo desinteresse do psicótico pelo mundo, derivando a concepção da psicose de uma patologia do narcisismo. A psicopatologia vem explicar a teoria econômica da sexualidade em vigor na época, relacionando a neurose com a retirada da libido do mundo, mas permanecendo vinculada à fantasia, e a psicose com uma retração da libido dos objetos e a sua manifestação no delírio.

A libido em situações normais pode se transferir do Eu para os objetos e ao Eu retornar sem impedimentos. Essa propriedade é descrita da seguinte maneira:

A hipótese de que a libido objetal se possa transformar em libido do ego e, portanto, que temos de levar em conta uma libido do ego, parece-nos, pois, ser a única que pode resolver o enigma daquilo que se denomina de neuroses narcísicas – demência precoce, por exemplo – e explicar as semelhanças e dessemelhanças entre elas e a histeria ou obsessões. Estamos agora aplicando a doença, ao sono, e à paixão, o que alhures verificamos estar iniludivelmente estabelecido (FREUD, 1916-17, p. 490).

¹⁴ Neste momento, não havia oposição entre as pulsões de autoconservação e as pulsões sexuais, que agem em conjunto se apoiando uma na outra.

Freud torna esse balanço da libido em direção aos objetos e o seu retorno uma propriedade universal desta, observando que a libido é uma só, não importando se a referência é o objeto ou o próprio Eu.¹⁵ O narcisismo parece ser um avanço na compreensão do desenvolvimento da libido em direção aos objetos.

Tendo que sustentar o ponto de vista econômico, e a finalidade principal do aparelho em manter constante o nível de tensão em seu interior, Freud observa que um acúmulo de libido narcísica, ultrapassando determinado nível, também passa a ser intolerável para o organismo, obrigando o Eu a emitir sua libido ocasionalmente em direção aos objetos de forma a não adoecer. Em consequência do represamento da mesma, um retorno da libido à posição narcísica é tido como fonte de desprazer, obrigando o psiquismo a executar um passo importante no desenvolvimento, dirigindo a libido para os objetos.

A incapacidade de se sustentar na posição originária, a renúncia ao narcisismo primário e a passagem para o secundário, demarcam um grande passo no desenvolvimento da libido em direção aos objetos, obedecendo duas formas diferentes de manifestação: “o tipo narcisista, no qual o protótipo é o próprio ego da pessoa, e outro segundo um *tipo de ligação objetal*” (Freud, 1914b, p.92, itálicos no original), em que o objeto é tido como fator importante para completar o ideal de Eu, em direção ao qual o narcisismo secundário se orienta.

O narcisismo primário é responsável pelo sentimento de onipotência para com o meio onde a criança se encontra, e que induz no psiquismo a sensação de independência em relação ao objeto. Essa hipótese foi introduzida por Freud para explicar o momento de indiferença em relação ao mundo, que se observa no recém-nascido no instante em que as pulsões se satisfazem sem a presença de um objeto exterior: momento do autoerotismo, que deve ser superado para tornar possível a sobrevivência do indivíduo, mas ao qual todo o aparelho tende a retornar, pois é o momento em que o acúmulo de tensão está ausente.

A hipótese de um narcisismo primário é colocada em relação ao narcisismo secundário observável na clínica: “Isso nos leva a considerar o narcisismo que surge através de catexias objetais como sendo secundário, superposto ao narcisismo primário que é obscurecido por diversas influências diferentes” (FREUD, 1914b, p. 91).

¹⁵ O termo “ego” referido naquela instância é encontrado na tradução brasileira das *Standards Editions* da obra de Freud. Sempre que nos referirmos à citação desta edição manteremos o termo “ego”. Usaremos a palavra “Eu”, já consagrada no meio psicanalítico, quando não estiver diretamente indicada naquela edição.

A relação objetal se estabelece após a superação deste momento originário marcado de profundo desamparo. O psiquismo segue em direção à constituição do narcisismo secundário, quando o Eu passa a buscar no mundo os objetos de satisfação necessários.

2.3.2 A relação do Eu com as pulsões

2.3.2.1 A necessidade da presença do Eu no psiquismo

Freud passa então a pensar no Eu como uma instância que não se encontra presente desde o início, tendo que ser desenvolvido mediante uma ação psíquica que obriga a convergência das pulsões, fazendo-as se unificarem em torno de um objeto:

(...) uma unidade comparável ao ego não pode existir no indivíduo desde o começo; o ego tem de ser desenvolvido. Os instintos auto-eróticos, contudo, já ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao autoerotismo – uma nova ação psíquica – a fim de provocar o narcisismo (FREUD, 1914b, p. 93).

Desde o início de suas investigações Freud pensava em dar um lugar de destaque para o Eu na metapsicologia. Em sua elaboração encontra-se presente um complexo de sensações, elementos perceptivos derivados do encontro com o outro cuidador, introduzindo-nos na necessária presença da alteridade no desenvolvimento do psiquismo. O outro se torna de suma importância no estabelecimento dos circuitos do desejo, pois são estas experiências que constituem as vias privilegiadas de eliminação do estímulo.

São apontados dois fatores responsáveis pelo aparecimento do Eu no psiquismo: este surge em decorrência da necessidade de se estabelecer um parâmetro de negociação com a realidade externa, e da necessidade de unificação das pulsões em um objeto de amor, acarretando o abandono do autoerotismo.

2.3.2.2 As escolhas de objeto

No momento da elaboração que vai até 1910, a sexualidade é identificada como a instância instauradora do conflito entre o indivíduo e a sociedade, por portar em si uma dupla finalidade: uma finalidade que se esgota em si mesma pela satisfação, e outra que a transcende, dirigida à espécie, ou seja, a preservação da espécie, sem levar em consideração

os aspectos individuais. Há desta forma uma duplicidade presente no indivíduo que se expressaria pela separação entre as pulsões de auto-conservação presentes no Eu, que lutam para preservar a vida, e as pulsões sexuais que visam a qualquer custo à satisfação, sem levar em conta os riscos ao qual o sujeito estaria exposto.

Freud enfatiza o fato de que o principal objetivo do aparelho é manter a energia circulante sempre constante ou no menor nível possível. Desta forma, o acúmulo de energia, seja por qualquer motivo, é sentido como desprazer. A superação do narcisismo se torna necessária para evitar o acúmulo de energia, e o direcionamento da libido aos objetos se torna necessário sempre que um certo limite arrisca ser ultrapassado. Esses argumentos de que o narcisismo também pode se tornar fonte de desprazer podem ser encontrados nas páginas de “Sobre o narcisismo: uma introdução”:

Contentar-me-ei com a resposta de que o desprazer é sempre a expressão de um grau mais elevado de tensão, e que, portanto, o que ocorre é que uma quantidade no campo dos acontecimentos materiais é transformada aqui, como em outros lugares, na qualidade psíquica do desprazer... Aqui podemos até mesmo aventurar-nos a abordar a questão de saber o que torna absolutamente necessário para a nossa vida mental ultrapassar os limites do narcisismo e ligar a libido a objetos. A resposta decorrente de nossa linha de raciocínio mais uma vez seria de que a necessidade surge quando a catexia do ego com a libido excede certa quantidade (FREUD, 1914b, p. 101).

Nas escolhas objetais a ambivalência em relação ao outro vai dominar os investimentos feitos pelo indivíduo, repetindo-se nos pares afetivos a questão da recuperação do narcisismo perdido. Homem e mulher tomarão lugares distintos nessa partilha, marcando os tipos de ligação da libido com os seus objetos. São distinguidos dois tipos de ligação que a libido pode fazer, divididos da seguinte forma:

1 – A ligação de objeto do tipo anaclítico ou de objeto é voltada para a ênfase nas características do objeto.¹⁶ A característica maior será a valorização do objeto, havendo como consequência um empobrecimento do Eu em favor do objeto amoroso (a percepção do funcionamento do aparelho como se fossem vasos comunicantes fica evidente nesta explicação). Segundo Freud, este tipo de ligação é mais comum nos homens.

2 – Escolhas de objeto do tipo narcísicas são as que se fazem tomando como referência a relação a si mesmo (este tipo de escolha é preferencialmente uma escolha feminina, na qual as mulheres encontram um incremento de seu narcisismo através do amor que um homem pode dispensar a ela, e que pode ser expressa da seguinte forma: eu me amo tanto quanto um homem pode me amar).

¹⁶ No entanto, ligações antigas estabelecidas a partir dos circuitos de satisfação vão condicionar a atenção do Eu em direção ao mundo externo à procura de um traço em comum com os objetos arcaicos.

As escolhas de objeto são sempre derivadas das experiências primitivas de satisfação, mas os tipos de escolha estão abertos para qualquer tipo de indivíduo, embora as preferências possam se manifestar na vida e tornarem-se condicionantes.

2.3.2.3 Eu ideal/Ideal de Eu

Em decorrência de o Eu estar vinculado à sexualidade através dos investimentos que a pulsão realiza sobre ele, fazendo dele o primeiro objeto de amor, ele não pode escapar às coordenadas de prazer, e desta forma também está sujeito ao processo primário de satisfação. O narcisismo, para se desenvolver, necessita de uma nova ação psíquica que retire as pulsões de seu comportamento autoerótico, que só pode ser possível pela eleição de um objeto na posição de ideal, quando as pulsões passam a direcionar seus investimentos a um único objeto.

São ideais que derivam de influências externas: culturais, estéticas, e éticas, às quais o indivíduo a elas se submete (os elege como ideais de Eu), dobrando -se às suas exigências: o Eu passa a tomar esses ideais, a se medir por eles e a se referir a eles como um padrão para si próprio, expulsando de volta para o inconsciente os representantes pulsionais que não se alinham aos interesses destes ideais, no intuito de dirigir o amor para si.

O ideal se torna fator condicionante do recalque (Freud, 1914b, p. 111) e alvo do amor que antes era desfrutado pelo Eu ideal.¹⁷ Freud em relação a essa questão assim se expressa:

Para o ego, a formação de um ideal seria fator condicionante do recalque... Esse ego ideal¹⁸ é agora o alvo do amor de si mesmo desfrutado na infância pelo ego real. O narcisismo do indivíduo surge deslocado em direção a esse novo ego ideal, o qual, como o ego infantil, se acha possuído de toda perfeição, de todo valor (FREUD, 1914, p. 111).

Na infância, a criança tem a si mesmo como o próprio ideal. Mais tarde, quando este ideal se torna impossível de sustentar ele é substituído por outros ideais a serem alcançados, metas a serem cumpridas com o intuito de permanecer sendo amado. O narcisismo secundário ao substituir o primário tem de levar em conta as normas exteriores, normas sociais que requerem a referência à linguagem, pois seu ideal encontra-se fora de si mesmo.

¹⁷ O Eu ideal seria a instância derivada do narcisismo primário, ideal de perfeição imaginária, e do sentimento de onipotência. Temos de ressaltar que a presença do narcisismo primário deixa profundas marcas no psiquismo, agindo como lugar de atração aos objetos de desejo, lugar onde todas as diferenças são abolidas.

¹⁸ Aqui parece que Freud não está se referindo à diferença entre o Eu ideal e o Ideal de eu.

As satisfações primitivas, que exercem forte atração ao psiquismo, se tornam a responsável pelas tentativas de retorno a este estado de independência em relação aos objetos do mundo:

Ele não está disposto a renunciar à perfeição narcisista de sua infância, e quando, ao crescer, se vê perturbado pelas admoestações de terceiros e pelo despertar de seu próprio julgamento crítico, de modo a não mais poder reter aquela perfeição, procura recuperá-la sob a nova forma de um ego ideal. O que ele projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era seu próprio ideal (FREUD, 1914, p. 111).

O narcisismo da criança é sustentado pelo narcisismo dos pais em relação a ela, que Freud resume na frase: sua majestade o bebê. Uma forma que explica a necessidade narcisista de se sustentar no olhar que o outro lhe dirige, marcando a presença do outro como elemento formador do narcisismo, e a dependência do ser humano por essa imagem para se constituir.

Lacan nos chama a atenção para o momento em que a imagem unificada da criança é antecipada pela totalidade advinda do outro, superando a angústia do corpo despedaçado, e da a este momento o nome de estágio do espelho. O estágio do espelho, momento em que o sujeito aliena sua imagem a imagem do outro, se refere à constituição do narcisismo, e à ultrapassagem do autoerotismo representado pela independência das pulsões, que buscam o prazer desligadas umas das outras, para o corpo unificado do narcisismo. A esse momento segue-se o júbilo da criança em relação à imagem cativante da qual ela jamais se libertará (LACAN, *Escritos*, 1998a), e que é apontado por Lacan como momento do surgimento do Eu ideal, ou do narcisismo primário (LACAN, 1998, p. 102). “É, pois, no seio das experiências de impotência e intimidação dos primeiros anos de vida que o indivíduo é introduzido nessa miragem do domínio de suas funções, onde sua subjetividade permanece cindida” (LACAN, 1998, p. 347). O Eu revela assim a dimensão de desconhecimento em relação a si mesmo.

Lacan se refere a esse momento da seguinte maneira:

Esse momento em que se conclui o estágio do espelho inaugura, pela identificação com a imagem do semelhante e pelo drama do ciúme primordial...,¹⁹ a dialética que desde então liga o [eu] (no original, entre colchetes) a situações socialmente elaboradas (LACAN, 1998a, p. 101).

Somente após a conclusão do estágio do espelho o sujeito poderá se interessar pelo mundo que o cerca. A partir de então o Eu constitui seus objetos pela mediação do desejo do outro, e passa a depender “da intermediação da cultura tal como se vê no que tange ao objeto sexual, no complexo de Édipo” (LACAN, 1998, p. 102).

Num primeiro momento, o sujeito se encontra alienado ao outro, capturado numa imagem narcísica de completude antecipada pela *gestalt* de totalidade presente no corpo do

¹⁹ Ciúme que Lacan imputa ao reconhecimento da imagem do outro, captada na totalidade.

outro, “o que nos dissuade de conceber o eu como centrado no sistema percepção-consciência, como organizado pelo princípio de realidade” (LACAN, 1998, p. 103). A renúncia à ilusão narcísica de totalidade permite ao sujeito se dirigir ao mundo na busca dos objetos. Ele tentará recuperar por outras vias o narcisismo perdido, mas agora terá de levar em consideração os reverses em relação ao objeto que não se encontra pacificamente a sua disposição. Esse novo objeto terá de ser reconhecido como também portando um desejo.

Essa experiência de ter de se dirigir ao mundo em busca do objeto, vivenciada como incompletude e descentramento, é descrita por Lacan como uma verdadeira experiência de castração: o sujeito se encontra na situação desejante, uma situação de incompletude em relação a si mesmo que o obriga a se dirigir ao mundo na busca daquele objeto faltante. Esse objeto, decorrente do posicionamento intersubjetivo, é tido como outra pessoa, outra consciência também portadora de um desejo, que vai entrar no jogo das identificações narcísicas, por portar as insígnias do objeto de desejo ao qual o sujeito se dirige.

A relação de objeto pressupõe a presença de um campo para além do próprio indivíduo e de seus objetos de identificação narcísica; uma presença que não é a pura complementaridade, pois são incluídos complicadores nessa cena. O objeto não está à disposição do Eu, que terá de sair de sua quietude narcísica e ir ao seu encontro, forçando-o a adaptar-se ao tempo próprio desse objeto. Por fim, a fusão almejada nunca se efetua, surgindo a ambigüidade na relação com este que frequentemente frustra as expectativas. Sua dinâmica gira de um pólo de estranheza perturbadora a um pólo de tranqüilidade apaziguadora. Sabemos que cedo ou tarde a decepção terá lugar, pois o prazer esperado sempre está aquém do prazer obtido.

Para Lacan, o momento do narcisismo se desenvolvendo através do complexo de Édipo nos remete à questão do falo, um princípio regulador que deriva da ordem simbólica, e nos envia à linguagem, mediadora a relação do sujeito com o outro, seu elemento principal. Inicialmente a criança se encontra na posição de ser o falo da mãe,²⁰ o objeto de desejo que completaria a mãe; o pai entra em cena rompendo com essa relação dual, estabelecendo um terceiro elemento nesta relação e, através da introdução do complexo de castração, a mãe é separada do filho, que então se dirige ao pai como sendo aquele que porta o falo, como o representante daquele que tem a posse sobre o objeto de desejo. Ocorre nesta passagem uma mudança de extrema importância para o futuro desta criança: ela passa a perceber que a mãe é faltante, que ela é castrada, e que também a mãe se encontra na situação de busca do objeto de

²⁰ O falo é identificado como o objeto de desejo.

desejo, que não pode ser assumido por ele, o filho. A criança passa também a se perceber na situação de faltante, e a referência ao falo não mais permite que se reconheça na posição do ser. O falo se introduz desta forma numa relação dialetizável, podendo se deslocar por diversos objetos, se inserindo no universo da troca simbólica, não representando mais para o sujeito o retorno à posição de onipotência narcísica. “Se o desejo da mãe é o falo, a criança quer ser o falo para satisfazê-lo. Assim a divisão imanente ao desejo já se faz sentir por ser experimentada no desejo do outro” (LACAN, 1998a, p.700).

Lacan chama a atenção para o fato de que já no início do desenvolvimento do aparelho psíquico o desejo se encontra deslocado de seu lugar, devendo ser procurado no lugar do outro, numa relação de transversalidade à posição que a criança ocupa nesta cena. É nesse lugar (no lugar que o outro ocupa) que inicialmente a criança o reconhece, reconhecendo a partir de então que se a mãe deseja é porque não o tem. A lei advinda da entrada deste terceiro representado pelo pai terá conseqüências na solução a ser dada ao complexo de Édipo, introduzindo o sujeito na dialética da demanda e do desejo. O desenvolvimento desta relação ao falo trará implicações distintas para ambos os sexos, “por ser o falo o significante do desejo do Outro” (LACAN, 1998a. p. 700).

2.4 A sublimação e o narcisismo

2.4.1 A sublimação é diferente de idealização

Em certo momento de “Sobre o narcisismo: uma introdução”, Freud observa a relação entre a formação de um ideal e a sublimação, apontando que a diferença entre ambos se refere aos mecanismos que irão determinar o destino da moção pulsional. O processo de sublimação diz respeito à quota de libido que será direcionada ao pólo objetual, isto é, a parcela da libido que deve se dirigir aos objetos, contrapondo-se à formação de um ideal, àquela parcela da libido que se dirige ao próprio Eu. Nota-se que a formação de um ideal se opõe à sublimação das pulsões, pois o ideal se torna um pólo de atração e cristalização de libido e impedindo que ela se movimente.

A acumulação da libido explicaria o porquê de um narcisismo inflado tornar-se potencialmente patológico (a libido corre sempre o risco de tornar-se excessiva ou patogênica). Um aumento da tensão no organismo ameaça tornar-se desprazeroso sempre que um limiar é transposto: a libido tem que se deslocar para outros objetos, e não ficar represada

no Eu. A sublimação será a válvula que irá permitir a libido não se acumular em excesso, e conseqüentemente evitar um estado de tensão sinônimo de desprazer.

Supomos desta forma que o não reconhecimento da alteridade seria também fonte de sofrimento, provocando constantes decepções, a tal ponto que se torna necessário renunciar a unidade imaginária, provocando uma ferida narcísica. É necessário para o indivíduo sair da posição de Eu-Ideal, e constituir outros ideais diferentes daqueles vinculados a satisfações arcaicas. A estase da libido presente no narcisismo coloca um problema de ordem econômica ao Eu, que é o responsável pela manutenção da tensão no aparelho. O Eu tem de buscar no mundo outros meios de satisfação, investir em objetos que tomam um valor de ideal secundariamente, arriscando-se a frustração e a decepção que o objeto possa ocasionar, da mesma forma que deve também abandonar sua posição de indiferença em relação ao exterior, e passar a participar do circuito do outro, da alteridade. Isso implica o reconhecimento da diferença e do descentramento: dirigir a libido para objetos diferentes de si mesmo, superar a ilusão enganadora de auto-suficiência, ultrapassar os limites e relacionar-se com o outro de maneira diversa daquela determinada pelos circuitos estabelecidos pelo narcisismo. Trata-se de desligar a libido dos objetos originalmente constituídos. Isto afasta a sublimação das operações vinculadas ao narcisismo. Por ser um mecanismo derivado da relação com a realidade, a sublimação se opõe a tudo que deriva do processo primário, ou seja, a tendência ao desligamento e a descarga direta. Ela se refere à parcela da libido disponível, manejando cargas de energia que sustentem o desejo e a ligação com o objeto de forma não patogênica.

O desprazer acontece tanto por um excesso derivado de uma quantidade de libido que o Eu não pode dominar e que invade o psiquismo, como também pelo fato de o Eu estabelecer relações profundas com o objeto (a fixação da libido é um exemplo), estando pouco maleável a deslocar a libido para outros objetivos. A capacidade de sublimar aparece sempre ligada a perspectiva econômica, sobre um quantum de libido disponível, e da condição de disponibilizar essa energia sem promover defesa, efetuando uma virada positiva na utilização dessa quota.

A sublimação é um processo que diz respeito à libido objetual e consiste no fato de o instinto se dirigir no sentido de uma finalidade diferente e afastada da finalidade de satisfação sexual; neste processo a tônica recai da deflexão da sexualidade (a sublimação é um processo que leva em conta que a sexualidade deriva de um movimento em direção a outros objetivos; a pulsão encontra sua satisfação através de novos objetos sem recorrer a uma formação de compromisso, ou aos caminhos derivados das satisfações infantis) (FREUD, 1914b, p. 111).

Por sua vez:

A idealização é um processo que diz respeito ao objeto; por ela, esse objeto, sem qualquer alteração em sua natureza, é exaltado e engrandecido na mente do indivíduo. A idealização é possível tanto na esfera da libido do ego quanto na libido objetual. Por

exemplo, a supervalorização sexual de um objeto é uma idealização do mesmo (FREUD, 1914, p. 111).

Freud observa o fato de o amor não poder ocorrer sem idealização, se posicionando contra a idealização e a favor da sublimação, apontando que a sublimação é um destino pulsional superior que permite a mobilidade e o enriquecimento do Eu. A idealização amorosa em seu viés narcísico, se refere à eleição de um outro na posição de ideal, fixação libidinal e o correlativo empobrecimento do Eu pelo investimento no objeto de amor e estase libidinal. Podemos pensar que há satisfação da pulsão e sublimação, quando os ideais passam a ser renováveis, o que implica não serem impossíveis de realizar. Talvez seja esta a diferença entre a idealização neurótica, que tem por finalidade sustentar o sujeito numa perpétua insatisfação, e a eleição de objetos que permitem ao Eu se enriquecer.

2.4.2 Inibição e sublimação

Em textos posteriores Freud parece recuar das diferenciações que fez em relação a este processo. Vemos esta dificuldade presente quando confunde em momentos tardios a sublimação com a formação reativa.

Na conferência XXXII das “Novas conferências...” de 1933, encontramos o seguinte comentário de Freud:

Alem disso, temos razões para distinguir pulsões que são ‘inibidas quanto a seu fim’, movimentos pulsionais proveniente de fontes bastante conhecidas por nós, tendo um fim não ambíguo, mas que experimentam uma interrupção no seu caminho para a satisfação, de forma que delas resulte um investimento de objeto durável e uma inclinação permanente. Tais são, por exemplo, as relações de ternura, que indubitavelmente nascem das fontes das necessidades sexuais e invariavelmente renunciam à sua satisfação (FREUD, 1933a, p. 121).

Trata-se de um exemplo de inibição que se aproxima mais de uma formação reativa, pois encontramos a meta e o objeto mantidos, mas ao preço de a satisfação ter sido adiada indefinidamente. A sublimação, por supor uma mudança na meta e no objeto, não pressupõe investimentos duráveis com inclinação permanente. A sustentação dos laços sociais requer a manutenção de um contrainvestimento energético no intuito de impedir que os componentes agressivos se manifestem, e ao preço de um empobrecimento libidinal despendido na sustentação destas barreiras. A inibição dos impulsos em direção a sua meta parece ser a causa, e a responsável pelos sentimentos de ternura que desta forma podem prolongar uma relação sensual, escondendo a face de ódio por trás de toda relação social através de um constante contra-investimento das manifestações eróticas.

Em “Psicologia de grupo e análise do ego” texto que surgiu em 1921, Freud nos aponta para o perigo de sobreestimar idéias. Estas podem adquirir um estatuto semelhante ao da paixão amorosa. Sabemos que na paixão amorosa o objeto obtém seu valor muito mais do lugar que ocupa no psiquismo do que das características que possui, e da mesma forma as idéias podem representar o mesmo risco. Esse é o mecanismo que encontramos no fanatismo, no qual a ausência de crítica é o elemento que mais se sobressai, constituindo um estado passional por excelência. Esse aspecto se acentua com a presença de um mestre, ou de um compartilhamento de laços em grupo. As palavras ou as pessoas que compartilham tais crenças são tomadas como objetos preciosos, e essas situações, apesar de portar certas características semelhantes à sublimação, estão longe de serem consideradas como tal.

Na sublimação, a característica que liga o sujeito ao objeto permanece distinta daquela que representa uma harmonia entre os pares. As relações com o líder ou com os pares são sempre carregadas de conflito e de excesso, e não tomam a forma de um destino transcendental para o qual todos devem se dirigir. A sublimação pode se transformar em uma relação passional com a que encontramos na idealização amorosa, mas o indivíduo mantém sua capacidade de crítica em relação ao objeto, e raramente se submete aos caprichos desta relação. Na sublimação, o objeto não é posto no lugar do Ideal do Eu que, deste modo, não tem a capacidade de suspender a crítica.

2.4.3 Idealização/identificação

Do ponto de vista econômico, a idealização é a concentração da libido em um único objeto, não se tratando portanto de uma mudança no objeto da pulsão. Ela pode ser vista como um processo canalizador de libido, mas não é uma transformação sublimatória. Encontramos na idealização os mesmos processos que elevaram o objeto, e que promoveram o narcisismo.

Freud descreve que a dor psíquica decorre da incapacidade de se desligar dos objetos que se transformam em fonte de decepção. O desapego torna-se intolerável e obriga o Eu a fazer uma mudança correspondente, produzindo dor, uma vez que o Eu se recusa a abandonar o objeto idealizado, apresentando uma intolerância ao luto, impedindo o Eu de renunciar aos objetos ideais dentro de si. A entrada em cena do fantasma vai ligar o objeto à imagem de completude buscada pelo narcisismo, situando o movimento ao nível das aparências. O narcisismo é sempre a projeção de uma imagem de perfeição: imagem à qual é necessário renunciar, e que tem como referência o Eu idealizado do narcisismo infantil.

A identificação surge como recurso aplicado pelo Eu ao fato de que o objeto externo resiste a tendência à síntese própria ao narcisismo. Desta forma, o Eu pode fazer frente à pulsão de destruição, e às representações recalçadas que insistem em retornar. É pelo fato de poder abandonar os objetos originários, vindo a buscar novos, e, nesse percurso, permitir que um traço seja deixado pelo objeto, que encontramos no Eu o mecanismo que o possibilita se dirigir a objetivos distantes dos originalmente determinados. Podemos dizer então que idealização e identificação caminham em sentidos opostos, já que na idealização é o objeto externo super-investido que conta, gerando assim o empobrecimento do Eu, enquanto a identificação repousa na perda do objeto, e na colocação do próprio Eu na posição de ideal. A consequência da idealização tem como resultado o Eu perdendo a sua função de crítica e autonomia, mostrando que essa posição acarreta alienação e submissão.

Não queremos dizer que há sublimação sempre que ocorre uma identificação. Pode haver identificações sem que se encontre aí qualquer tipo de elaboração sublimatória, fato que pode ser verificado em relação ao caráter, que não é nem uma derivação direta, nem uma formação reativa, mas o resultado de sucessivos traços do objeto deixados no Eu ao longo da história.

A atividade sublimatória observada num domínio social, artístico ou científico mostra que a sublimação raramente se encontra presente onde há idealização, e sua noção só adquirirá um estatuto diferenciado quando se tornar clara a diferença entre a identificação e a idealização.

Contrariamente à idealização que visa criar um estado sem conflitos, instaurando o sujeito numa fascinação por um objeto e a dependência em relação a esse, a sublimação faz subsistir a falta e assegura ao sujeito a mobilidade necessária para investir. Ela se refere à libido objetal, isto é, a libido que se desloca para além das identificações egoicas; sua ação é tributária de um trabalho de luto em relação às idealizações, permitindo que os objetos não sejam rejeitados quando não se adéquam ao ideal, muito menos que eleitos como suporte de uma relação de fascinação. Enquanto a idealização se refere ao investimento maciço da libido em um único objeto, a sublimação em troca permite um investimento ativo sobre vários objetos, sendo um trabalho sobre a pulsão resultante de uma tensão que se debruça sobre a realização de novos alvos.

Em “O ego e o id” (Freud, 1923), após ampliar o papel do Eu, e relatado que o conflito adquire uma conformação mais primitiva do que aquela entre as pulsões do Eu e as pulsões sexuais, reformulando sua teoria em outras bases, Freud aponta que o Eu é o responsável pelo direcionamento da energia ligada ao processo de sublimação.

Apesar da ênfase dada aos aspectos que dizem respeito às obras de arte ou à vida dos artistas, não devemos esquecer que os investimentos sublimatórios não se restringem a essas dimensões, nem tampouco que pressuponha um gênio criador inigualável. Isso porque corremos o risco de ligá-la a um trabalho idealizador de promoção de valores comuns a todos (fazendo do artista o protótipo da subjetividade a ser alcançada). Essa armadilha pode nos prender às mesmas as quais Freud esteve às voltas em seus primeiros escritos, pensando na sublimação por uma perspectiva normativa. Se analisarmos personagens que desenvolvem trabalhos excepcionais, perceberemos que estas pessoas estão longe de se enquadrarem numa concepção normativa, ou de serem representantes de uma individualidade socialmente completa.

Tendo em vista que a idealização é um processo ligado diretamente ao objeto e a sublimação aponta para algo que acontece com a pulsão, ambos os conceitos devem ser distinguidos. Freud não deixa de chamar a atenção para esse fato em “Psicologia de grupo e análise do ego” (Freud, 1921), principalmente no capítulo VIII, onde o tema da idealização é amplamente abordado. Na perspectiva de ligar a idealização ao funcionamento da vida amorosa, encontramos a supervalorização do objeto, a suspensão da crítica que o indivíduo possa ter em relação a ele e a tendência a falsificar o julgamento quando o objeto ocupa o lugar do ideal. A supervalorização do objeto pode chegar ao ponto de “o objeto, por assim dizer, consumir o ego” (FREUD, 1921, p. 143).

Na idealização ocorre um engrandecimento do objeto e a fixação da libido a este, enquanto que na sublimação se torna necessária a troca do objeto original por outro. A formação de um ideal aumenta as exigências do Eu, constituindo-se em fator poderoso ao recalque dos elementos que não estão de acordo com o ideal. A sublimação pertence a uma das saídas para a pulsão em que ocorre a satisfação das pulsões sem o envolvimento do recalque.

Na sublimação está em jogo a aptidão em formar laços que não sejam puramente uma repetição do passado, e implica na suposição de que ela seja potencialmente capaz de se deslocar livremente sobre os objetos. Em “Os instintos e suas vicissitudes” (Freud, 1915b), Freud fará da sublimação um dos destinos da pulsão, e se referirá a ela como uma via em que ocorre satisfação por processos mais elevados, onde as pulsões sexuais além de guardar a propriedade de mudar de objeto, constroem metas muito distantes das originalmente determinadas. A sublimação é mais evoluída porque se trata de realização da pulsão com satisfação, e não formação de substitutos com recalque. Ao ir de encontro ao narcisismo, a idealização reforça o isolamento, a intolerância para com a diferença, e a sensação de

onipotência, não implicando na modificação do objeto da pulsão, mas de uma sobreestima do objeto que passa a concentrar todo investimento libidinal. Idealizar se torna uma via para canalizar a libido, mas não é uma transformação sublimatória, pois pertence aos mesmos jogos em que se encontram contidos mecanismos responsáveis pela elevação do alvo sexual.

2.4.4 Identificação e sublimação

No capítulo 7 de “Psicologia de grupo e análise do ego” (Freud, 1921) em que são desenvolvidas as conseqüências da idealização para o psiquismo, a identificação é postulada como expressão de uma ligação afetiva com outra pessoa. Nesse texto são distinguidos três tipos de identificação: uma arcaica, derivada da incorporação do objeto seguindo o modelo da absorção oral canibalesca; uma regressiva, através da introjeção de um traço da pessoa amada; e uma terceira identificação, que se efetua na ausência de qualquer investimento sexual, tratando-se de uma identificação coletiva, estabelecida pelo vínculo com o líder do grupo e com os pares de membros pertencentes ao grupo.

Ainda em “Psicologia de grupo...”, Freud faz uma importante diferenciação entre idealização e identificação, encontrando resultados opostos: no caso em que ocorre identificação, “o ego enriqueceu-se com as propriedades do objeto, introjetou o objeto em si próprio, como Ferenczi o expressa. No segundo caso,²¹ empobreceu-se, entregou-se ao objeto, substituiu seu constituinte mais importante pelo objeto” (FREUD, 1921, p. 114). Quanto à identificação, ocorre ainda ser ela um mecanismo que se relaciona ao objeto perdido, ao objeto que foi abandonado e que, quando da introdução deste objeto na estrutura do Eu, efetua uma modificação em seu interior (segundo os processos descritos em “Luto e melancolia” (FREUD, 1917a). Neste artigo, encontra-se desenvolvida a concepção em que a identificação corresponde ao abandono do objeto pelo Isso, e a partir deste abandono, o Eu pode absorvê-lo dentro de si. Com a identificação o Eu adquire certos traços do objeto, e passa desta forma a se oferecer como objeto de amor substituto, objeto que vem no lugar do objeto perdido. Freud nos explica que esta talvez seja a única forma de o Isso abandonar os seus objetos e substituí-los por outros. Esse processo encontra-se descrito em “O ego e o id” da seguinte maneira:

A identificação é a única condição pela qual o id pode abandonar seus objetos (...). Pode-se dizer, portanto, que esta transformação de escolha objetal erótica em alteração do ego é também um método pelo qual o ego pode adquirir um controle sobre o id e intensificar sua relação com ele, ainda que à custa de aquiescer em grande medida o que o id experimenta (FREUD, 1923, p.121).

²¹ No caso em que ocorre a idealização.

No caso da idealização, o investimento no objeto corresponde à servidão do Eu a este, que fascina e domina. Há nessas premissas a idéia de que o Eu só voltará a se enriquecer quando trazer a libido de volta para si, um mecanismo que acentua o narcisismo e aumenta o recalque. O retorno do investimento no narcisismo é sentido como um esforço de recuperação desse estado.

A sublimação se torna mais clara quando, frente à ameaça de desaparecimento, frente ao vazio, à impossibilidade de simbolizar uma angústia radical, o sujeito constrói um objeto que torna suportável o enfrentamento de tal situação. Monique David-Menard, em artigo intitulado “A identificação na histeria” (David-Menard, 1994), nos mostra que o trabalho de criação artística pode se apoiar numa ausência de identificação, e, daí produzir uma figura sob a forma de um objeto intercambiável, que a partir de então pode ser partilhado, trazendo uma nova maneira de pensar a produção artística através da invenção de algo que vem tornar possível uma aproximação ao vazio da coisa:

(...) dependendo do seu momento, a sublimação enfrenta a mais radical angústia e não se apoia em nenhuma identificação para daí produzir alguma figura. Sob tal condição essas produções podem ser expostas, quer dizer socializadas, elas têm um preço. (DAVID-MENARD, 1994, p. 80).

2.5 Sublimação como tarefa

2.5.1 A sublimação como processo de mudança

Dizemos que ocorre sublimação quando a libido pode se deslocar para novos objetos, e que há idealização quando a libido está fixada a um determinado objeto, tal como Freud se expressa: “Como vimos, a formação de um ideal aumenta as exigências do ego, constituindo-se um fator mais poderoso a favor da repressão; a sublimação é uma saída, uma maneira pelas quais essas exigências podem ser atendidas sem envolver repressão” (FREUD, 1914b, p. 112). No capítulo II de “O ego e o id” (Freud, 1923), encontramos que o ideal reforça o superego enquanto instância crítica, mantém a meta e aumenta o recalque. A sublimação, pela mudança da meta, é uma satisfação da pulsão que aumenta a autoestima por trazer um incremento de libido através do retorno dos objetos, além de ser uma forma de derivar a agressividade decorrente da pulsão de morte.

Numa carta dirigida a Marie Bonaparte, Freud esclarece o mecanismo em que a pulsão se põe a serviço da sublimação, sendo direcionada aos objetos externos, e obrigando Eros a

manifestar-se. A pulsão de destruição sob a forma de um composto libidinal pode se colocar a serviço de um número ilimitado de atividades que não impliquem diretamente em destruição.

Assim Freud descreve essa situação:

A sublimação é um conceito que compreende um julgamento de valor. De fato ela significa uma aplicação a outro domínio onde realizações socialmente mais valiosas são possíveis. Devemos então admitir que desvios semelhantes que se separam do objetivo de destruição e exploração para se revirar sobre realizações são demonstráveis em uma larga escala naquilo que concerne ao instinto de destruição. *Todas as atividades que organizam ou efetuam mudanças são, de uma certa maneira, destruidoras* e redirigem assim uma porção do instinto para longe de seu objetivo destruidor original (carta a Marie Bonaparte de 27 de maio de 1937. Citado por Ernest Jones em *Freud vida e obra* – itálicos meus).

No texto acima, quando a pulsão de morte aparece em aliança com uma atividade construtora, que é a de Eros, podemos entender a possibilidade da mudança: a destruição do antigo e a condição do surgimento do novo supõem a presença de elementos que venham a se estabelecer sobre os escombros.

2.5.2 A sublimação se diferencia de uma fixação perversa

Em *Le choix de la sublimation* (A escolha da sublimação) Sophie de Mijolla-Mellor (Mijolla-Mellor, 2009, p. 118) aponta para o risco de a libido se fixar ao objeto e acarretar uma relação de fascinação perversa, fato encontrado quando o artista não consegue abandonar sua obra, estabelecendo com esta uma relação de possessão. A autora acrescenta que a sublimação e a perversão têm em comum a mesma fonte: um fluxo libidinal que não se deixa prender pelo recalçamento. No entanto a fixação perversa em determinado objeto implica a perda da propriedade de deslocamento e a recusa da castração. A sublimação pressupõe que a libido não esteja fixada ao momento do antes do advento traumático – a ausência do pênis na mãe – e dessa forma permite que o sujeito se lance a outros objetos. Trata-se aqui daquilo que Freud chama de viscosidade da libido, que se traduz pela incapacidade da libido em se deslocar sobre diversos objetos. A fixação perversa se aproxima de uma defesa contra o fato de haver indivíduos castrados. Ela então demonstra ser o avesso de uma operação de sublimação, que requer a confrontação com o vazio de onde surge o objeto, e pressupõe uma relação de liberdade para com ele.

2.5.3 A tensão do desejo possibilitando a sublimação

Há em Freud uma perspectiva diferente para se entender os mecanismos em jogo na sublimação que se tornaram mais claros quando a elaboração da segunda tópica foi concluída. Na segunda tópica se encontra plenamente desenvolvido as conseqüências do novo conflito pulsional, com a presença cada vez maior da morte no psiquismo. Isso se refere particularmente ao conceito de identificação que vem a esclarecer de maneira definitiva a distinção entre os processos de idealização e de sublimação. Em “Luto e melancolia” (Freud, 1917a), Freud se refere ao luto como um processo que se desenvolve no Eu, mas que diz respeito ao objeto. Pelo luto o sujeito faz uma operação de substituição de investimento erótico onde o objeto é trocado pelo Eu, e assim permite que esse investimento seja mantido, agora se dirigindo ao Eu. Em “O ego e o id”, o Eu incorpora um traço do objeto se identificando a ele, e passando a ser objeto de amor para o Isso, sendo essa operação essencial para o processo de sublimação: a perda do objeto primordial, o luto em relação a esse objeto, e subsequentemente o investimento libidinal em outros objetos. Esse mecanismo se encontra no artigo “Além do princípio do prazer” de 1920, na passagem muito comentada em que Freud descreve como seu neto supera o afastamento da mãe ao inventar um jogo com um carretel de linha. O jogo do *fort-da* relaciona uma perda e a sua superação²² (LACAN, 1979).

Quando relacionamos a sublimação à meta e ao objeto da pulsão, não queremos dizer que se trata somente de substituição de um objeto por outro, ou de um objetivo ‘espiritualmente elevado’, mas de um movimento de transformação psíquica, relacionado à criação e a mudanças na posição subjetiva, que coloca questões sobre os destinos da pulsão, sobre o erotismo e sobre a inserção do sujeito no campo da ética.

Em “Além do princípio do prazer”, a ligação passa a ter o papel que antes era atribuído à descarga. No entanto, seu funcionamento adquire valor especial, pois ela não se esgota como na descarga. A partir da ligação o Eu domina e conserva o laço, efeito que desaparece na descarga, possibilitando um estado de tensão desejante. Nessa perspectiva podemos pensar a sublimação ligada à capacidade do Eu em manter a libido sob tensão, sendo uma das mais eficazes defesas contra a perda da condição desejante.

O texto “Sobre o narcisismo: uma introdução” demarca uma mudança realizada por Freud em relação às pulsões e à sexualidade. Suas posteriores observações se dirigem no sentido de pensar a sublimação mais como uma satisfação que propriamente insatisfação

²² Lacan vai referir a esse momento como o instante inaugural da entrada do simbólico através da alternância do jogo significante, ocorrido após a perda do objeto primordial de desejo e seu luto, instaurando a criança no reino da ausência e da substituição significante.

pulsional, o que será realçado com a introdução da pulsão de morte, obrigando a um realinhamento conceitual. A sublimação se torna uma modalidade de Eros, permitindo a erotização da pulsão de destruição. Ao livrar a pulsão de morte de seus laços com Eros, é a morte que toma a dianteira, e a destruição, livre de suas amarras, encontra o caminho para o seu trabalho. Neste sentido a ligação assume grande importância por não permitir o desfusãoamento.

2.5.4 O humor

Sophie de Mijolla descreve o humor como uma forma de sublimação, em que é o próprio Eu do indivíduo que é afetado pelo luto. O acréscimo de prazer seria derivado desta disposição de energia adquirida pela vitória sobre o sofrimento, uma reconstrução sublimatória do Eu no Eu (Mijolla-Mellor, 2009, p. 356), que é adquirida pela queda de um ideal.

A referência de Lacan ao humor aparece em um de seus seminários,²³ descrevendo que no humor o sujeito vence em sua derrota. Trata-se para ele de um excesso de saber com o qual o sujeito se depara, e que lhe chega de surpresa, revelando o pouco de consistência que representam suas identificações e os ideais que o sustentam. Isso se traduz por um efeito paradoxal de tomada de consciência da sua condição, fazendo com que o prazer substitua a angústia. O ganho de prazer é extraído da derrocada do narcisismo; um ganho que não é decorrente de uma atitude de negação ou de defesa, e que vence a instância crítica presente no Supereu.

²³ *O seminário, livro VII – A ética da psicanálise* (1997),

3-A TEORIA DAS PULSÕES E A SUBLIMAÇÃO

3.1 As pulsões na sublimação

Quando o inconsciente dominava a elaboração teórica de Freud, seus fundamentos usados se baseavam na interpretação e na argumentação, pensando na psicanálise como uma ciência hermenêutica. A visão otimista desta nova ciência fazia acreditar que poderíamos curar os sofrimentos psíquicos revelando o motivo escondido e com isso desfazendo o laço que as representações inconscientes mantinham entre si, o material que só se deixava transparecer nos sonhos, atos falhos e sintomas. Tomado pela idéia de que era possível desvelar o inconsciente, Freud encontra um sujeito transparente a si, vivendo em harmonia com os seus pares, dando continuidade a seu projeto de inventar uma nova ciência através do desvelamento da representação oculta e da estabilização normativa, tendo a figura do analista como ideal a ser seguido.

Este projeto terapêutico fracassa em decorrência da observação de que elementos presentes no inconsciente mostram-se rebeldes à submissão a prova de realidade. Mesmo depois de desvelado o conteúdo do recalque, este fato não trazia uma mudança significativa em seus comportamentos. Além destes fatores que se colocam contra o projeto terapêutico, Freud observava até mesmo em pessoas normais um componente, ao qual acrescentou o adjetivo de ‘demoníaco’, em ação no psiquismo, manifestando-se sob a forma de uma compulsão à repetição refratária aos procedimentos terapêuticos utilizados na clínica. Essa descoberta contradizia o funcionamento do princípio do prazer, pois sua manifestação não apresentava ganho nenhum, colocando-se mais como um desprazer que sujeita o psiquismo. O aparelho passa a ter como prioridade dominar inicialmente estes estímulos e, somente depois, poder descarregá-los.

Em conseqüência dessas novas aquisições se produz um remanejamento teórico no campo psicanalítico, e a reformulação da teoria das pulsões, passando o conflito a se situar não mais entre as pulsões de autoconservação presentes no Eu, e as pulsões sexuais. Uma nova divisão se sucede a ambas (autoconservação e sexualidade), que passam a ser identificadas como componentes de Eros, responsáveis por agregar conjuntos de elementos cada vez maiores. Eros, princípio ordenador, se contrapondo a uma força desagregadora, invisível e silenciosa. Essa força visa à abolição de todo estímulo presente no interior do

psiquismo, constituindo-se em um novo princípio que pretende o retorno à matéria inanimada pelo caminho mais curto.

3.1.1 O conflito pulsional na primeira teoria das pulsões

A pulsão tem lugar na estrutura teórica a partir dos problemas que a sexualidade passa a apresentar, pela ampliação de seu papel na constituição do indivíduo. A pulsão se apresenta como um argumento teórico para dar conta de que a sexualidade vai muito além de uma função reprodutora, e também para explicar sua presença nas crianças e em adultos, principalmente no que diz respeito às manifestações pré-genitais. Sendo assim, ela vem responder aos problemas da relação que o indivíduo estabelece consigo mesmo e com o outro. A compreensão inicial é que o conflito pulsional acontece entre as pulsões de autoconservação e as pulsões sexuais, representado de maneira tópica como um conflito entre o inconsciente e o pré-consciente, e a melhor exposição deste mecanismo se encontra no artigo “A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão” (FREUD, 1910a). Neste, em decorrência da intromissão da sexualidade no funcionamento do órgão da visão, este último acaba ficando comprometido, advindo daí a paralisia do órgão.

Laplanche nos chama a atenção para o fato de que o conflito psíquico inicialmente se desenrola no plano da adaptação. O recalque vem a responder às aspirações morais impostas pela civilização, onde o Eu é responsável basicamente pelas demandas internas, além da adaptação ao plano da realidade externa (LAPLANCHE, 1989, p. 33).

A evolução teórica passa a se deslocar, indicando que o conflito se desenrola agora entre as instâncias do Eu e as pulsões sexuais, pois o Eu é percebido como o responsável pelo funcionamento dos mecanismos que resultam na sobrevivência.

3.1.2 A função do prazer no funcionamento psíquico

Na primeira teoria das pulsões, o princípio do prazer reina absoluto, e é identificado como o responsável pelos desequilíbrios energéticos, sendo considerado anti-homeostático, isto é, em decorrência de estar ligado ao funcionamento do aparelho no processo primário, pelas leis de condensação e deslocamento, visa à descarga total da energia circulante, pois busca a todo custo à satisfação plena, não respeitando os limites socialmente estabelecidos. A

introdução do processo secundário, imposto pela urgência da vida, vem limitar o funcionamento do aparelho através do processo primário e sua tendência originária ao engodo e à alucinação. Para que isso aconteça torna-se necessário ligar a energia circulante a um grupo de representações ou a um objeto da realidade que participe do universo de satisfação pretendida.

Longe de ser tomado por uma natureza sensualista, o prazer pensado pela psicanálise visa mais aos aspectos econômicos de funcionamento mental, que tem como finalidade impedir que mudanças abruptas na variação de energia aconteçam em seu interior. Nos “Três ensaios... (Freud, 1905a) a energia sexual é identificada à libido, que passa a ser definida como a expressão da pulsão sexual. Num primeiro momento, o conflito é entendido como a inclinação originária das pulsões sexuais a buscar o prazer, encontrando nas pulsões de autoconservação que visavam à sobrevivência do organismo um limite a sua manifestação. Mas Freud não tardou a perceber que a origem do antagonismo não se situava entre as pulsões de autoconservação e a sexualidade, mas entre as instâncias envolvidas, deslocando o polo do problema para a relação entre o Eu e o Isso.

Este deslocamento acontece quando Freud define o Eu como uma instância constantemente investida, que tem por finalidade inibir a descarga sempre que um ‘estado de desejo’ ocorrer no interior do organismo, e também como mediador entre as necessidades internas e a realidade externa. São definidas as pulsões ligadas ao Eu, que são designadas assim por portarem, além de uma função de autoconservação, também uma função repressiva, visando impedir que as moções pulsionais contrárias aos ideais sejam passíveis de se manifestarem. A partir de então o conflito passa a girar entre as pulsões do Eu, responsáveis pela autoconservação e pela mediação com a realidade, e as pulsões sexuais que, provenientes do Isso, pressionam a descarga.

3.1.3 Um novo funcionamento do aparelho psíquico

Com a introdução da pulsão de morte em 1920, Freud visa a compreensão da presença constante na clínica dos elementos que resistem ao processo de cura, mas também à recusa do abandono do ponto de vista dualista, que seria interpretado como aceitação das concepções monistas de Jung. A hipótese de um princípio mais arcaico e fundamental, que determinava como o aparelho deveria se comportar passa a relativizar o princípio do prazer, deixando transparecer um modo de funcionamento psíquico que tem como fundamento o retorno à

quietude, traduzida pela ausência de estímulos representada pelo instante anterior à entrada do organismo na ordem da vida. Todo dispositivo posto em ação visa agora a dar conta dos elementos que resistem a se deixar representar, e que insistentemente agem desestruturando o campo representacional previamente constituído por Eros.

Essa força representa uma suspensão temporária do princípio do prazer, que tenta dominá-la pelas vias associativas. Ela segue outra via, buscando a descarga total da energia circulante, obedecendo a uma tendência primordial do organismo que quer a anulação da tensão. Em “Além do princípio do prazer”, Freud propõe um novo dualismo pulsional que passa a ser desenhado da seguinte maneira: conflito estabelecido entre as pulsões de vida que passam a englobar as pulsões sexuais e de autoconservação, e a pulsão de morte que se encontra fora do campo do representável (para além das *Wortvorstellung* – representações de palavras – e das *Objektvorstellung* – representações de objeto).

3.2 Algumas considerações sobre as mudanças produzidas na teoria psicanalítica

3.2.1 Estímulo externo e estímulo interno

Inicialmente, o modelo buscado para explicar o aparelho psíquico tinha como referência a fisiologia dos estímulos nervosos, com o arco reflexo tomado como modelo de funcionamento. Este dispositivo baseado no conjunto estímulo/resposta funciona bem quando se trata de explicar a origem do impulso a partir de uma fonte externa, mas falha ao tentar descrevê-lo a partir do interior do organismo. Freud vai nos advertir que em se tratando dos estímulos internos, reagir de maneira análoga àquela derivada dos impulsos externos não adianta. Neste caso, a tentativa de afastamento é inútil, pois este estímulo tem características diferentes do externo por se tratar de uma fonte constante de perturbação atuando de dentro, que não permite recursos como o afastamento ou a fuga. Havia uma distinção entre estímulos externos derivados de variáveis físicas, e estímulos internos derivados de uma fonte somática, regidos por leis próprias que não eram encontradas no mundo da física. A principal atribuição do sistema neuronal seria a de dominar estes estímulos, livrar-se deles, ou mantê-los em níveis muito baixos.

A pulsão passa a se definir como uma força constante representando a presença deste estado interno que faz exigência de trabalho ao organismo, requerendo a efetivação de uma ação complexa para conseguir dominá-la, ou pelo menos atenuar seu impacto, ao preço de um

aumento do desprazer proporcionado pelo acúmulo da tensão no aparelho quando esta ação fracassa. A satisfação seria o melhor meio de resolver a tensão interna, e todos os recursos são empenhados para a sua obtenção.

3.2.2 Definição dos princípios que regem o psiquismo

Inicialmente, o organismo tem que fazer a distinção da origem do estímulo, diferenciando interno de externo, já que os mecanismos envolvidos na ação não são os mesmos. Para os estímulos provenientes do interior a ação motora é totalmente inútil, obrigando a realizar atividades complexas para modificar a realidade externa e promover a satisfação das fontes internas. Os sentimentos de prazer e desprazer predominam sobre qualquer forma de estímulo, dado que seu modo de funcionamento original visa à busca do prazer e a evitar as situações produtoras de desprazer.

No “Projeto...” (Freud, 1950b), Freud descreve como o organismo faz a experiência da dor, e, em decorrência do aparelho ter “a mais decidida inclinação para *fuga a dor*” (Freud, 1950b, p. 21), esta se fazer sentir ao lado do desprazer, levando-o a recorrer a uma defesa, projetando a dor no exterior. Ela é percebida como vinda de fora, provocada pelo objeto hostil, e como os motivos fundamentais da conduta humana têm como consequência ignorar todo objeto hostil, e transformar todo objeto bom em objeto de desejo, o aparelho tende a ocupar a imagem recordativa relacionada ao objeto de desejo, isto é, a aluciná-la, ou a negar sua existência no caso da dor (FREUD, 1950, p. 21).

“O princípio de prazer, então, é uma tendência que opera a serviço de uma função, cuja missão é libertar inteiramente o aparelho mental de excitações, conservar a quantidade de excitações constantes nele, ou mantê-las tão baixo quanto possível” (FREUD, 1920, p. 83). Freud observa que a principal tarefa seria sujeitar um impulso, prepará-lo para eliminação no prazer da descarga. Este seria o efeito intensamente procurado.

Mas a conclusão de Freud no “Além...” não deixa de surpreender ao afirmar que o princípio do prazer está na verdade a serviço, ele também, de uma função mais primordial que é a eliminação dos estímulos. Desta forma podemos afirmar: “*Parece, então, que um instinto é um impulso, inerente à vida orgânica, a restaurar um estado anterior de coisas*” (FREUD, 1920, p. 53-54, *itálicos no original*). A natureza conservadora de uma pulsão se deixa revelar

na afirmação de Freud, onde a repetição, como mecanismo de funcionamento de uma pulsão, visa o retorno a uma situação anterior.

Freud estabelece que nenhuma pulsão se apresenta em estado puro, e o que encontramos de fato é uma composição em grau variável de ambos grupos de pulsões: pulsões de vida e pulsão de morte se apresentam sempre misturadas. A diferença é que enquanto as pulsões de vida são numerosas e ruidosas, a pulsão de morte é invisível e silenciosa. Em decorrência da fusão das pulsões de vida com as pulsões de morte, uma consequência paradoxal pode ser retirada destas premissas: ao querer fazer unidades cada vez maiores, Eros se revela conservador, enquanto o trabalho de Tanatos se caracteriza por fragmentar estas unidades para um novo recomeço, mas em outras premissas.

Certo grupo de instintos se precipita como que para atingir o objetivo final de vida tão rapidamente quanto possível, mas, quando determinada etapa no avanço foi alcançada, o outro grupo atira-se para trás até um certo ponto, a fim de efetuar nova saída e prolongar assim a jornada (FREUD, 1920, p. 58).

Dessa forma, o percurso que vai do nascimento à morte se prolonga indefinidamente, sempre recomeçando por novos caminhos, pois o que o organismo quer é morrer à sua própria maneira. O que o conceito de pulsão de morte introduz na teoria psicanalítica é a possibilidade de se pensar uma região fora do campo submetido à ordem do prazer, e sua presença condicionando o funcionamento deste: um princípio disjuntivo que desfaz as formas constituídas, dando lugar à emergência de novas formas.

O artigo intitulado “Além do princípio do prazer” foi postulado quando aparece na clínica:

uma compulsão à repetição, que também rememora do passado experiências que não incluem possibilidade alguma de prazer e que nunca, mesmo a longo tempo, trouxeram satisfação, mesmo para impulsos instintuais que desde então foram reprimidos” (FREUD, 1920, p. 34).

Freud propôs que houvesse então duas energias: uma que flui livremente, e pressiona no sentido da descarga, e um outro modo de funcionamento através da energia ligada. Há desta maneira uma quantidade de energia que força para dentro do aparelho, acarretando um excesso que momentaneamente não pode ser manejado, suspendendo sua tarefa primordial que seria a descarga, um princípio irruptivo que paralisa as funções até que toda energia que emerge seja ligada e só depois descarregada. O princípio do prazer se torna desde então uma modificação deste princípio tido como mais primitivo, pois ele também visa à diminuição dos estímulos. Mas ele é um princípio que se transformou mediante a influência das forças da vida.

3.2.3 Os elementos da pulsão

A pulsão é tida como um conceito no limite entre o psíquico e o somático, implicando exigência de trabalho feita ao psiquismo em decorrência de suas ligações com o corpo. A pulsão é pensada, sobretudo, em seu aspecto econômico, envolvendo a realização de certos procedimentos com o intuito de dominar as excitações. Mas na medida em que estas são de caráter constante resulta que o psiquismo deve realizar uma tarefa infundável de dominá-las e descarregá-las.

Em seu artigo metapsicológico dedicado às pulsões (“Os instintos e suas vicissitudes”, de 1915b) Freud passa a distinguir os elementos que compõem-na, correspondendo à força, ao alvo, à fonte, e ao objeto. São descritos da seguinte forma:

a) Força: esta representa a exigência de trabalho que é imposta ao organismo: “Por pressão [*Drang*] de um instinto compreendemos seu fator motor, a quantidade de força ou a medida de exigência de trabalho que ela representa” (FREUD, 1915, p. 142). A pulsão não está a serviço de nenhuma função biológica e a própria concepção de força constante já é um indicativo disto; toda manifestação da pulsão se relaciona a uma atividade, e mesmo quando sua expressão é passiva, ela deriva de uma atividade.

b) Finalidade (*Ziel*): é sempre no sentido da satisfação, que se obtém eliminando o estado de excitação; embora a finalidade seja imutável, isto é, ela sempre visa à satisfação, haverá diversos caminhos para tanto, de modo que uma pulsão possui diversas finalidades intermediárias, podendo combinar, ou intercambiar-se uma com as outras, envolvendo diversos modos de satisfação. A inibição quanto à meta permite que elas sejam passíveis de sublimar, envolvendo em processos desta espécie sempre uma satisfação parcial. O caráter paradoxal desta concepção começa a aparecer quando, em decorrência da natureza da pulsão, seu alvo não é para ser atingido. A condição do desejo é que a busca sempre relançada pelo objeto perdido nunca seja alcançada, demonstrando que a satisfação plena é impossível.

c) O objeto da pulsão (*Object*): é o seu terceiro elemento, sendo a coisa através da qual a pulsão é capaz de atingir sua finalidade. Segundo Freud, é o que há de mais variável na pulsão, podendo inclusive ser uma parte do próprio corpo, sofrer variação quantas vezes for necessária ao longo da existência, e, inclusive, se tornar objeto de satisfação para várias pulsões; mas também ser possível que o objeto se fixe a determinada pulsão, pondo fim a sua mobilidade, e produzir intensa resistência ao desligamento. A afirmação de que à pulsão falta um objeto específico não quer dizer que qualquer objeto seja possível, mas que entre a pulsão e o objeto se interponham os desejos e as fantasias que irão orientar o sujeito nesta busca do

objeto. Ele, segundo Freud, não é concebido como uma coisa do mundo, mas como um conjunto de representações que condicionam sua presença. O objeto pode ser entendido como uma síntese entre representações sensoriais e signos linguísticos.

Lacan, ao definir que para a pulsão nenhum objeto pode preencher a função de satisfazê-la, vai dizer que a melhor maneira de entender é pensar que a pulsão o contorna (LACAN, 1998b, p. 170).

d) A fonte: é o resultante de um processo somático ocorrido no interior do organismo, e cujo estímulo é o responsável pelo aparecimento da pulsão no psiquismo.

A procedência dessa energia que move o psiquismo, por muito tempo criou problemas para Freud, que a pensava ora proveniente do acúmulo no interior do organismo que a partir de um limiar irrompia no aparelho, ora derivada do estímulo produzido por agentes externos, tal qual é aventado em “Três ensaios...” (Freud, 1905a), em que o balanço do trem pode ser fonte de energia sexual. A importância deste fato decorre que para haver sublimação é necessário que a energia se acumule que forme diques, provenha de recursos sempre renováveis, e não de um estoque limitado. De qualquer forma, neste texto em que são descritos os destinos da pulsão, Freud não se importa muito com a natureza desta libido, apenas nos certifica de que se trata de uma origem relacionada a fontes somáticas.

O conflito pulsional descrito na primeira teoria das pulsões encontra-se centrado nas exigências que a sexualidade impõe, enquanto que o Eu tenta adequar as demandas do princípio do prazer à realidade. Desta forma, Freud conseguiu inserir a história individual na história da espécie, pensando o sujeito como a ponte entre uma finalidade que o ultrapassa, a perturbação que a espécie impõe, e a necessidade de perseverar-se em seu ser. O indivíduo tem que pensar na conservação para sobreviver, mas a espécie só o percebe enquanto germe transitório a serviço de uma finalidade que o transcende.

3.2.4 Propriedade das pulsões sexuais

Para Freud as pulsões sexuais são consideradas numerosas, independentes, e visam particularmente ao prazer. A satisfação definitiva nunca é alcançada: no trajeto que leva à satisfação elas podem mudar de percurso, intercambiar, e serem inibidas em sua finalidade, desviar e derivar de objetivo com muita facilidade, sendo esta a propriedade que será aproveitada na capacidade de sublimar. Desta maneira as pulsões podem ir muito longe na variedade de objetos de satisfação, modificando, no trajeto que vai da fonte ao objeto, a meta

inicialmente estabelecida. No texto dedicado à pulsão, Freud, pela primeira vez, faz referência à sublimação como possibilidade de mudança na meta e no objeto, e concebeu-a como um dos quatro destinos para a pulsão sexual.

Em “Sobre o narcisismo: uma introdução” (Freud, 1914b), a sublimação é associada à propriedade da pulsão de se afastar da finalidade sexual a que estava originalmente ligada, e se apropriar de outras diferentes e afastadas daquela. Para Freud este processo é condicionado à dessexualização da libido. Em “O ego e o id”, Freud questiona se toda sublimação não tem de passar pela mediação do Eu, acarretando a transformação da libido objetal em libido narcísica, para posteriormente ser reinvestida em outras finalidades. A certa altura de “O ego e o id”, Freud confessa que é difícil distinguir a identificação ao objeto do investimento no objeto, encontrando uma equivalência entre a libido que se dirige do Eu aos objetos e que retorna ao Eu, sendo este um processo de enriquecimento do Eu pelo retorno desta libido.

Em “Além do princípio do prazer”, é acrescentada à hipótese de uma energia deslocável, a possibilidade de passagem de energia destrutiva para a erótica, produzindo um incremento de investimento, uma energia que passa a ser armazenada no Eu sob a forma dessexualizada.

Em “O ego e o id”, Freud observa que se colocando a serviço das forças contrárias a Eros, o Eu pode se encontrar em sério perigo. Uma vez livre de Eros, que perdeu a propriedade de religar-se a Tanatos em decorrência da dessexualização, as pulsões de morte seguem seu percurso em direção à matéria inanimada. Os elementos pulsionais eróticos tornam-se responsáveis pelo freio exercido sobre as pulsões de morte. O investimento sublimatório passa a ser tomado de significativa importância pela capacidade de dirigir a pulsão para outros objetos e objetivos.

3.3 O entrelaçamento pulsional e a sublimação

3.3.1 A sublimação não se confunde com o recalque

Laplanche, em seu livro dedicado ao tema da sublimação (Laplanche, 1989) revela que a repercussão da sexualidade em dois planos permite entender por que pessoas normais podem utilizar a energia, da sua pulsão sexual sem com isso gerar sintoma. Isto quer dizer que a derivação da pulsão para finalidades que não sejam diretamente relacionadas com a sexualidade se encontra disponível, de alguma maneira, diversa daquela subordinada ao

recalque. Segundo esta proposta que se encontra em Freud, a libido é sublimada desde a origem, a derivação da energia ocorre antes que o recalque arraste para o inconsciente a parcela que pode ser utilizada numa atividade sublimatória. A sublimação desde a origem aproxima a sublimação das fontes libidinais.

Essa distinção entre sublimação e recalque foi um dos fatores que inicialmente não sofreram um tratamento mais refinado, acarretando muita confusão. A diferença entre recalque e sublimação só será abordada plenamente em 1915, em “As pulsões e suas vicissitudes”, quando Freud irá definir uma concepção metapsicológica diferente para a sublimação, constituindo um destino distinto do recalque. A inibição quanto à meta se torna outro fator a gerar confusão que pode ser confundida com uma inibição neurótica. Essa é concebida como uma relação em que a finalidade pára ao meio do caminho de sua realização, lançando a meta num tempo indefinido, restando o objeto como um ponto fixo dificilmente alcançável. Na sublimação, como observa Laplanche, há uma mudança no objetivo, no objeto, e até mesmo na fonte, não permanecendo qualquer relação com os objetos e objetivos originários. Trata-se então de outra coisa, que tem na dessexualização outro nó a ser desatado.

Ao se referir ao Eu como o agente da sublimação e a dessexualização como condição de possibilidade para que a pulsão possa mudar de objetivo e de objeto, Freud retoma o tema em textos posteriores, problema que por vezes parece ter superado, mas que retorna mostrando o quanto esse processo é problemático, envolvendo diversas instâncias, numa articulação por vezes impossível.

3.3.2 A sublimação e a pulsão de morte

A pulsão de destruição nos mostra maior utilidade na compreensão da sublimação a partir da segunda tópica, na qual a derivação da energia em direção ao exterior se torna de grande utilidade para diminuir os efeitos da incidência da pulsão de morte no psiquismo. Ela é explicada por Freud em “O problema econômico do masoquismo” (Freud, 1924a), em que encontramos a fórmula da relação entre agressividade, dominação e sadomasoquismo:

A libido tem a missão de tornar inócuo o instinto destruidor e a realiza desviando esse instinto, em grande parte, para fora – e em breve com o auxílio de um sistema orgânico especial, o aparelho muscular – no sentido de objetos do mundo exterior. O instinto é então chamado de instinto destrutivo, instinto de domínio ou vontade de poder. Uma parte é colocada a serviço da função sexual, onde tem um papel importante a desempenhar. Esse é o sadismo propriamente dito. Outra porção não compartilha dessa transposição para fora; permanece dentro do organismo e, com o auxílio da excitação sexual acompanhante acima descrita, lá fica libidinalmente presa.

É nessa porção que temos de identificar o masoquismo original, erógeno (FREUD, 1924a, p. 204)

A pulsão de destruição aparecerá como uma emanção da pulsão de morte, que já sofreu uma transformação por sua conjugação com Eros, que a dirige ao exterior. . Ela mantém seu poder disruptivo, que consiste em quebrar as ligações, e que pode ser colocado a serviço de um numero ilimitado de ações que não impliquem necessariamente destruição. Para que isso aconteça é necessário que a agressividade não vise ao semelhante como um objeto e permaneça em aliança com Eros, pois a destruição do antigo é uma parte das condições de mudança. O entrelaçamento de elementos eróticos e destruidores é inseparável da construção e destruição próprias aos movimentos contemporâneos.

A condição da sublimação deriva então da sustentação da ligação que Eros possa fazer com Tanatos, pois, como Freud descreve, o desfusãoamento da pulsão deixa livre Tanatos para fazer seu trabalho de morte. O objetivo da pulsão de morte é então afastado de seu objetivo original, podendo inclusive torna-se o contrário. Esse sentido aumenta grandemente a importância do processo de sublimação, que adquire outro valor a partir do novo dualismo. Esse novo dualismo permite nova definição de Eros, que passa a englobar a pulsão sexual propriamente dita, não inibida em sua finalidade, mas também as pulsões inibidas e sublimadas, além das pulsões de autoconservação. Essa energia deslocável, responsável pelos mecanismos de sublimação, é suscetível de reforçar indiferentemente tanto uma moção erótica quanto uma moção destruidora, mas a condição e o deslocamento pertencem a Eros, conforme Freud observa: “As pulsões eróticas se mostram de uma maneira geral mais plásticas, mais suscetíveis de derivação e de deslocamento que a pulsão de destruição” (Freud, 1923). Visto que Tanatos não é suscetível de sublimar, este processo permanece ligado à capacidade de Eros juntar os componentes diversos e dirigi-los para outros objetivos afastados do original.

Entendemos que a compreensão do psiquismo, após a introdução da pulsão de morte, nos mostra que o fusãoamento a Eros, torna utilizável o componente destrutivo, fazendo derivar grande parte da pulsão de morte ao exterior. A relevância recai sobre o aspecto quantitativo da pulsão, seu caráter de excesso, imprevisibilidade e de surpresa. Aparece o aspecto de uma força que irrompe de forma traumática no psiquismo. A sexualidade passa a ser vista como um componente da vida, e não como algo hostil a ela, se fazendo no encontro com a alteridade, revelando que as realizações da humanidade são produtos de Eros, sendo o sexual que cria a cultura e não como Freud inicialmente entendia. As manifestações de Eros passam a ter importante papel.

3.4 As novas perspectivas para a sublimação a partir da segunda tópica

3.4.1 A sublimação como destino pulsional na segunda teoria das pulsões

A sublimação representa um destino pulsional e está estreitamente ligada ao desenvolvimento e evolução da teoria freudiana das pulsões. As duas grandes reviravoltas em relação a este tema podem ser encontradas nos textos “Sobre o narcisismo: uma introdução”, de 1914b, e “O ego e o id”, de 1923. Em “O ego e o id, Freud leva plenamente em consideração as conseqüências da nova teoria das pulsões, e formula uma hipótese que tornou-se matéria de questionamentos por parte dos seus comentadores.

Neste artigo, ele afirma que toda sublimação se produz por intermédio do Eu, que começa por transformar a libido de objeto sexual em libido narcísica. Após este procedimento se concluir, ele pode eventualmente lhe destinar outro objetivo:

Em verdade, surge a questão, que merece consideração cuidadosa, de saber se este não será o caminho universal à sublimação, se toda sublimação não se efetua através da mediação do ego, que começa por transformar a libido objetal sexual em narcísica, e depois passa a fornecer-lhe outro objetivo (FREUD, 1923, p. 44).

Freud fala em relação à libido como sendo uma energia passível de deslocamento e, em conseqüência, com poder de se derivar em sublimação. Essa energia deslocável, neutra em si própria (Freud, 1923, p. 59) encontra-se suscetível de vir a reforçar uma atividade erótica ou destruidora, mas o deslocamento enquanto tal é atributo de Eros. O problema seria o de identificar essa energia deslocável, e utilizável num processo sublimatório pela condição de ser dessexualizada. Inicialmente, a energia proveniente do Isso se acumularia no Eu e posteriormente poderia se deslocar aos objetos retornando ao Eu sobre a forma de um incremento de libido.

Vemos, por exemplo, que existe um certo grau de comunicação entre os instintos componentes, que um instinto que deriva de uma fonte erógena específica pode transmitir sua intensidade para reforçar outro instinto componente que se origina de outra fonte, que a satisfação de determinado instinto pode tomar o lugar da satisfação de outro... Parece ser uma concepção plausível que essa energia deslocável e neutra, que é, sem dúvida, ativa tanto no ego quanto no id, proceda do estoque narcísico de libido – que ela seja Eros dessexualizado. (Os instintos eróticos parecem ser em geral mais plásticos, mais facilmente desviados e deslocados que os instintos destrutivos.) (FREUD, 1923, p. 60).

Freud destina a essa possibilidade de deslocamento libidinal um lugar de relevo por ser ela possível de ser utilizável nos processos terapêuticos, e em situações onde se encontram inibições neuróticas ou bloqueios psíquicos de diversas naturezas, sendo seu emprego posto

“a serviço do princípio do prazer, para neutralizar bloqueios e facilitar a descarga” (FREUD, 1923, p. 60). A importância do Eu no mecanismo sublimatório é destacada quando se analisa a utilização dessa libido. Segundo ele, essa energia deslocável torna-se indiferente quanto ao destino de sua utilização quando em presença do processo primário, pois este age essencialmente por deslocamentos associativos e por indiferença em relação ao mundo externo. Mas a sublimação é contrária a tudo que provém da energia livre, pois ela não se mostra indiferente em relação à realidade, e mantém-se vinculada ao destino ao qual essa energia será empregada. Então essa indiferença só pode ser sustentada quando estamos sob o regime do processo primário, e não quando a destinamos a uma derivação sublimatória.

O processo em que o Eu se enriquece a partir da identificação aos traços dos objetos que são abandonados já foi descrito em outra parte, mas convém salientar que a insistência de Freud em relacionar a energia que o Eu utiliza como sendo uma libido dessexualizada, implica a colocação de novos problemas, como ele mesmo observa. Neste mesmo texto Freud nos adverte que a energia deslocável, sublimada, ligada ao Eu e direcionada aos objetos, vai paradoxalmente enfraquecer Eros. Segundo Freud:

Apoderando-se da libido das catexias do objeto, erigindo-se em objeto amoroso único, e dessexualizando *ou* sublimando a libido do id, o ego está trabalhando em oposição aos objetivos de Eros e colocando-se a serviço de impulsos instintuais opostos. (FREUD, 1923, p. 61).

Mas é também essa libido que deverá ser deslocada e somada às outras, aumentando a capacidade de investimentos.

3.4.2 A agressividade derivada do fusionamento pulsional

Em “Além do princípio do prazer” (Freud, 1920) é retomada a idéia presente em “Três ensaios...”, onde se encontra a presença de um elemento sádico na pulsão sexual, o qual pode ser explicado a partir da incorporação do objeto vinculado ao canibalismo da fase oral. No entanto, esta explicação é reformulada com a idéia de que o sadismo toma sua origem na pulsão de morte. O intrincamento pulsional vem para explicar essa parcela de agressividade dirigida ao objeto, uma tentativa de domínio sobre ele que se relaciona à manifestação da tendência biológica masculina como forma de vencer as resistências oferecidas pelo objeto sexual feminino. De acordo com a explicação de Freud: “Mesmo o instinto sexual como nós sabemos não pode agir sem certa dose de agressividade. Em consequência, há na combinação normal dos dois instintos uma sublimação parcial do instinto de destruição” (carta a Marie

Bonaparte, datada de 27 de maio de 1937, citado por Ernest Jones em sua biografia sobre Freud).

Quando este mecanismo que permite a Eros ligar-se a Tanatos fracassa em dominar a pulsão de morte, encontramos a manifestação patológica da ação dessa pulsão. A ambivalência pode ser explicada então pela impossibilidade de realizar plenamente o intrincamento pulsional, e pelo fracasso em sublimar a porção de agressividade relativa à pulsão dirigida às relações objetais. O retorno sobre o Eu deste componente da pulsão de morte vem reforçar a instância crítica do supereu, na forma de consciência moral, culpa, ou necessidade inconsciente de punição. A presença de um comportamento sexual conquistador revela a capacidade de ligar o elemento destruidor na atividade sexual, sublimando a pulsão de morte pela mudança da finalidade, e pela capacidade de dirigi-la aos propósitos de Eros. “Um homem que conquista energicamente seu objeto sexual manifestará, estamos convencidos, a mesma energia irrefreável em perseguir outras finalidades” (FREUD, 1908a).

3.4.3 A pulsão de morte aumenta a importância da sublimação

È somente com a entrada da pulsão de morte que a sublimação adquire importante função. Pois enfim, nela encontramos, senão a chave da natureza dos processos sublimatórios, pelo menos os meios para alcançá-los, e seu papel podendo ser plenamente compreendido. Esse fato não passou em branco para Lacan que fez uma importante observação em um de seus seminários ao apontar que, com a entrada da pulsão de morte uma verdadeira compreensão do que acontece na sublimação seria possível (LACAN, 1997). A abordagem da segunda tópica vem esclarecer um caminho apontado por Freud, que se demonstra mais claro a partir dos anos 1930. Segundo Laplanche (Laplanche, 1989, p. 145), uma via se encontra nas “Novas conferências introdutórias”, principalmente na XXXI, na famosa frase *wo Es war soll Ich werden*. Nela, a sublimação é associada a um projeto de repercussões culturais, como um território a ser conquistado pelo Eu. Não se trata de uma renúncia pulsional conforme aparece nos textos iniciais, mas sim de um impulso que se perpetua no trabalho infinito de aquisição frente à incidência da pulsão. “É uma obra de cultura – não diferente da drenagem do Zuider Zee” (FREUD, 1933a, p. 102).

A partir de então a sexualidade pode aparecer em uma ampla gama de situações que até então não eram reconhecidas como tal. A presença do erotismo e a vinculação com a sublimação revelam uma sexualidade que, apesar de não estar diretamente manifesta, se

vincula ao trabalho de ligação com as forças derivadas da pulsão de morte. Joel Birman sustenta que este é o ponto principal da presença do traumático enquanto força disruptiva, e do fato de que não há objeto originário ao qual deveríamos nos reportar para encontrar a satisfação tanto procurada. Segundo o autor:

Com efeito, seria preciso que a sexualidade fosse inscrita no registro de Eros para que não existisse mais oposição entre erotismo e sublimação, já que assim nessa dupla modalidade de existência de Eros (são explicadas as duas presenças da sexualidade, em que uma se reporta à sexualidade manifesta, enquanto a outra seria a sexualidade sublimada), esse estaria se contrapondo aos efeitos mortíferos da pulsão de morte. Vale dizer, pela mediação do erotismo e da sublimação, o trabalho de Eros como ligação poderia se contrapor ao trabalho disjuntivo e expulsivo da pulsão de morte (BIRMAN, 1998, P. 118).

3.5 As modalidades tópicas e a sublimação

Em “Sobre o narcisismo: uma introdução”, Freud faz uma ligação entre o narcisismo e a sublimação, mas neste texto ele não explica o porque de as escolhas objetais derivarem de processos ligados ao narcisismo. Este vazio também se encontra em seu estudo sobre Leonardo da Vinci, de 1910, que mantém inexplicado o porquê de a escolha de objeto sexual em Leonardo estar vinculada ao seu narcisismo. Nesse texto Freud apenas se limita em constatar que o trabalho do artista criador deriva de seus desejos sexuais.

No texto de 1910, que aborda a vida do pintor renascentista, Freud dedica um verdadeiro estudo sobre o tema da sublimação. Nele, encontra-se assinalado a presença de duas formas de sublimação: uma relacionada às fixações edípicas e às manifestações narcísicas de Leonardo, traduzidas em sua homossexualidade platônica (estas variáveis são os principais componentes que vão alimentar seus trabalhos artísticos); outra refere-se às atividades de pesquisa científica desenvolvidas por Leonardo da Vinci, derivadas dos componentes da pulsão sexual remanescentes da investigação sobre a origem da vida. Segundo Laplanche, Freud considera a segunda como a verdadeira forma de sublimação (LAPLANCHE, 1989, p. 62).

Ali encontramos a explicação de que os artistas desenvolviam com os seus objetos um vínculo narcísico, traduzido como uma espécie de ‘sublimação narcísica’. Nessa perspectiva, a sublimação passou a ser entendida como a conseqüência do fato de que a libido tem o poder de se destacar dos seus laços com o objeto originário e de se ligar ao Eu, tornando-se, dessa forma, disponível, mas ao preço de seus investimentos serem considerados apenas prolongamento do Eu. Explica-se assim a indiferença em relação aos objetos e a troca constante de posição, ora a libido dirigindo-se aos objetos, ora retornando ao Eu.

Em seguida, surge a concepção de que entre o narcisismo e a sublimação a relação é de natureza conflitual, idéia que se torna explícita em “Sobre o narcisismo: uma introdução” de 1914. Nesse artigo Freud conclui que a eleição de uma ideal e a fixação da libido a ele caminha contra a sublimação, pois para que a sublimação aconteça há a necessidade que a energia seja deslocável. A pulsão sexual se define por sua capacidade plástica, que posteriormente pode ser utilizada para outros fins, uma condição que desaparece se ela permanecer fixada aos objetos derivados de posições narcísicas. Essa energia, conforme descrito em “Sobre o narcisismo: uma introdução”, mantém sua plasticidade pela capacidade de mudar de objeto, abandonando o objetivo sexual original.

A transformação da libido do Eu em libido objetal tem necessariamente que passar pelo estágio narcísico anterior, o que implica em a libido efetuar, inicialmente, um desligamento de seu objeto originário, investir no Eu, e posteriormente ser passível de sublimar.

Na segunda tópica, os mecanismos descritos através da noção de identificação podem ser considerados essenciais para a compreensão da sublimação como um verdadeiro destino pulsional. Essa transformação da libido do Eu em libido objetal se desenvolve de acordo com a possibilidade de efetuar novos investimentos, mantendo a idéia da dessexualização que a libido sofre ao se converter em libido narcísica.

Em “O ego e o id” (Freud, 1923) ao se fazer de objeto de amor para o Isso, transformando libido objetal em libido narcísica, o Eu deve constituir-se e se desenvolver. Esse processo ocorre através de identificações, sendo esta uma das razões para que o Isso abandone os objetos ao quais estava originalmente ligado. Nesse caminho ocorre um abandono dos objetivos sexuais, isto é, uma dessexualização, que acontece em decorrência de um processo de identificação do Eu a um traço do objeto que foi abandonado. O Eu reteve os traços do objeto a fim de se impor ao Isso como objeto de amor. O objeto passa então a ser tratado como pertencente ao interior do Eu, e não como sendo parte do mundo exterior. Durante esta transformação, o objeto primitivo deve ser abandonado e em seguida substituído pelo outro ao qual o Eu se identificou. Esse mecanismo corresponde ao advento do narcisismo secundário.

A dessexualização desempenha um importante papel na possibilidade de esta energia seja derivada para os processos de sublimação, já que desta forma ela pode ser desligada de seu objetivo original. Segundo Freud: “Essa energia deslocável, indiferente, provavelmente em atividade no Eu e no Isso provém da reserva de libido narcísica, desse Eros dessexualizado” (FREUD, 1923, p. 60). Essa energia passa então a poder alimentar um

processo de sublimação, pois, ao se dessexualizar ela esta livre da sujeição a um objeto particular, podendo reforçar, num movimento de retorno desta libido derivada aos objetos, o próprio Eu. (FREUD, 1923, p. 61).

3.6 A sublimação e o laço social

Segundo Freud, uma homossexualidade sublimada seria a condição fundamental para o laço social, momento no qual os objetos são investidos na ausência do componente erótico. É o caso de quando ele analisa as relações de amizade como cimento social. Mas ao olharmos mais de perto essa afirmação, percebemos que não se trata verdadeiramente de uma mudança na meta e no objeto. Trata-se de interpretar os sentimentos sociais, diferenciando-os, pois sabemos que Freud inicialmente não distinguia claramente uma sublimação de uma formação reativa (fato que se encontra claramente presente nos “Três ensaios...” de 1905).

A separação de um processo sublimatório verdadeiro do amor homossexual sublimado permite compreender por que uma sociedade fundada neste tipo de laço permanece constituída em bases frágeis, pois no amor homossexual sublimado encontra-se a ambivalência em relação ao outro. Isso se explica pela exigência de um contra-investimento constante para reprimir a agressividade, sendo essa a condição de sustentação do laço, reforçando desta maneira o mal-estar contido na cultura.

Podemos tentar compreender como a sublimação pode estabelecer um outro tipo de vínculo com a coletividade através da percepção de que a obra de arte, transcendendo o plano individual e se dirigindo ao outro, rompe com as demandas de satisfação narcísica. Seja um simples espectador que contempla uma obra e assim encontra alívio para seus males, seja alguém diretamente envolvido no processo de criação a arte demanda essa alteridade complementar ao processo de criação. A sublimação estabeleceria um laço que não demanda o aumento das defesas, já que seu processo não exige o reforço de um contrainvestimento permanente dos componentes agressivos. Da mesma forma a sublimação não se faz pelo adiamento indefinido da satisfação prometida através da vinculação aos objetos arcaicos: o desligamento do vínculo aos antigos objetos permite que novos surjam, tornando-se uma verdadeira possibilidade de satisfação pulsional, diferenciando-se de uma formação reativa que tem como condição o adiamento indefinido da possibilidade de satisfação.

Freud vinculava a sublimação à possibilidade de reconhecimento e valorização coletiva. Porém sabemos o quanto esta concepção é problemática, pois a sublimação não implica necessariamente a vinculação com demandas exteriores ao sujeito que cria. A

concepção de que na arte a obra se destina ao outro traduz a importância de relacionar a sublimação a um processo em que a alteridade está incluída. Uma operação onde o movimento psíquico, descolando-se das tramas imaginárias que o aprisionam, se dirige a um exterior que o complementa, e traz a possibilidade de um novo vínculo no qual a satisfação não decorre de reconhecimento ou recompensas ilusórias.

3.7 Novos elementos para compreensão da sublimação

3.7.1 É necessário um limite para a capacidade sublimatória ?

Em seus primeiros trabalhos, Freud ligava a possibilidade da sublimação à dependência de uma reserva de libido sempre limitada. Mas também encontramos presente a constatação de que a libido corre o risco de se acumular tornando-se patogênica, sempre que um certo limite é superado. Nos “Três ensaios...” (1905a) aparece freqüentemente a idéia de que a satisfação sexual esgota as possibilidades libidinais do sujeito, vindo a justificar a renúncia a satisfação sexual como forma de criar vínculos duráveis. A satisfação sexual direta não permite a vinculação aos objetos de forma durável, pois quanto mais intensa a satisfação mais fraca é a ligação, resultou na conclusão de que alguma forma de abstinência sexual seria necessária para a construção não só de vínculos duráveis como também para manter certa reserva de energia para outras finalidades (culturais ou intelectuais, por exemplo). Tal situação nos leva a impossibilidade de manter a tensão desejante que requer certo grau de insatisfação a relançar o desejo, muito embora Freud por diversas vezes tenha feito a observação de que entre a satisfação esperada e a encontrada há uma disjunção que relança perpetuamente o movimento do desejo. Essa idéia de que a libido representa um estoque em vias de se esgotar acarretou uma limitação na utilização da energia sexual e um limite a toda atividade que envolvia a sexualidade direta ou indiretamente.

Ocorre que a definição da energia libidinal como um estoque limitado, e a idéia de vínculos libidinais duradouros, como observado em relação aos laços de ternura descritos nas conferências introdutórias (Freud, 1916-17), não satisfaz a perspectiva lançada em textos posteriores de relacionar a sublimação a um destino da pulsão, onde encontramos presentes a mudança de objetivo e objeto, conforme descrito nos artigos do final da vida de Freud. O aspecto econômico da sublimação estava inicialmente ligado ao estoque de energia libidinal que era conseguido pela abstinência ou renúncia. Os “Três ensaios...” relaciona este estoque de energia disponível às barreiras que vão impedir o livre curso desta energia; barreiras que

surtem no período de latência. Freud manteve a idéia de uma reserva limitada de energia sexual embora em vários momentos de seus escritos encontrarmos a possibilidade de estoques renováveis de energia. Nos “Três ensaios...” ele identifica o período de latência como o responsável pelo acúmulo de energia que poderá ser utilizável na sublimação.

É durante este período de latência total ou apenas parcial que se constroem as forças psíquicas que irão mais tarde impedir o curso do instinto sexual e, como barreiras, restringir seu fluxo – a repugnância, os sentimentos de vergonha e as exigências dos sentimentos estéticos e morais (FREUD, 1905, p. 181).

Deste modo o período de latência se torna tanto o responsável pelo desvio da energia sexual de seu curso quanto pela acumulação e utilização desta energia para novas finalidades.

3.7.2 A teoria do traumatismo seria a solução para a limitação energética ?

No mesmo texto em que afirma ser a libido derivada de uma fonte de energia esgotável, Freud vislumbra uma saída mais fecunda para se pensar o processo da sublimação. Trata-se das fontes indiretas da sexualidade, descritas no capítulo “As fontes da sexualidade infantil”, em que Freud descreve a possibilidade de encontrarmos outras aquisições de energia libidinal, tais como a agitação mecânica do corpo, os processos musculares, afetivos, trabalhos intelectuais (Freud, 1905a, p. 206-211), que se traduzem num estoque renovável de energia sexual, deixando transparecer uma relação entre sexual e não sexual que poderia ser mais bem explorada. Freud aborda este problema no final do capítulo sobre a sexualidade infantil, em que avança a hipótese dos “caminhos de influência mútua” (Freud, 1905, p. 212). Mas este caminho de uma circulação de energia sexual em duplo sentido não será o adotado, sendo sustentado por Freud que a energia derivada em sublimação segue um curso irreversível. No entanto, permanece presente a idéia de que forças indiretamente relacionada com a sexualidade podem se transformar em energia sexual (LAPLANCHE, 1989, p. 207).

A perspectiva de haver uma reserva renovável de energia muda radicalmente a concepção da sublimação que poderá passar a não depender de um estoque limitado de libido para efetuar-se. Seria um acontecimento perto da origem da sexualidade descrevendo um destino sublimatório que se faz sem cessar, e que pode ocorrer em qualquer momento da vida que tornaria a derivação sublimatória inesgotável (LAPLANCHE, 1989, p. 91). Laplanche sustenta que o destino da pulsão implica a produção continuada de energia sexual, uma reabertura da ferida presente no traumatismo como produtor desta energia.

A superação da idéia de que o traumático levaria aos mesmos destinos que a neurose traumática implica repensar o estatuto da compulsão à repetição, conforme o autor chama a atenção, afirmando que a compulsão à repetição pode ser entendida como uma modalidade de defesa contra a irrupção de uma quantidade de energia que toma o organismo de surpresa. Mas essa interpretação não é necessariamente a única. Laplanche propõe que na gênese desta energia um entrelaçamento seja necessariamente produzido entre Eros e Tanatos, como uma saída para a compulsão à repetição. Freud, em “O problema econômico do masoquismo” (1924a), ao abordar o tema do masoquismo erótico, já havia antevisto esta possibilidade.

O texto sobre Leonardo da Vinci serve novamente de referência: o momento traumático, que deve ser diferenciado da neurose traumática, é perpetuado pela ligação deste à excitação visual, abrindo um caminho distinto daquele ligado à compulsão à repetição. Este seria a via da simbolização como outra forma de ligação continuamente ativada pela relação entre o evento traumático e a criação. Um momento que se encontra retratado na relação dos desenhos do final da vida de Leonardo da Vinci: são figuras que surgem através de movimentos rápidos e instáveis, descritos como um curto-circuito entre o olho e a mão (LAPLANCHE, 1989, p. 186).

O fato que sustenta uma verdadeira teoria da sublimação só pode advir da teoria do traumatismo, que a partir de então se torna uma via preferencial para se pensar a relação entre sexualidade e criação. O modelo do traumatismo pode solucionar a questão da libido, constituindo uma neogênese energética conforme apresentado em “Além do princípio do prazer”, de 1920. Freud, neste artigo, descreve o modelo de funcionamento do aparelho psíquico, introduzindo a questão econômica como a principal variável, e distinguindo no funcionamento do aparelho duas modalidades de energia: uma que se encontra livre, e que irrompe no aparelho, impondo a suspensão momentânea do funcionamento do princípio do prazer; e uma energia ligada, submetida aos caminhos derivados do prazer. Esse problema foi abordado em “Além do princípio do prazer”, quando Freud percebeu a incapacidade do prazer em dominar os fenômenos que surgem constantemente na clínica:

Não há mais possibilidade de impedir que o aparelho mental seja inundado com grandes quantidades de estímulo; em vez disso, outro problema surge, o problema de dominar as quantidades de estímulo que irrompem, e de vinculá-las no sentido psíquico, a fim de que delas se possa desvencilhar (FREUD, 1920, p. 45).

Esta passagem, que já foi amplamente comentada, aponta o fato de que o excesso pulsional agora adquire o aspecto de uma repetição demoníaca, que suspende o princípio do prazer. Ao lado dessa energia livre encontramos a energia ligada, vinculada às representações

inconscientes, que constituem o grupo de Eros, a pulsão de vida. Doravante dois elementos aparecerão ligados um ao outro de maneira indissociável: o trauma e a repetição.

O reconhecimento de que se encontra no aparelho outro agente perturbador obriga Freud a reformular seus dispositivos teóricos possibilitando a ligação entre trauma e sublimação. Nesta nova concepção um trauma relacionado ao elemento sensível acarretará uma elaboração contínua do elemento perceptivo, necessitando cada vez mais de simbolização. Isso pode explicar a ação quase que automática em certos artistas em se introduzir no trabalho, impondo-se a uma criação continuada. Essa energia vinculada ao traumatismo que visa a se descarregar pelas vias sublimatórias, trás a suposição de um suplemento energético a sustentar a base deste processo. Que isso repouse sobre um fator constitucional, ou sobre uma disposição à recriação da libido a partir de alguma perturbação psíquica, a questão continua sendo a mesma: quando referimos este afluxo de energia a uma origem interna pensamos na pulsão, e quando pensamos este aumento decorrente de uma fonte externa associamos ao modelo do traumatismo. Podemos perceber elementos em comum entre eles, a ponto de se ter o entendimento de que a pulsão é traumática, e o trauma, produtor de energia.

Embora a sublimação seja uma via não sintomática para se relacionar com o excesso, ocorre com freqüência que o traumático tenha conseqüências negativas produzindo uma série de estragos psíquicos, uma vez que espontaneamente em grande parte dos indivíduos ele não é canalizado para fins criativos. O que se conclui que não é sem riscos quando nos deparamos com as vias que conduzem a sublimação.

3.8 Um novo significado para a sublimação

3.8.1 A sublimação e a possibilidade do novo

Aquilo que Freud havia esboçado em “Os instintos e suas vicissitudes” (1915b), ao afirmar que parte das pulsões sexuais permanece ligada ao Eu, e que em 1923 se explica em termos de libido narcísica, passam a adquirir um novo significado. Duas situações que Freud descreve: primeiramente, a transformação da libido objetal em libido narcísica; do outro lado, a sublimação acontecendo após esta operação se completar. Trata-se de uma identificação secundária, ocorrida após a fase de incorporação do objeto. Freud nos mostra que, no âmbito da pulsão, diferentemente dos instintos, não há objeto predeterminado. As pulsões sexuais são motivadas pela busca do objeto de satisfação. O desejo é aquilo que motiva a busca, mas

entende-se que ele se articule em termos de reencontro. No entanto a sublimação se apresenta como uma via em que, por caracterizar mudança na meta e no objeto, permite que, ao afastar-se do objeto originário, o desejo se dirija a outros objetos de satisfação, guardando em si o traço deste objeto originário que guiará as escolhas do sujeito pelo mundo.

A possibilidade de entender a sublimação como uma operação necessária para o sujeito, e uma verdadeira modalidade de satisfação pulsional, se traduz em notável avanço em relação à noção anteriormente posta nos termos de elevação do objeto aos fins socialmente aceitáveis, e a necessidade de dessexualização para que isso aconteça. A transformação da libido objetal em libido narcísica fabrica uma reserva de libido apropriada a alimentar eventos sublimatórios. Não se trata de localizar aqui um tipo de escolha determinada pela fixação ao estágio narcísico de desenvolvimento libidinal. A sublimação é um processo anterior aos caminhos determinados pelo Eu, referindo-se ao mais além do princípio do prazer, conforme Lacan explicou e desenvolveu em seus seminários.

Ao ampliar-se as conseqüências das premissas encontradas em “O ego e o id” (1923), percebemos o processo de sublimação se fazendo a partir de mecanismos que já se encontravam presentes e descritos em “Luto e melancolia” (FREUD, 1917a). Através de um processo de luto é possível ao Eu abandonar os seus objetos. Mas muito mais que o aspecto ressaltado em “Luto e melancolia”, que é pensado em termos de fixação onde o objeto depositou sua sombra sobre o Eu, em “O ego e o id” a questão tópica assume maior importância pela fundação do objeto no Eu.

São descritos três tipos de fenômenos pelos quais o Eu sofre modificação em decorrência de sua relação com os objetos. Inicialmente, temos a fundação do objeto no Eu, a partir do abandono das formas autoeróticas de satisfação, momento designado pelo aparecimento do narcisismo primário, com a incorporação do objeto. Posteriormente, a retificação acontece pela renúncia a esta posição, ao abandono do objeto primitivo e à eleição de um novo objeto e novos ideais derivados da relação necessária com a alteridade. Finalmente sucede-se a reconstrução do Eu através da repetição dos mecanismos descritos na identificação. Aqui, vemos o Eu sofrer um verdadeiro processo de reconstrução contínua, próximo à ideia atual de processo de subjetivação.

O relevo destes elementos nos transporta para muito longe das concepções que ligam a sublimação aos ideais coletivos e a renúncia dos elementos da sexualidade infantil. Não estão em questão os dispositivos relacionados ao enfraquecimento da força pulsional com vistas a dominação de sua manifestação, mas a derivação desta energia para novos objetos, implicando o remanejamento conceitual. Indo além da velha concepção de um estoque de

libido utilizável, presente nas primeiras obras de Freud, temos que avançar no entendimento de que a capacidade sublimatória encontrada em cada indivíduo não depende da moção pulsional que escapou ao recalque e aos mecanismos levantados pela defesa.

3.8.2 A sublimação e o humor

Freud, em um pequeno artigo dedicado ao humor (Freud, 1927a), descreve que o processo do humor se aproxima do trabalho de luto por operar uma verdadeira transformação na energia ligada ao afeto, oferecendo-lhe uma alternativa de descarga pela derivação em relação à dor, restabelecendo as coordenadas do prazer, pelo deslocamento de uma finalidade que teria por função acarretar a dor. Não se trata de uma defesa encontrada num afeto patológico inadequado. O humor encontraria no sujeito um ganho de liberdade ou de emoção, uma elaboração próxima ao trabalho de luto, pois ele corresponde a uma transformação da dor em alegria. O efeito cômico permite ao sujeito desligar-se de seu narcisismo afirmando uma vitória sobre este pela renúncia ao que ele significa de soberba e de onipotência. No humor não se trata de venerar um ideal vindo do exterior, nem da humildade ou resignação, que nunca foram bem vistos aos olhos de Freud, mas do deslocamento de um ponto de vista que permita a percepção de uma situação para além daquela do plano individual, onde todos são elevados à categoria do ridículo. No humor, o sujeito é surpreendido pela constatação de pouca consistência das identificações que sustentam o seu ser.

3.9 **O sublime e a sublimação**

Na segunda teoria das pulsões, o movimento de constituição da subjetividade se centra no desamparo e no traumático da incidência da pulsão no psiquismo. O problema agora se desloca para o problema de ter de subjetivar uma experiência que excede o campo de reconhecimento narcísico. A subjetivação adquire importância fundamental em decorrência da incapacidade do sujeito de rememorar ou dar sentido a um acontecimento fundante que deixou profundas marcas, e que permanece além do plano do conhecimento.

Em seu artigo “Sobre a transitoriedade” (Freud, 1916), Freud analisa o desalento sentido pelo amigo poeta, a se lamentar de que as coisas belas iriam se perder, e argumenta que, apesar de pretender a eternidade, o belo não escapa da pulsão de morte, demonstrando

que talvez a beleza seja o efeito dessa fugacidade, desse lampejo de algo que surge para logo desaparecer, concluindo que a permanência não seria mais do que uma vontade narcísica de negar a morte, dando neste sentido uma positividade ao efêmero e uma crítica ao conceito de beleza enquanto essência imutável, vindo a se aproximar dos pensadores da estética moderna.

A incorporação dos elementos relacionados ao irrepresentável e ao excessivo fez a estética contemporânea abandonar a pretensão de reprodução do belo, e se inclinar para as manifestações do sublime, marcando a presença desta força não só nos objetos como também na subjetividade. A compreensão de que no homem estão presentes elementos que o transcendem e que permanecem rebeldes ao conhecimento impôs reformulações dos campos não somente da estética como também da ética.

Em “O mal-estar na civilização” surge a pergunta sobre a possibilidade de uma sociedade funcionar sem ilusões, e sem ideais que a dirigissem, além da reflexão freudiana sobre a religião em seu papel de ligar os homens a um destino em comum tendo como referência um pai protetor, mas que teria como contrapartida o reforço da culpa e do recalque. É sobre uma forma religiosa que se realiza a socialização de uma resposta ao desamparo. Para Freud a religião satisfaz a necessidade de proteção, mas ao mesmo tempo mergulha o sujeito no infantilismo psíquico. A religião seria, de acordo com Durkheim, um fato social que permite ligar um conjunto de estranhos a propósitos em comum. A pretensão de fundar uma sociedade sem ilusão Freud, no entanto, se mostrou cético.

O século XIX propôs uma reformulação das questões seculares, ao pensar a existência pelo retorno do trágico, uma existência derivada da consciência do abandono e da finitude. Modificando a idéia derivada da tragédia grega, vista pela ótica da reparação, da expiação e da superação, o século XIX entendia o seu tempo constatando a perda dos fundamentos, e o retorno ao desamparo e solidão. Os homens seriam levados a uma busca infinita pelo sentido, pois agora são postas em consideração as forças que nos superam e nos arrastam. Desde então o sujeito se encontra confrontado ao trabalho infinito de simbolizar e significar, resultante da incidência da morte e de seu caráter irruptivo, desorganizador do campo representacional, obrigando a reconstrução sobre outras bases. A subjetividade passa a ser entendida pela ótica do inacabamento e indeterminação. Dentro deste contexto as manifestações primitivas da condição humana adquirem novo significado, revelando a condição trágica da existência humana, desamparado frente ao excesso desorganizador, e a ausência do objeto que iria pôr fim a essa condição, que pode ser resumido na percepção da derrocada dos fundamentos teleológicos.

Joel Birman comenta que a presença da pulsão de morte altera todo o quadro que Freud vinha desenhando, constatando que a situação de desamparo é insuperável, deixando marcas na subjetividade para sempre (BIRMAN, 1999). Para Hölderlin, um filósofo romântico do século dezanove, essa situação se referia ao abandono do homem pelos deuses, ao fato de que o discurso teológico não mais nos protegia da falta de sentido ou do acaso. Freud entendia essa ferida como uma falta de sentido na origem do psiquismo, indicado por uma ausência de representação à qual o sujeito pudesse se referir. Para Birman, a passagem do século XVIII para o XIX produziu uma transformação na economia simbólica, sendo a psicanálise uma das respostas encontradas. Para Foucault foi a presença da morte, da finitude no seio da cultura, que veio modificar a relação do homem com o mundo e consigo. A perda do referente implicou uma inadequação entre palavras e coisas (Foucault, *As palavras e as coisas*). A significação adquiriu um sentido plural, pois a linguagem desligou-se das coisas. Daí a importância das figuras do descentramento do sujeito e do inconsciente, contrapondo-se a um sujeito dotado de razão, a um sujeito que não tem o domínio de seus atos, que age sem saber o porquê, pois suas motivações são determinadas em outro lugar distinto da consciência. São manifestações que se encontram desde o início no pensamento psicanalítico, onde o foco das motivações e intenções se desloca do Eu, que não é “senhor nem mesmo em sua casa”.

A constatação de haver na origem do psiquismo um vazio, ausência de representação decorrente da falta de um referente originário, implica na reinterpretação da experiência originária de satisfação, experiência em que o objeto do desejo falta radicalmente. Não havendo objeto originário de satisfação, conseqüentemente, o desejo se estabelece como busca, como puro movimento de se lançar. A tentativa de reencontrar o objeto perdido é alçada a um plano mítico, já que não há algo que realmente pudesse ter sido perdido e que pudesse ser reencontrado. O desamparo estrutural nos remete para a idéia de que na origem o acaso e a contingência determinam os motivos que serão alvos dos movimentos do sujeito pelo mundo.

3.10 A sublimação se torna a saída para a ausência de referente

Uma das conseqüências para o processo de sublimação seria que não havendo objeto e objetivo estabelecido; não se encontrando uma finalidade a priori, o trabalho de sublimação se torna infinito, pois a castração impõe a marca da incompletude a toda empreitada humana

Há um despreparo constitutivo frente ao impacto pulsional, que arrisca transbordar as barreiras, expondo uma ferida que constantemente se abre, impondo um destino que se situa além das defesas estabelecidas pelas coordenadas do prazer. O traumático implica um constante processo de metabolização da força, com o risco de a angústia se tornar insuportável, acarretando o trabalho contínuo de derivação da pulsão.

Um novo entendimento para a sublimação se abre pela reconsideração de que a civilização não caminha na restrição das manifestações eróticas, e que grande parte do progresso cultural deriva das necessidades de criar vias de simbolização (buscando entender que o código social não é fechado, mas aberto a novas aquisições).

Birman, em “A psicanálise e a crítica da modernidade”, aponta que a modernidade produziu figuras que retiram o homem do centro do mundo. A psicanálise, ao pensar a categoria de desejo, radicaliza a posição moderna. Em sua opinião:

O desejo revela a direção insondável do sujeito em relação a algo que lhe ultrapassa, e que lhe transcende, algo que ele quer capturar, mas ao mesmo tempo lhe é inapreensível, ou seja, o objeto do desejo... é o movimento desejante que possibilita ao sujeito além do erotismo que perpassa a sua existência, um trabalho de criação sempre recomeçado (apud Regina Herzog, 2000, p. 121).

O autor entende que o desamparo crescente é decorrente de um processo da modernidade, sendo este a causa do mal-estar apontado por Freud. No entanto, a psicanálise não deixou de nos apontar saídas para os sintomas produzidos pela modernidade:

Como se sabe, para o último Freud o erotismo e a sublimação são as formas por excelência pelas quais o sujeito pode constituir destinos para o desamparo, ou seja, é por estas trilhas que o mal-estar produzido pelo desamparo pode encontrar desdobramentos estruturantes para a subjetividade. Pela mediação de Eros os efeitos mortíferos da pulsão de morte são barrados, permitindo que os destinos eróticos e sublimatórios para as exigências pulsionais possam ter lugar (BIRMAN, apud Regina Herzog, 2000, p. 127).

Compreendemos então porque o interesse de Freud em relação às aquisições culturais se volta mais tarde para a arte de sua época, dado que ela se revela a herdeira do pensamento trágico, por trazer a manifestação de algo irrepresentável no cerne da razão que vem abalar todo edifício do conhecimento.

Jacques Rancière, em *L'inconscient esthétique* (Rancière, 2001) sublinha esta passagem de um Freud pensador de uma estética do belo para um Freud preocupado com a dimensão do irrepresentável e do intensivo. Um Freud preocupado com o que seria uma estética que incluísse a pulsão de morte em sua elaboração, voltado mais para os movimentos das forças que desestruturam do que pela harmonia das belas formas. Para o autor, tanto quanto para Freud, o interesse pela estética deriva mais do material que ela faz surgir ao mundo, do que de um estudo de uma área do conhecimento que se relaciona com as obras de arte.

A partir de então se desdobram dois planos na obra de Freud, e descobre-se que nos textos freudianos há duas concepções de estética em confronto. Há um Freud hermeneuta, que busca compreender as motivações que levaram o artista a produzir determinada obra, como é o caso de Leonardo da Vinci, na qual ele busca encontrar nas manifestações artísticas o fantasma inconsciente que a move. Mas há também um Freud preocupado com o pathos sublime que nos afasta da beleza e da felicidade, tema recorrente na literatura de sua época. Na introdução da pulsão de morte, a psicanálise deixa transparecer uma aproximação entre o sublime e a sublimação, mostrando o horror do homem quando se encontra frente ao desamparo e à necessidade de dar sentido aos acontecimentos que o ultrapassam.

Interessada no campo da subjetividade, aberto pelo romantismo alemão, para quem o afastamento dos deuses possibilitou uma experiência de desamparo e solidão, culminando no momento da filosofia de Nietzsche, a modernidade surge dos escombros de um pensamento metafísico, através da afirmação de que Deus está morto e que, portanto, não é mais possível pensar o homem a partir de um referente originário que organizaria o mundo. A interpretação freudiana da fragilidade humana se reporta à impossibilidade do homem poder contar com um pai onipotente e onipresente que o proteja e que dê sentido a sua existência.

Em todos estes pensadores encontramos a idéia de que a existência deverá se conduzir em meio à ausência de um princípio regulador, e de que a experiência trágica moderna deriva de que não há ordem a ser restaurada ou mal a ser derrotado, de que agora o homem está fadado à errância e à indeterminação.

4 SUBLIMAÇÃO E CULTURA

4.1 O conflito entre indivíduo e sociedade

Por não desvincular destino individual do coletivo, Freud teve que empenhar-se para desenvolver as conseqüências do paralelismo entre a concepção do sujeito e as teorias sobre a sociedade e a cultura, tornando indissociável uma compreensão do homem juntamente com sua inserção no meio onde ele se encontra. Essa maneira de pensar se acentua principalmente quando a segunda teoria das pulsões vem esclarecer as implicações teóricas e clínicas resultantes dessa concepção. Seguem-se vários textos a esse respeito, tais como “O ego e o id” (1923), “Psicologia de grupo e análise do ego” (1921), “O futuro de uma ilusão” (1927b), “O mal-estar na civilização” (1930), e “Moisés e o monoteísmo” (1938), textos de suma importância, para demonstrar que cada vez mais interior e exterior se articulam indissociavelmente.

Ao percorrer a obra de Freud notamos este paralelismo. A teoria da libido infantil encontrada em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” é correlata ao texto “A moral sexual civilizada e doença nervosa moderna”, de 1908, em que são articulados teoria da sexualidade e códigos coletivos de conduta. O aparecimento do conceito de narcisismo é tributário da síntese sobre a origem dos grupamentos humanos, empreendida no “Totem e tabu” (Freud, 1913) e das idéias encontradas através dos estudos sociais das massas humanas, motivo de preocupação em vários pensadores contemporâneos de Freud. “Mal-estar na civilização” vem atestar a manifestação da pulsão de morte no âmbito da sociedade, e as conseqüências da segunda tópica para o funcionamento da comunidade humana.

Compreende-se que para a psicanálise o desenvolvimento das sociedades humanas está submetido ao mesmo processo que rege a gênese da subjetividade. Henri Rey-Flaud, em “Os fundamentos metapsicológicos de o mal-estar na cultura”, expressou este assunto:

Como o Eu, a civilização tem de fato dois objetivos: controlar as excitações externas (quer dizer, dominar as forças da natureza), e regular as tensões internas (entre seus membros) inerentes à sua própria organização (HENRI REY-FLAUD, 2002, p. 9).

4.2 O conceito de civilização

Podemos encontrar no pensamento freudiano dois tipos de concepção de civilização que se desenvolvem paralelamente as descobertas metapsicológicas, conseqüência dos estudos e elaborações sobre os diversos temas do conhecimento humano, além de resultar nos avanços e aquisições terapêuticas, representando momentos distintos em suas posições teóricas. Estes tipos derivam diretamente do entendimento do papel que a sexualidade desempenha na construção da subjetividade e no funcionamento social, resultado de um pensamento que se dirige tanto para o indivíduo quanto ao meio em que ele se encontra.

Em “O mal-estar na civilização” (Freud, 1930), Freud nos adverte que não faz distinção entre civilização e cultura. Em “O futuro de uma ilusão” (Freud, 1927b), ele dirá que o conceito corresponde:

A civilização humana, expressão pela qual quero significar tudo aquilo em que a vida humana se elevou acima de sua condição animal, e difere da vida dos animais – e desprezo ter que distinguir entre cultura e civilização – apresenta, como sabemos, dois aspectos conservadores. Por um lado inclui, todo conhecimento e capacidade que o homem adquiriu com o fim de controlar as forças da natureza e extrair a riqueza desta para satisfação das necessidades humanas; por outro lado, inclui todos os regulamentos necessários para ajustar as relações dos homens uns com os outros e, especialmente, a distribuição da riqueza disponível (FREUD, 1927, p. 16).

Sabemos que na época de Freud havia um intenso debate intelectual sobre a distinção entre cultura e civilização, e talvez seja importante diferenciar os dois conceitos. Nossa concepção é de que a civilização representa principalmente os valores da cultura do Ocidente além das grandes modificações sociais e científicas, introduzidas através da ciência, enquanto a cultura se refere às manifestações do universo humano, as formas variadas de sua relação com a natureza, com os outros, e com os regimes de crença. Assim, achamos importante essa distinção, apesar de em certas circunstâncias serem muito difícil estabelecê-las, podendo ser indistintamente utilizado ambos os conceitos. A referência a uma ou outra forma de entendimento não altera significativamente a compreensão do quadro montado por Freud.

Há nesse aspecto na obra de Freud um primeiro momento que é, para muitos, considerado otimista, definindo a psicanálise como uma prática hermenêutica, correlato à crença nos poderes terapêuticos e nos destinos do homem através da sociedade. Esse período se estende por um espaço de tempo que vai de “A interpretação dos sonhos”, de 1900, até “A moral sexual civilizada e doença nervosa moderna”, artigo que surge publicado em 1908. Nestes textos decorrentes do primeiro período são apresentadas a sexualidade e a civilização como pertencentes à pólos opostos, sendo o progresso alcançado através da limitação imposta à manifestação livre da sexualidade, sua restrição e a legitimação da relação sexual

monogâmica: uma economia sexual extremamente restritiva, realizada por um forte código moral por parte da sociedade. Nesta época, Freud pensava poder solucionar o conflito entre sexualidade e civilização buscando um meio caminho entre as demandas individuais e as coletivas, sustentando inicialmente a possibilidade de negociação, em que as demandas sociais e individuais encontrariam finalmente uma solução. Mas mesmo nesta época em que se aventava um método de conciliação, as incursões de Freud sempre se chocaram com algum elemento irreduzível no psiquismo que impedia adequar as demandas individuais aos ideais coletivos de felicidade e harmonia, algo incontornável que o obrigava constantemente a reformular suas idéias. Tal fato o leva a reconhecer na natureza humana forças poderosas atuando contra qualquer perspectiva adaptativa que ora se encontra no próprio funcionamento da sexualidade humana, ora na relação indivíduo-sociedade.

As seguidas tentativas de apreensão desses elementos, através de reformulações teóricas fizeram-no abandonar as pretensões de uma terapêutica que visasse trazer o neurótico para uma vida harmoniosa e produtiva. São elementos que fazem referência à presença constante dos fatores quantitativos indomáveis, revelando que não se trata de um projeto de ampliação da esfera da consciência. A questão desloca-se para o que se mostra inacessível aos métodos terapêuticos tradicionais, ou aos instrumentos teóricos conhecidos. O excesso obriga a uma nova abordagem dos processos psíquicos, levando a elaboração de um projeto teórico-clínico que considera um sujeito descentrado e constantemente ameaçado por forças que não consegue dominar. A questão se torna mais relevante quando começam a fazer parte do projeto categorias ligadas à expressão e simbolização.

4.3 Os impasses de restringir a sexualidade e a origem do sentimento de culpa.

A possibilidade de uma negociação entre o desejo individual e as pretensões da coletividade desaparece em textos posteriores para dar lugar a uma visão mais pessimista do conflito entre o indivíduo e a sociedade, limitando o alcance do método terapêutico, e abrindo para uma maior compreensão do mal-estar que, a despeito de todas as técnicas, sublimações e ilusões inventadas pelo indivíduo para suportar a existência em sociedade, só faz crescer.

Ao primeiro momento descrito em “Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna” (Freud, 1908a), que relaciona progresso social em oposição à sexualidade, sucedem as idéias de “O mal-estar na civilização” (Freud, 1930), onde a referência maior diz respeito à agressividade e à pulsão de morte, fatores que não se adaptam a nenhuma conformação social,

além do sentimento de culpa que se torna o principal motor de cimento social. Os textos freudianos culminam com uma visão pessimista sobre o homem e a cultura a qual ele se dirige e necessita, onde a solução, se realmente ela existe, se encontra muito distante de seu fim.

Num primeiro momento da elaboração do pensamento psicanalítico Freud entendia que a sociedade necessitava de uma sexualidade inibida em sua forma primitiva de manifestação, para que essa energia fosse utilizada em prol da coletividade, reforçando os laços sociais de amizade, alavancando projetos de progresso e prosperidade; num segundo momento, com a introdução do problema da agressividade isso por si só se torna insuficiente, tendo que ser introduzida uma terceira instância pronta para vigiar e julgar o Eu, e dessa forma reforçar os sentimentos de culpa. Segundo Freud:

Trata-se simplesmente da continuação da severidade da autoridade externa, à qual sucedeu e que, em parte, substituiu...²⁴ Originalmente, a renúncia ao instinto constituía o resultado de medo de uma autoridade externa: renunciava-se às próprias satisfações para não se perder o amor da autoridade. Se se efetuava essa renúncia, ficava-se, por assim dizer, quite com a autoridade e nenhum sentimento de culpa permanecia. Quanto ao medo do superego, porém, o caso é diferente. Aqui, a renúncia instintiva não basta, pois o desejo persiste e não pode ser escondido do superego. Assim, a despeito da renúncia efetuada, ocorre um sentimento de culpa (FREUD, 1930, p. 151).

A partir de então não é mais possível associar a renúncia a qualquer efeito positivo, pois ela não pode recompensar aquele que se sacrifica, já que a incidência do Supereu resulta em mais exigências, mais severidade e intolerância, e, paradoxalmente, quanto mais o sujeito obedece mais o Supereu se torna severo.

O surgimento do Supereu remete tanto a uma instância arcaica derivada da identificação ao pai da horda, quanto ao declínio do complexo de Édipo (“Não podemos afastar a suposição de que o sentimento de culpa do homem se origina do complexo edipiano e foi adquirido quando da morte do pai pelos irmãos reunidos em bando.”, FREUD, 1930, p. 155). É importante salientar o quanto esta instância é ambígua em relação ao Eu, já que mantém estreita relação com o Isso; além de ser responsável pelo constante sentimento de culpa que o Eu experimenta. O Supereu é também o responsável pelas relações do sujeito com a cultura, onde a submissão e a servidão caracterizam o vínculo dominante.

Uma questão se anuncia quando encaramos o problema de inibir a tendência agressiva inata do homem: a civilização, conforme descrito, lança mão do sentimento de culpa e do esforço em sublimar o componente homossexual da pulsão, incentivando relações de amizade entre seus membros, e desta forma produz relações sociais onde os laços acontecem pela inibição da agressividade e pelo desinvestimento erótico. Esses laços se compõem de uma libido dessexualizada, e incapaz de fazer frente aos elementos destrutivos, que só podem ser

²⁴ Freud esta se referindo ao Supereu.

detidos através do reforço do sentimento de culpa, ou seja, fazendo a agressividade se voltar para o próprio sujeito.

Visto que a civilização obedece a um impulso erótico interno que leva os seres humanos a se unirem num grupo estreitamente ligado, ela só pode alcançar seu objetivo através do fortalecimento de um sentimento de culpa (FREUD, 1930, p.157).

A busca incessante por amor e o medo de perder este amor se torna o responsável pela angústia sentida pelo Eu quando em situação de desamparo. Esse temor de não ser amado fará do Eu uma presa fácil para o Supereu, permanecendo repetidamente submetido aos mandamentos desta instância representante das demandas do Isso no psiquismo. A agressividade vai ser interiorizada, e se voltará ao Eu na forma de um sentimento de culpa, tendo o Supereu uma figura instigadora e severa. Assim, quanto mais o Eu obedece aos mandamentos morais, mais severo o Supereu se torna. A renúncia à satisfação não basta para aplacar esta figura cruel, que insistentemente retorna pedindo mais sacrifícios e mais culpa.

Freud mostra que este fenômeno (o sentimento de culpa) decorre do sentimento que a criança vivencia em relação aos pais, uma ambivalência entre amor e ódio: ela ama e ao mesmo tempo não pode impedir-se de odiar o pai que é o representante da lei, pois é também o primeiro a restringir as satisfações que a criança pode ter em relação a mãe, uma satisfação que primeiramente se refere à posse da mãe. Para se livrar dessa posição só lhe resta se identificar ao pai, incorporando a sua autoridade. A renúncia a agredir a pai é complementar da introjeção da sua severidade. Nesse momento de sua elaboração Freud busca uma explicação filogenética, através do mito do assassinato do pai da horda pelos seus filhos, e a posterior transformação do ódio em remorso por terem cometido este ato, dando ao pai o poder de agir no inconsciente, punindo e impedindo a livre manifestação do sujeito. O desenvolvimento desta situação é descrito em “Totem e tabu” (Freud, 1913), texto em que estão reunidos os fatores que explicam os sentimentos ambíguos, a união dos irmãos na recusa em ocupar o lugar do pai morto e em possuir todas as mulheres, e as conseqüências da permanência no inconsciente dos traços deste pai na forma de um Supereu arcaico. Dessa maneira, desenvolve-se um sentimento difuso de culpa que atinge a todos os membros do grupo, e que pode ser interpretado como uma manifestação da pulsão de destruição no interior do sujeito. Esse reforço na culpa e na renúncia é que será utilizado pela civilização para impedir a violência generalizada.

A percepção de que existe no indivíduo uma instância interditora, que visa à repressão e ao sentimento de culpa, demonstra uma lógica que pode ser transposta para o interior da sociedade, onde as exigências do Supereu individual podem se confundir com as exigências de um ideal coletivo, daí o constante descontentamento e mal-estar. Há um acréscimo de

crueldade no entendimento de que o Supereu não corresponde apenas às exigências da autoridade, pois sua incidência se refere também aos ideais que são individualmente eleitos. Em “O mal-estar...”, estes ideais são especialmente rigorosos por estarem em relação com o funcionamento das sociedades através das instituições que restringem a liberdade individual, impondo a padronização dos comportamentos e a massificação dos interesses, levando ao tédio e à depressão, fenômenos muito comuns em nosso tempo.

O sentimento de culpa decorre do conflito entre a necessidade do amor da autoridade externa encarnada pelos pais, e da inibição do impulso que busca satisfação. A sublimação vista desta perspectiva adquire maior relevância quando analisamos o funcionamento do psiquismo sob a ótica da segunda teoria das pulsões. A sublimação se mostra um processo que possibilita a diminuição da agressividade e do sentimento de culpa, já que requer para a pulsão uma verdadeira satisfação sem renúncia, não implicando o retorno da destruição em direção ao Eu

4.4 A articulação entre sujeito e cultura

4.4.1 A inaptidão constitutiva

O ser humano parece ser dotado de certa incapacidade para o equilíbrio e harmonia. Há em seu íntimo um desejo que não se adequa aos ideais sociais e aos códigos normativos. Os mecanismos que regulam sua presença no mundo na maioria das vezes se mostram ineficazes para trazer a felicidade tão prometida e esperada. Em decorrência de o sentimento de autonomia do Eu ser um engano, da incapacidade de se tornar independente frente às demandas tanto internas quanto externas, e apesar de o Eu buscar constantemente se isolar de tudo que possa ser desprazeroso, não podemos evitar o constante confronto com situações de sofrimento e ameaça.

Numa passagem de “O mal-estar na civilização”, em que enumera as fontes do sofrimento, descrevendo inicialmente o próprio corpo submetido à decadência e ao desaparecimento, Freud faz referência ao que seria o mais penoso motivo de sofrimento, derivado da relação com os outros. O indivíduo se encontra na maioria das vezes imerso em confronto com a presença dos outros semelhantes, presença que geralmente é carregada de ambigüidades e tensão. São relações de ciúme e ódio, e a civilização vem ser o lugar onde o sujeito joga com o outro suas possibilidades de realização, encontrando limite de sua

satisfação na presença do outro semelhante. O ódio quando recalçado surge de maneira invertida na forma de amor ao próximo. O ser humano não pode suportar essa limitação ao seu narcisismo, e se revolta contra esse outro que constantemente lhe afronta as pretensões.

4.4.2 O ponto de vista do Eu

A descrição do Eu na segunda tópica acontece a partir da diferenciação com o exterior, através de sucessivas decepções, pela impossibilidade de isolar-se do mundo ao seu redor, e tendo que modificar a realidade externa para alcançar algum ganho de prazer. Esse momento de um abandono da posição passiva para assumir uma posição ativa em relação aos acontecimentos corresponde à superação do narcisismo primário, e à inscrição do sujeito na ordem da linguagem, através da criação de um símbolo que tornará possível dialetizar sua relação com o mundo. Um traço que irá identificar o sujeito, e diferenciá-lo em relação aos objetos do mundo, podendo deste modo fazer-se a experiência de uma estrutura de alternância. O funcionamento deste processo descrito por Freud pode ser encontrado na famosa passagem em que ele descreve a brincadeira de seu neto com um carretel (FREUD, 1920). Trata-se de um jogo inventado pelo neto de dezoito meses, e que consistia em atirar um carretel de linha para longe, trazendo-o de volta através de um fio. Ao atirar, a criança emitia um sonoro *fort*, “longe” em português, e ao trazer de volta o carretel pronunciava um *da*, “aqui”. Freud observa que os sons se referiam à presença e ausência da mãe, encontrando neste movimento uma repetição que tinha por finalidade dominar um desprazer mais primitivo que o derivado da alternância entre prazer e desprazer. Nesta cena estão contidos os aspectos que vão articular renúncia pulsional, criação de um novo objeto que vai substituir o originário e a sublimação dos componentes eróticos ligados à agressividade, marcando uma verdadeira mudança na meta e no objeto. Elementos em que seu neto vai se apoiar para superar a dor da ausência da mãe através de um jogo, que simboliza afastamento e retorno, tornando-o senhor da ação.

Lacan nos chama a atenção para este momento, fazendo inferência a alternância do jogo de significantes, que vai servir de matriz para a linguagem (Lacan, 1979,). Pela perda deste objeto primordial que a mãe vem encarnar, a criança acede à ordem da demanda e do desejo como movimento próprio à entrada na ordem simbólica. A perda se torna a condição de possibilidade para ser introduzido na lógica do desejo. Um processo que é descrito pelo

próprio Freud quando a certa altura de sua elaboração teórica afirma que encontrar um objeto é reencontrá-lo. Para Lacan, o acesso ao simbólico se dá a partir da perda da Coisa enquanto objeto primordial, e, simultaneamente, da introdução de um símbolo no lugar da própria Coisa, que passará a tornar possível estabelecer uma relação dialetizável com a ausência e a presença, através de uma estrutura simbólica.

As instâncias psíquicas envolvidas descrevem o jogo identificatório que sucessivamente vai dando origem ao Eu e ao seu desenvolvimento, levando em consideração a presença do outro, que inicialmente é a mãe à qual a criança tem de se dirigir, “por ser o primeiro objeto amoroso, e também sua primeira proteção contra todos os perigos indefinidos que a ameaçam no mundo externo” (FREUD, 1927b, p. 36). Segundo Freud, esse objeto é logo substituído pelo pai, dando seqüência então toda uma série de sentimentos de ambivalência em relação ao pai, decorrente do complexo de Édipo. Dessa forma, o Eu adquire os traços daquele que foi objeto de amor para também reconhecer-se sendo parte integrante da comunidade de humanos, guiados pela procura incessante do objeto de satisfação, um objeto pelo qual o sujeito, ao entrar na ordem da cultura, age para reencontrá-lo como se tivesse sido privado dele. A introdução do outro rival vai completar a convicção inconsciente do homem de que seu objeto de desejo foi-lhe roubado pelo outro. Posto que não há compensação para a ausência deste objeto, tudo que ele encontra são substitutos com uma pálida semelhança.

Desde o início de seu nascimento, o indivíduo tem na presença do outro uma fonte de várias sensações e de temores, da mesma forma que se constitui em objeto de desejo, torna-se o inimigo odiado. Esse outro, em decorrência da assimetria da posição, e do caráter excessivo que representa sua presença, introduz algo de inapreensível nessa relação, que o Eu não pode assimilar e reconhecer como um objeto de representação. Esse conjunto marca a presença constante de um fenômeno que encontramos descritos desde o “Projeto...” (Freud, 1950b) até o “Mal-estar...” (FREUD, 1930).

Dada a situação de impotência e desamparo que a criança se encontra frente ao mundo, essa estrutura vai inscrever o outro primordial como sendo o primeiro objeto de desejo, e o primeiro objeto hostil que, expulso para o campo da realidade, será ligado ao estrangeiro inimigo. Essa matriz pela qual o psiquismo se desenvolve se estenderá para dar conta de diversos fenômenos encontrados na clínica. Através do narcisismo das pequenas diferenças Freud tenta expor esse problema, onde um grupo escolhe objetos de amor que serão por eles partilhados, e direcionam o ódio àqueles que não pertencem ao grupo, ao estrangeiro. O conflito pulsional que inicialmente é descrito como situado entre o Eu (representante das pulsões de autoconservação, e mediador da relação entre as demandas internas e a realidade

externa) e a sexualidade, é transposto, no plano coletivo, para o conflito entre os homens e a civilização, acrescentando ao dualismo pulsional sua nova partilha entre Eros e Tanatos. Uma dupla inserção dos fenômenos observados na clínica e na sociedade, em que o Supereu individual encontra seu correspondente coletivo na explicação da presença da religião no centro da civilização.

4.4.3 A civilização

A vida em sociedade torna-se a resultante entre as exigências de satisfação do indivíduo e a tentativa, pela força de Eros, em manter coeso o grupo que constantemente é ameaçado de rompimento. As teses metapsicológicas posteriores vão acrescentar ao quadro mais um ingrediente de pessimismo com a introdução da pulsão de morte na civilização.

A sustentação do ponto de vista psicanalítico obrigou Freud a pensar a sociedade por um viés diferente daquele utilizado pelos sociólogos ou psicólogos, que entendiam o comportamento das massas através dos fenômenos de imitação, admiração, repressão, sugestão e ambição pelo poder. A análise freudiana se baseia no modo de funcionamento da pulsão sexual, da clínica, dos fenômenos de transferência, dos efeitos do complexo de Édipo na estrutura familiar, e dos vínculos humanos em geral. Esta tomada de direção permite a Freud estabelecer paralelos inesperados entre multidão, relações amorosas, hipnose e transferência.

O paralelo entre desenvolvimento individual e coletivo encontra seu limite quando, ao analisar a relação entre ambos, Freud percebe que as exigências individuais caminham no sentido oposto ao da cultura: no plano individual o sujeito é guiado pelo princípio do prazer e pela busca de felicidade. Isso é chamado de uma inclinação egoísta em relação à comunidade, que busca a união, compondo um duplo altruísta. Esse pólo altruísta no mais das vezes aparece impondo restrições à felicidade, instituindo um conflito interno, e formando dessa maneira um Superego coletivo, semelhante ao individual. Segundo Freud, o desenvolvimento do Supereu 'cultural' acarreta no plano da sociedade o advento de uma moral que traz em si seus ideais e suas exigências. Mas sabemos que os ideais superegoicos são sempre relacionados com a servidão e a resignação, o que nos autoriza a perguntar pela possibilidade de uma ética que leve em consideração os ideais coletivos, uma pergunta que Lacan responde negativamente. Uma ética que leve em consideração o desejo e o inconsciente não é compatível com os ideais de igualdade, de renúncia, ou de servidão.

4.5 A articulação entre pulsão e cultura

4.5.1 A concepção do casal amoroso

Freud vai falar do trabalho de Eros, e de suas realizações, seu esforço para tornar cada vez maiores os grupos, ampliando os conjuntos de elementos presentes. Mas a atração que o narcisismo exerce aparece no casal amoroso. O amor mais uma vez demonstra uma face de inversão em relação aos grupos, na saturação encontrada no casal que se basta, e desta forma produz o engodo de completude. No casal, a limitação de Eros aparece como contrária à marcha da civilização. Qualquer intromissão é vista como uma agressão externa que deve ser combatida, e a proliferação indefinida destes casais seria a ruína da civilização, que visa a produzir, em nome de Eros, conjuntos com um número de elementos cada vez maiores. Para Freud, o par amoroso parece ser “insublimável”, pois a ilusão narcísica de independência em relação ao grupo os impede de viver no espaço comum das trocas, onde incessantemente somos confrontados com o fato de que os objetos podem ser substituíveis ou partilhados. Ele descreve em “O mal-estar na civilização (FREUD, 1930):

Em alguns casos Eros não expressa melhor a essência de sua natureza, seu destino de fazer um só entre muitos. Mas quando se trata do casal amoroso isso já é o suficiente, eles se bastam a ambos. E como diz o provérbio, eles se têm um ao outro (FREUD, 1930, P. 129).

Mas o fato de ver no casal amoroso um aspecto anti-social já podia ser encontrado vinte anos antes, quando Freud descrevia que a união entre os homens é derivada das exigências sexuais, mas a satisfação sexual é um negócio privado. A psicanálise põe essa relação dual como uma atualização da relação mãe-bebê. O caráter anti-social aparece na oposição à ampliação dos vínculos e a limitação de Eros. Os mecanismos envolvidos já são de nosso conhecimento: “a inércia psíquica, a falta de inclinação da libido para abandonar uma posição antiga por outra nova” (FREUD, 1930, p. 129). Isso quer dizer que o casal amoroso é formado a partir de antigos vínculos, e da dificuldade de formar círculos cada vez maiores, com maiores números de participantes. No casal amoroso é constituído por ligações derivadas do vínculo com antigos objetos; a sustentação de um engodo narcísico de completude e independência em relação ao resto da sociedade. Cada um envia ao outro a imagem enganosa de um narcisismo não abandonado

Ao descrever a amizade como uma forma de amor que tem vantagens sociais, uma forma de amor sublimada que rompe com as limitações impostas pelo amor genital, por não possuir as características de exclusividade, como descrito acima, Freud observa que se trata de um amor que advém sobre o recalçamento, e seu reviramento no ódio se faz pela sustentação do narcisismo das pequenas diferenças: uma escolha de objetos de amor no interior do grupo, e o envio do ódio ao exterior àquele que não pertence à comunidade. São essas fendas no interior da sociedade que podem fazer o ódio escoar com violência.

4.5.2 O pai e sua presença na civilização

O estudo sobre a origem da sociedade humana aparece em Freud através de uma representação cosmológica do surgimento dos primeiros grupamentos, caracterizando os homens primitivos inicialmente como derivados de uma espécie de primatas vivendo em bandos. Daí o mito em “Totem e tabu” da horda primitiva e do assassinato do pai tido como todo-poderoso, detentor de todas as mulheres, e que constantemente ameaçava os seus filhos com a expulsão do grupo ou com a violência física. O assassinato marca a passagem da horda para a comunidade de irmãos, e representa o momento inaugural da vida em sociedade. (Enriquez, 1990). Mas o crime cometido em conjunto jamais deixará os homens livres, independentemente da sucessão de gerações, e enterrará para sempre a idéia de uma vida harmoniosa, pois deixará marcas eternas no inconsciente, perpetuando este ato através de manifestações simbólicas.

Após completar “Totem e tabu”, Freud dirigiu os seus estudos para os fenômenos presente nas multidões: para o comportamento da massa e para os efeitos da incidência da pulsão na civilização. A compreensão do papel da crença, e da ilusão, além da agressividade e dos sentimentos de culpa, se resume na assertiva de que os homens não podem viver sozinhos, nem suportar a vida em comum.

“Totem e tabu” é de suma importância, pois nele a identificação com o totem garante ao sujeito a individuação e a socialização. O pai morto se instalou retroativamente como o representante da lei, e como ideal. Essa apresentação do mito coletivo é o correlato, no plano individual, ao luto do objeto originário, e da substituição do Eu ideal por ideais a serem buscados na exterioridade, instaurando para o psiquismo um constante trabalho de abandono e de reapropriação de novos objetos, manifestando um paralelo nos vínculos que se erguem entre as estruturas subjetivas e sociais.

A hipótese de uma origem da comunidade decorrente da presença de um pai que ameaça os seus filhos, castra-os e os expulsa do bando, pai que depois de morto passa a ser reverenciado, evidenciando a ambigüidade das relações, vem suprir a explicação da presença de uma instância instalada no interior do indivíduo que constantemente vigia, compara e critica. Essa hipótese freudiana é demonstrada por uma tomada em dois planos: no plano da filogênese a presença do pai todo-poderoso corresponde à época em que os homens se sentiam protegidos por esta figura que, apesar de ameaçadora, também representava a segurança, vindo a explicar na atualidade a presença de sentimentos que alimentam a religião; no plano da ontogênese se explica pelo desamparo que a criança se encontra no momento do nascimento, totalmente impotente e dependente da ajuda de terceiros.

Freud nos adverte que o sentimento de desamparo que a criança experimenta é responsável pela constante necessidade de um pai protetor (FREUD, 1927b). O desamparo corresponde à perda do narcisismo primário, e à tentativa de retorno ao estado ilusório de onipotência e completude ocasionado por este momento, sempre que frustrações e ameaças surgirem no horizonte. O abandono do narcisismo primário acontece através de sucessivas decepções. A criança se depara com a obrigação de abdicar de sua posição de indiferença em relação ao mundo (conforme “O instinto e suas vicissitudes”). Isso explica também o surgimento do sentimento de incompletude, e pelo lançar-se ao campo da alteridade onde se encontram os possíveis objetos de satisfação, um equivalente no plano mítico à ferida infringida pelo pai da horda aos seus filhos. São representações do complexo de castração, responsável pela entrada do homem na ordem da demanda e do desejo, e pela renúncia à satisfação prometida pelos primeiros objetos, resultantes do encontro com a alteridade.

Este momento descrito em várias passagens da obra de Freud marcará no psiquismo um núcleo de desprazer irredutível, que é também vivido como um objeto hostil ao Eu, instituindo a presença de um estranho íntimo que constantemente ameaça o Eu em suas pretensões de completude e harmonia.²⁵

4.5.3 A renúncia pulsional aumenta o mal-estar

Freud inicia o capítulo VI de “O mal-estar na civilização” (Freud, 1930) fazendo um resumo do que até então havia descoberto em relação à psicanálise. Demonstra que o passo

²⁵ Em “A negativa” (1925), Freud dirá que aquilo que é identificado ao estrangeiro, ao odiado; aquilo que deve ser encontrado fora do aparelho psíquico, foi inicialmente pertencente ao mesmo objeto que se decompôs.

decisivo foi dado quando, pela primeira vez, a compulsão à repetição ganhou compreensão, e que o funcionamento do aparelho psíquico era decorrente de duas forças em ação. “Isso equivalia a dizer que, assim como Eros, existia também um instinto de morte. Os fenômenos da vida podiam ser explicados pela ação concorrente, ou mutuamente oposta, destes dois instintos.” (FREUD, 1930, p. 141).

Toda elaboração contida em “O mal-estar na civilização” nos aponta para esse novo modelo de funcionamento do conflito pulsional, mas suas premissas foram postas bem antes, na afirmação de que a sociedade humana se ergue pela renúncia: em troca de viver juntos, os homens devem perder em liberdade. Desde “Moral sexual civilizada...” (Freud, 1908a) é proposto um modo de funcionamento em que a civilização avança através de recalque e repressão, sendo este o preço a ser pago pelo progresso. Mas o “Mal-estar...” renova por introduzir a idéia de que a insatisfação instala uma patologia em comum tanto no homem quanto na sociedade, sendo incorreto imputar apenas à civilização a origem do mal que acomete a ambos. Daí a definição do mal-estar enquanto sentimento experimentado por todo homem civilizado.

A pulsão de destruição desloca o campo de preocupação, libertando a sexualidade de suas amarras restritivas e tornando o domínio da agressividade a principal tarefa, embora os recursos empregados não parecerem ser eficazes: em troca da proteção, abrimos mão de grande parcela de liberdade, e percebemos que quanto maior a renúncia, mais exigente se torna a tarefa de dominar a agressividade, e maior será a repressão imposta aos seus membros.

Aos componentes libidinais inibidos em sua finalidade, soma-se uma maior exigência de aumentar os laços através do reforço da moral e da culpa, pois somente a repressão da libido não é suficiente. A agressividade é introjetada, interiorizada, e vigiada através do Supereu, um modo de funcionamento que se encontra presente desde “Totem e tabu”. Uma lógica do avanço civilizatório através de culpa e renúncia, derivados ambos do ato assassino empreendido pelos irmãos. Um desejo de agressão presente no psiquismo que não pode ser barrado facilmente. A ameaça constante de uma agressividade que é:

...introjetada, internalizada. Ela é, na realidade, enviada de volta para o lugar de onde proveio, isto é, dirigida no sentido de seu próprio ego. Aí é assumida por uma parte do ego, que se coloca contra o resto do ego, como superego, e que então, sob a forma da ‘consciência’, está pronta para pôr em ação contra o ego a mesma agressividade rude que o ego teria gostado de satisfazer sobre outros indivíduos, a ele estranhos (FREUD, 1930, p. 146).

A explicação do tabu, que se encontra na base de todas as sociedades primitivas, revela que sua manifestação é fruto da renúncia de seus membros a satisfação de desejos tidos como ameaçadores ao pacto social, mas também lembra a constante ameaça que representa

para a comunidade a incapacidade de certos membros da comunidade em renunciar ao poder que a posição do pai lhes garante.

4.5.4 Crença e ilusão

A religião aparece como o ponto de explicação para a conjunção entre história do indivíduo e história da sociedade. A religião é a instituição responsável pela garantia do interdito, pois ela sustenta as duas faces da figura do pai: o amor por todos que são os eleitos, e o ódio àquele que não participa do rebanho de fiéis, conservando a ambigüidade que representa esta figura: a do pai primordial onipotente em seu ódio e desprezo pelos filhos, e a do pai morto idealizado em amor pela humanidade. A crença em Deus, ou do seu correlato, o pai morto é o protótipo de todos os ideais que irão sucedê-lo, representando para o psiquismo a mesma referência na crença da experiência originária de satisfação, e da existência do objeto de desejo. O estatuto da crença muda então para poder definir a realidade tanto do neurótico que acredita que pode satisfazer todos os seus desejos, quanto a do melancólico que não crê em nada e permanece aquém de qualquer demanda, permitindo a passagem necessária da idade infantil para o mundo adulto; um mundo que de alguma forma mantém vínculos com a infância, através de demandas arcaicas. A crença é pensada como fundamental para o desenvolvimento das sociedades humanas. Sua importância é tão grande que Freud descreveu a impossibilidade de uma cultura se guiar somente pela relação com a verdade: as ilusões adquirem sua força através do fato de serem derivadas dos desejos humanos (FREUD, 1927b, p. 44). Em o “Futuro de uma ilusão” é realçado o vínculo que a ilusão estabelece com o psiquismo, sendo produto das manifestações deste: “Chamamos uma crença de ilusão quando uma realização de desejo constitui fator proeminente em sua motivação e, assim procedendo, desprezamos suas relações com a realidade, tal como a própria ilusão não dá valor à verificação” (FREUD, 1927, p. 44). Diremos que estamos na ilusão quando o trabalho do pensamento, que requer a dúvida, a verificação, e a decepção, se encontra interrompido. A ilusão se demonstra refratária à prova de realidade.

O poeta Schiller, no século XIX, tinha em mente a pretensão de substituir a crença religiosa em seu papel de unir a comunidade dos homens, e propôs que a arte ocuparia este papel que antes era destinado a religião, modificando dessa forma a natureza do laço social, um laço não mais estabelecido através da ilusão e do temor. Uma pretensão que por certo momento Freud também partilhou; não em relação à arte, mas em relação à ciência, quando

reservava para essa nova ciência, a psicanálise, a tarefa de erigir uma nova modalidade de laço social, superando a injunção do amor e do ódio presentes em todas as formas de relação intersubjetiva. Pretensão que ele não demorou muito para entender que seria impossível, pois nem a ciência poderia estar isenta de ilusão nem a psicanálise se conformaria ao discurso científico.

4.5.5 A sociedade passa a ser constituída por grandes conjuntos

Em seu ensaio sobre a psicologia de grupo, Freud se perguntava de onde provinham os poderes das multidões, como elas eram capazes de exercer influência nos indivíduos, que, quando incorporados a essas massas de humanos, passavam a pensar e sentir de maneira diferente daquela que até então vinha agindo. Sua conclusão é de que as massas exigem ilusões, não podem viver sem elas (Freud, 1921), levam o indivíduo a agir de maneira diferente de quando isolado do grupo perdendo toda sua autonomia e senso crítico, revelando que o indivíduo na massa apresenta um comportamento próximo dos estados oníricos. O comportamento das multidões se assemelha a uma oscilação entre sono e vigília. Sua leitura destes fenômenos leva-o a descrever com os indivíduos submetidos ao grupo assumem um comportamento infantil, pelo reforço das manifestações narcísicas. O funcionamento psíquico de um indivíduo na multidão passa a ser regido pela sensação de compartilhamento de um interesse comum, sem conflitos e sem críticas, buscando na ilusão os meios de satisfação, sem levar em consideração a realidade. A explicação metapsicológica é de que a libido regressou aos estados anteriores do desenvolvimento, fixando-se a antigos objetos de satisfação narcísica, e revelando ser um fenômeno que reforça o narcisismo e contrário à independência e à liberdade.

Novamente encontramos os mesmos motivos para o comportamento individual e coletivo, acrescentando que o desamparo originário se transformou na necessidade de um pai protetor.

Foi assim que se criou um cabedal de idéias, nascido da necessidade que tem o homem de tornar tolerável seu desamparo, e construindo com o material da lembrança do desamparo de sua própria infância e da infância da raça humana (FREUD, 1927b, p. 30).

4.6 Sublimação e sociedade

4.6.1 A natureza dos vínculos sociais

Para Freud por si só o amor é insuficiente para criar e desenvolver a civilização. O exemplo do casal amoroso já bastaria para nos alertar que é necessário mais um passo e romper a relação originária protótipo do par amoroso, pois ele arrasta consigo a posse do objeto de amor, a inveja e o ódio ao intruso que tenta se introduzir na relação. A solução encontrada pela comunidade seria a de dirigir este amor ao chefe, que uniria o grupo, e garantiria a identidade de cada um, e seu lugar na organização social, solução também problemática por trazer fascinação e submissão.

A premissa de haver um chefe supremo que guie os destinos das pessoas levou Freud a explicar o surgimento dos agrupamentos humanos. Em “Totem e tabu” (Freud, 1913), a origem é dada pelo ódio ao pai, enquanto que em “Psicologia de grupo e análise do ego”, de 1921, a coesão se faz em termos de amor ao chefe. Em ambos textos encontramos um pólo catalisador identificado à figura do pai, mas Freud fará do amor, e não do ódio, o responsável pela possibilidade do grupo se manter unido. Somado à necessidade de proteção ambos constituem o pilar das comunidades humanas (Eros e Ananke – amor e necessidade). Sendo assim, o ódio ao pai que uniu uma coleção de indivíduos irmãos em torno de um objetivo comum não tem o poder de mantê-los, o que não quer dizer que o conflito está solucionado.

Os laços de amizade são vínculos entre indivíduos decorrentes das manifestações de Eros, e corresponde à libido dessexualizada, de mesma natureza que a libido narcísica. É essa dessexualização que livraria desta forma o amor de sua carga erótica, e de sua inclinação natural a buscar os primeiros objetos de satisfação. Um amor homossexual e sublimado (“Psicologia de grupo e análise do ego”, 1921, p. 130) surge na base de todo vínculo social, “pois só o amor atua como fator civilizador, no sentido de ocasionar uma modificação do egoísmo em altruísmo”. Em “O futuro de uma ilusão” (Freud, 1927b), Freud alerta para o fato de que as pessoas sempre estarão prontas para incluir entre os predicados de uma cultura os seus ideais, e de que serão estes ideais os responsáveis pela discórdia entre as diversas comunidades, por se tornarem padrão de aferimento entre elas. Sua conclusão é de que “a satisfação que os ideais oferecem aos participantes da cultura é, portanto, de natureza narcísica” (Freud, 1927, p.24), e estão relacionados a relações de reconhecimento entre os seus membros que, desta forma, podem então suspender suas diferenças individuais e se

identificarem ao ideal do grupo, armando-se destes ideais para julgar aqueles pertencentes ao outro grupo.

A crítica em relação a uma comunidade humana fundamentada em ideais coletivos que prescrevem a renúncia e a submissão só cede quando, neste mesmo texto, Freud analisa as realizações artísticas, reconhecendo nestas uma manifestação mais elevada de relações intersubjetivas, relações que não são decorrentes de expectativas imaginárias, uma forma de laço que pressupõe

Um tipo diferente de satisfação... para as mais antigas e mais profundamente sentidas renúncias culturais, e, por esse motivo, ela serve, como nenhuma outra, para reconciliar os homens com os sacrifícios que têm de fazer em benefício da civilização (FREUD, 1927, p. 25).

4.6.2 A sublimação não representa submissão.

O amor como derivado da ação de Eros tem uma dupla finalidade, e, segundo Freud, só ele pode contribuir para o processo civilizador. Sua finalidade primordial seria a de unir indivíduos em grupos cada vez maiores, e teve, por questões decorrentes da finalidade inibida, de ultrapassar as barreiras do casal e se dirigir a um grupo maior que aquele decorrente dos interesses privados, representado pela relação sensual. Essa passagem se encontra em “O mal-estar” da seguinte forma:

Ambos – o amor plenamente sensual e o amor inibido em sua finalidade – estendem-se exteriormente à família e criam novos vínculos com pessoas anteriormente estranhas. O amor genital conduz à formação de novas famílias, e o amor inibido em sua finalidade, a ‘amizades’ que se tornam valiosas, de um ponto de vista cultural, por fugirem a algumas limitações do amor genital, como, por exemplo, à sua exclusividade. No decurso do desenvolvimento, porém, a relação do amor com a civilização perde sua ambiguidade. Por um lado, o amor se coloca em oposição aos interesses da civilização; por outro, esta ameaça o amor com restrições substanciais (FREUD, 1930, p. 123).

Mas a sociedade repousa em bases muito diferentes daquelas encontradas na sublimação. A sublimação pode ser um recurso diferente do sintoma, e ainda encontrar acolhimento social, através de realizações que vão sendo deixadas ao longo da história, sem que isso seja o objetivo principal daquele que se encontra engajado neste processo, e sem garantia a priori na forma de aprovação social.

Falar de dessexualização da libido investida sobre objetos eleitos a partir de escolhas narcísicas quer dizer coisa bem diferente de sublimação da libido. O objeto amado, seja ele motivo de relações entre casais ou um grupo, ocupa o lugar do Ideal Eu, acarretando os fenômenos conhecidos de fascinação e submissão. Com a sublimação permanecemos no

campo da libido objetal, sem haver eleição de ideais, e conseqüentemente sem a presença dos fenômenos presentes nas relações de grupo. As escolhas de objeto narcísicas não guardam laço com a sublimação, pois nesta não se trata de um tipo de fixação ou conservação do objeto, mas da possibilidade de um novo objeto para a pulsão. O que está em pauta é a possibilidade de deslocamento da libido. Podemos questionar se na identificação ao líder, presente nos fenômenos de massa, há verdadeiramente mudança de objeto e de objetivo.

Os mecanismos que envolvem a sublimação são contrários à formação de um ideal mistificador e aos fenômenos ligados à submissão a um líder (uma ilusão narcísica que se aproxima da fascinação amorosa). Na sublimação o indivíduo não perde a capacidade de crítica tal como encontramos nas manifestações de grupo. Para que possa ocorrer sublimação é necessário que o sujeito tenha abandonado os objetos de satisfação arcaicos e deixado para trás a onipotência própria às ilusões narcísicas, procurando buscar uma transformação da realidade por uma ação efetiva sobre a mesma, pois somente assim, levando em consideração a realidade, poderá haver ganhos de prazer sem os engodos narcísicos presentes nas relações amorosas. A sublimação pressupõe o desmascaramento dos vínculos amorosos erigidos por meio da fascinação imaginária e da submissão acrítica. Esse desmascaramento se torna uma espécie de liberdade, uma vitória sobre antigos vínculos. Em “O mal-estar...” Freud já encontrava este ganho proporcionado pela sublimação, e que não deriva de vínculos imaginários com o objeto, ou de simples engodo narcísico. Mas a tarefa de caracterizar este processo permaneceu inacabada:

A tarefa aqui consiste em reorientar os objetivos instintivos de maneira que eludam a frustração do mundo externo. Para isso ela conta com a assistência da sublimação dos instintos. Obtém-se o máximo quando se consegue intensificar suficientemente a produção de prazer a partir das fontes do trabalho psíquico e intelectual. Quando isso acontece o destino pouco pode fazer contra nós. Uma satisfação deste tipo, como, por exemplo, a alegria do artista em criar, em dar corpo às suas fantasias, ou a do cientista em solucionar problemas ou descobrir verdades, possui uma qualidade especial que, sem dúvida, um dia poderemos caracterizar em termos metapsicológicos (FREUD, 1930, p. 98).

A citação acima, apesar de certo viés otimista quanto à criação artística ou científica, que nem sempre vem acompanhada da alegria, torna claro o valor que Freud dá à sublimação como uma satisfação de qualidade superior a dos outros destinos pulsionais. A sublimação se posiciona como uma muralha contra o mal-estar, e por si só serve de orientação para a clínica psicanalítica que deve, no entanto, se resguardar para não fazer disso um objetivo, um ideal de cura. “A sublimação suscita novas indagações sobre o lugar do desejo na demanda de Saber, e na natureza da obediência à Lei e ao Dever” (Rajchman, 1994, p. 42).

4.6.3 A sublimação e a homossexualidade

Para Freud o amor resumido na máxima do amar ao próximo como a si mesmo revela as pretensões sociais em forma de um mandamento moral que não tem nada de altruísta. Lacan ao comentar esse enunciado cristão afirma que ele mais se parece a um recuo diante da violência dirigida ao outro, à imagem especular de si, um duplo narcísico que na maioria das vezes me ignora ou me agride. Trata-se de algo impossível de realizar pois, amor e ódio se encontram indissociavelmente unidos .

O pensamento freudiano localiza no sentimento de culpa o motor do processo civilizador, e uma etapa essencial para a vida em comunidade. A culpa é decorrente da interiorização do Supereu, e da obediência aos mandamentos morais. Dessa maneira Eros é obrigado a voltar sua libido para a comunidade sobre a forma de sentimentos sociais ‘sublimados’, acarretando o retorno ao próprio indivíduo da agressividade que recusa que seja utilizada em seus semelhantes. Segundo essa definição, há sublimação da libido homossexual na forma de laço social.

Mas podemos questionar se o que é descrito aqui demonstra ser uma verdadeira forma de sublimação. Este mecanismo se assemelha à manutenção da meta inibida em seu fim, através da renúncia à agressividade para sobreviver. A amizade, a camaradagem, e o amor pela humanidade não aparecem como efeito das relações de troca, mas da necessidade de inibir as manifestações eróticas nos laços homossexuais sublimados. Em “Psicologia de grupo...” (Freud, 1921), encontramos a descrição deste mecanismo da seguinte forma:

Parece seguro que o amor homossexual se acomoda muito melhor aos laços de grupo, mesmo lá onde aparecem sobre a forma de tendências homossexuais inibidas quanto à meta. Do ponto de vista psicanalítico nos estamos habituados a reconhecer os sentimentos sociais como sublimação de objetos homossexuais (FREUD, 1921, pg. 212)

Na passagem descrita acima Freud reafirma e prolonga a idéia desenvolvida em “Leonardo da Vinci e uma recordação de sua infância” (Freud, 1910b), da origem narcísica da libido homossexual, e dos destinos que esta adquire nos laços sociais sublimados. Mas em “Alguns mecanismos neuróticos...”, de 1922, ele não vê necessidade de explicar o laço social através da sublimação da libido homossexual, revelando: “Os sentimentos de identificação, de natureza terna assim como os sociais, nascem como formações reativas contra os impulsos agressivos recalçados” (FREUD, 1922, p. 281), atestando que os sentimentos sociais nascem com a transformação do ódio originário pelo outro em sentimentos de ternura, exigindo o

contrainvestimento permanente do afeto indesejado socialmente para manter a agressividade sobre controle, o que explicaria a fragilidade deste tipo de laço e o risco constante de se desfazer. O amor advém sobre o recalçamento e da reviravolta do ódio em seu contrário, conforme descrito em “O instinto e suas vicissitudes”, de 1915. Essa operação se demonstra sempre incompleta, exigindo o direcionamento deste ódio ao exterior, ao inimigo que não pertence ao grupo, um ódio que se volta contra a própria pessoa quando não encontra no exterior um objeto. O laço social, derivando do recalçamento do ódio, assemelha-se mais a uma formação reativa, do que a um verdadeiro processo de sublimação, pois mantém a meta e o objeto, exigindo um constante contra-investimento por parte do indivíduo.

Sophie de Mijolla (Mijolla-Mellor, 2009, p. 217) nos chama a atenção de que sublimar a libido investida num objeto eleito por uma escolha narcísica não é o mesmo que sublimação da libido narcísica. Trata-se de algo análogo ao encontrado na relação amorosa em que o objeto é colocado no lugar do Eu infantil, e o Eu do adulto se identifica com a mãe. Trata-se de um tipo de escolha objetual, determinada pela fixação a um estágio narcísico do desenvolvimento libidinal, e não propriamente uma sublimação. Segundo a concepção freudiana, a libido se sublimando em laço social não constituiria verdadeiramente uma mudança de objeto e objetivo. No caso em que ocorre de a libido homossexual sublimada se transformar em laço social, nós encontramos mais uma forma de relação parental reconstituída através de um prolongamento narcísico.

4.6.4 A sublimação como remédio contra o mal-estar

4.6.4.1 A sublimação diminui o mal-estar

Em uma carta endereçada a Lou Andreas Salomé (apud Laplanche, 1989), Freud conclui que, após ter escrito “O mal-estar...”, reparou que se tratava de coisas extremamente banais, dando a entender que não se deveria perder tempo analisando demais seu artigo. No entanto, não nos deixemos enganar pelo falso desdém que ele expressa em relação ao seu conteúdo; trata-se de coisas muito sérias, já que se refere à introdução da pulsão da morte no domínio da comunidade humana e de suas conseqüências.

Uma análise um tanto superficial do artigo nos mostra que a vida em comunidade permite que duas necessidades básicas dos homens sejam supridas: a de proteção e a de

organizar seus relacionamentos mútuos. Mas a vida em comum só pode ser possível se em vez de reinarem relações de força, como aquela derivada das comunidades primitivas, poderem se estabelecer mecanismos codificados de convívio. Inicialmente, para que a vida em sociedade possa acontecer é necessário controlar a agressividade que o homem traz em si. Sabemos como estes mecanismos de controle social funcionam: a renúncia à satisfação, e o sentimento inconsciente de culpa. A culpa é o lugar onde, amor e ódio se encontram indissociavelmente unidos. “Mas o que chamamos civilização é em grande parte responsável por nossa desgraça” (FREUD, 1930, p. 105). Freud faz de maneira explícita a constatação de que os remédios usados para os males causados pela vida em sociedade não dão resultados satisfatórios, já que a pulsão de morte continua a agir silenciosamente através da instância superegógica. A agressividade continua a agir, mas agora do lado do Supereu.

A sublimação constituiria uma forma eficaz de diminuir o mal-estar, por não requerer a restrição da sexualidade. Freud, mesmo se posicionando a favor, retoma as velhas concepções que a princípio já havia abandonado pois, quando se reporta à incompatibilidade entre a sexualidade e a civilização, ele traz de volta a antiga idéia de que o sujeito possui um estoque limitado de libido, e que a relação com a civilização acarreta em empobrecimento da vida erótica, por ter de canalizar grande parte desta para atividades culturais. Ele expressa estas conclusões sem levar em consideração fontes renováveis, como anteriormente havia manifestado em relação à neogênese de energia sexual, ignorando que a pulsão de morte traz para o primeiro plano a questão das intensidades, do excesso e da incapacidade do aparelho de dominar essa energia que chega de surpresa.

A compreensão do processo de sublimação resulta do entrelaçamento entre as várias instâncias, determinando uma trama conceitual que por vezes é difícil de acompanhar. Em “O ego e o id”, Freud procura integrar as conseqüências do complexo de Édipo, a dependência prolongada do ser humano, a sua prematuração e a ambivalência afetiva em relação aos pais, reposicionando estas variáveis com as elaborações posteriormente feitas após o novo dualismo pulsional, descrevendo-as através do fusionamento entre Eros e Tanatos. Nesse texto de 1923, o Eu é pensado de maneira análoga a uma casca de cebola, onde permanece presente um núcleo resistente à variação, constituído pelas primeiras identificações. Este núcleo vai atrair para si as identificações secundárias, marcando que as futuras identificações guardam relações com as antigas com um traço de semelhança. Inicialmente, a sublimação é apontada como uma maneira de diminuir o sofrimento psíquico, sendo uma via que consiste em obter a satisfação que de outra maneira seria recusada. A sublimação preserva a capacidade da libido de deslocar-se e investir novos objetos. Em “O mal-estar...”, de 1930,

encontra-se descrito essa propriedade da libido no combate ao sofrimento decorrente das frustrações de permanecer vinculado aos antigos objetos de satisfação: “Outra técnica para afastar o sofrimento reside no emprego dos deslocamentos de libido²⁶, que nosso aparelho mental possibilita e através dos quais sua função ganha tanta flexibilidade.”

A sublimação, por levar em consideração o desligamento dos antigos vínculos e as mudanças que devem ser feitas na realidade, torna-se um fator importante contra as frustrações imaginárias. “A tarefa aqui consiste em reorientar os objetivos instintivos de maneira que eludam a frustração do mundo externo. Para isso, ela conta com a assistência da sublimação dos instintos” (FREUD, 1930, p. 98).

Há neste mecanismo uma intensificação do prazer, pelo retorno desta libido direcionada aos objetos ao Eu, que pode se tornar um forte instrumento para evitar os males que a civilização produz.

Quando isso acontece, o destino pouco pode fazer contra nós. Uma satisfação desse tipo, como, por exemplo, a alegria do artista em criar, em dar corpo às suas fantasias, ou do cientista em solucionar problemas ou descobrir verdades, possui uma qualidade especial que, sem dúvida, um dia poderemos caracterizar em termos metapsicológicos (FREUD, 1930, p. 98).

Desde “O instinto e suas vicissitudes” a sublimação é considerada um destino da pulsão diferenciado dos demais por produzir uma satisfação superior, e não empregar os mecanismos envolvidos no sintoma. Freud parece relativizar o fato de a sublimação estar vinculada ao reconhecimento social, com valorização de seus objetos. “Atualmente, apenas de forma figurada podemos dizer que tais satisfações parecem ‘mais refinadas e mais altas’” (FREUD, 1930, p. 98). O entendimento freudiano em relação à sublimação permanece sendo de que esta favorece o laço social, revelando um processo que é bastante comum em sociedade.

No entanto, Freud deixa transparecer a possibilidade de outra modalidade de atividade sublimatória em indivíduos que possuem uma predisposição constitutiva e com alta capacidade de fazer uso dos desejos primitivos, revestindo suas fantasias, se empenhando na criação de objetos que podem ser socialmente valorizados. Em “O futuro de uma ilusão”, a linha seguida é a mesma: “a arte oferece satisfações substitutivas para as mais antigas e mais profundamente sentidas renúncias culturais” (aquelas renúncias referentes as satisfação das pulsões que não se adéquam aos ideais socialmente eleitos) (Freud, 1927b, p. 25), e que por esse motivo servem para reconciliar os homens com os sacrifícios que fizeram em prol da civilização.

²⁶ Desde os “Três ensaios...” (1905a) que Freud aponta o deslocamento como uma propriedade da libido.

4.6.4.2 A sublimação e a cultura após a segunda teoria das pulsões

A idéia de que civilização nasce, com e pela repressão dos componentes pré-genital da pulsão sexual decorre das conclusões retiradas da primeira teoria das pulsões, quando a sexualidade era vista como uma força que, por estar submetida ao princípio do prazer, seria dificilmente ‘educável’; força eminentemente perturbadora, ameaçando com freqüência o equilíbrio do aparelho psíquico. Uma nova variável entra em jogo, relativizando o impacto da sexualidade, que passa a mudar o estatuto de sua presença. Essa variável explica a presença da agressividade humana, que demonstra ser incapaz de domínio. A partir de então a sexualidade adquire uma nova natureza, e passa a integrar as forças derivadas de Eros,

Uma mudança em relação ao universo humano teve de ser implementada, em decorrência do novo dualismo pulsional: a sociedade passa a não mais ser vista ao lado da conservação da espécie, pois seu funcionamento restringindo no indivíduo as possibilidades de satisfação, expõe-na como um todo aos efeitos da pulsão de morte. Esse raciocínio explica o porquê da afirmação de Freud de que ao limitarmos a ação de Eros é Tanatos quem toma a dianteira. As respostas se fazem no sentido de erotização e sublimação, podendo a arte servir de guia a um novo caminho: esta “eleva os sentimentos de identificação entre os homens, proporcionando uma ocasião para a partilha de experiências emocionais altamente valorizadas” (FREUD, 1927b, p. 25).

Os temas abordados em “Psicologia de grupo...”, “Mal-estar na civilização”, e “Por que a guerra?” (1933b) vão desenhar um segundo eixo de investigação decorrente das transformações encontradas na clínica e na teoria. A observação de que a crença é consequência de uma condição estrutural, representada pela situação de desamparo e impotência originária, termina o debate iniciado para pensar uma terceira via entre a neurose individual, e a neurose coletiva, buscando na razão científica uma saída. Esse debate findado na conclusão de “O mal-estar na civilização”, momento em que Freud se depara com a impossibilidade da ciência preencher o vazio que as ilusões tamponam, representa a acentuação de um pensamento trágico nos últimos escritos de Freud com mais uma surpreendente conclusão: o espírito científico, o espírito religioso, e a fascinação amorosa podem caminhar juntos na constituição de um único pensamento (o exemplo pode ser encontrado em Isaac Newton, que podia harmonizar uma teoria cosmológica sobre a

gravitação dos corpos paralela a suas crenças sobre astrologia e ocultismo). O que a princípio parecia uma contradição, demonstrava-se quase que um complemento.

A possibilidade de abertura pode ser encontrada na arte, não como uma forma de reconciliação, mas através dos processos que conduzem a sublimação. Ela pode ser a alternativa para se escapar da miséria erótica imposta pelos mandamentos civilizadores, e uma forma verdadeira de satisfação. A compreensão de que a sublimação trabalha reduzindo o componente destrutivo, sem reforçar recalque, permite-nos avançar mais nesta questão. Mas a definição de que a sublimação ocorre paralela à aprovação social nos parece insuficiente.

Isso implica dizer que sublimação faz subsistir a falta, como também assegura a possibilidade de manter a mobilidade pulsional, em razão de o desejo guardar seu aspecto insatisfeito, em constante movimento, não se deixando capturar por qualquer referencia a utilidade ou finalidade, e que qualquer perspectiva de realização só pode remeter à nostalgia de um momento fora da realidade. Todo ato criador pressupõe um momento de destruição, movimento que se expressa na forma de um recomeço, conforme a frase de Jacques Lacan: vontade de recomeçar (LACAN, 1997). Recomeçar infinitamente talvez seja a solução para o entendimento de que devemos ir além da insatisfação neurótica, que de antemão põe a impossibilidade como condição da relação com os outros, pela incapacidade de aceitar um desejo sem garantias, recusando o movimento próprio do desejo em direção ao que está além das determinações fantasmáticas.

A obra de arte poderia então empreender um movimento para além dos limites individuais, possibilitando romper com a limitação imposta pelas relações narcísicas, diminuindo o ódio dirigido ao outro estrangeiro. Levando o espectador a obter um ganho de prazer, a arte permite que a força pulsional não se enfraqueça, acentuando o seu caráter instigante e de questionamento, deslocando-se a novos caminhos o que implica uma mudança em relação às concepções precedentes.

Pensamos então que em toda obra há dois pólos que se interagem e dialogam, sendo esta direção ao outro fundamental para a compreensão da manifestação artística. A obra engendraria tanto o autor quanto o apreciador desta um espaço de reflexão e questionamento (no entanto, a sublimação só diz respeito ao movimento subjetivo que lhe deu origem), pondo em marcha um movimento imprevisível, que se faz em nome de um desejo próprio, podendo ser útil por circunstâncias exteriores ao domínio da criação a uma nova forma de vínculo social que não reforçaria defesas, e nem implicaria em submissão ou fascinação. A sublimação também supõe a assunção dos riscos que não podem ser previamente estabelecidos, e que se fazem, no mais das vezes, sem que o reconheçamos plenamente, um

movimento que frequentemente demanda um ato de ratificação que só pode ser dado à posteriori, sem a garantia de retorno.

5 A RELAÇÃO ENTRE SUBLIMAÇÃO E ESTÉTICA

O artigo “O estranho” (Freud, 1919) expressa o momento da mudança no pensamento freudiano; o seu interesse pelos elementos que representam constante ameaça para a subjetividade. Fenômenos de despersonalização e desrealização agindo e afetando profundamente o funcionamento do Eu, suas ilusões de domínio. Nesse texto os referenciais se encontram extremamente abalados e o sujeito passa a se confrontar com forças que não consegue dominar e com os sentimentos de desamparo e solidão.

Ao recorrer à arte para ilustrar suas observações, Freud neste artigo curiosamente se afasta dos temas que vinha até então abordando e tendo como referencia a observação de obras clássicas, passando a buscar os elementos em produções literárias de sua época que darão sustentação a análise dos sentimentos de angústia e terror, e que se tornam de extrema importância para suas análises do novo funcionamento do aparelho psíquico.

Freud passa a abordar acontecimentos que surgem quando o sujeito se vê confrontado a imagens carregadas de ambigüidades, imagens que mostram ao mesmo tempo semelhança e estranheza, elementos irrepresentáveis que expõe um campo de fenômenos subjetivos para além daqueles limitados pela tela do fantasma.

Há, nessa conjunção entre o belo e o terrível, um enigma que se expressa pela presença da morte na vida, revelando uma força que opera no psiquismo rompendo as coordenadas narcísicas de reconhecimento, e deixando transparecer o horror que o imaginário tinha por função tamponar.

O *unheimliche* (estranho) nos apresenta a inquietante estranheza de um mundo que nos habita e nos afronta. O estranho é a um só tempo o mesmo e o outro, uma extimidade (um interior excluído) atuante, para se expressar como Lacan o faz, um interior angustiante que não pode ser integrado, deixando um resto que surge e que não pode ser integrado à percepção.

Esse fenômeno é explicado em termos metapsicológicos, quando do momento da formação do psiquismo, pela incidência do recalque em um dos pólos do complexo perceptivo, produzindo uma cisão deste complexo em duas partes. Uma parte permanecerá como núcleo coeso refratário à predicação, enquanto o outro poderá ser decomposto, tornando seus elementos passíveis de serem representados. Deriva deste momento uma experiência em que o sujeito é obrigado a escolher um caminho que possa se adequar às exigências do Eu, acentuando a divisão subjetiva. Em “A negativa”, Freud descreve este processo: um juízo se

formaliza (juízo de atribuição) em que a parte do objeto considerada boa é incorporada ao Eu, constituindo-se em elemento de referência em relação aos objetos tidos como não-eu que, por terem sido expulsos para o exterior, fazem parte do campo da realidade perceptiva. O recalque incide sobre as representações derivadas do encontro com esse ‘complexo familiar’, permanecendo um núcleo refratário a se deixar representar.

O fenômeno do *unheimliche* possui a propriedade de suspender a negação, fazendo retornar o instante em os dois pólos coabitavam, e a contradição não existia, o momento em que Eu e não-Eu, os opostos, habitavam o mesmo plano. O estranho projetado na figura do outro exprime o paradoxo dessa exterioridade íntima que nos acossa e insiste em retornar.

5.1 A estética do belo como fenômeno subjetivo

Freud, nesse artigo de 1919, volta seu interesse para um campo de pesquisas abordando fenômenos que não tinha analisado até então, justificando seu impulso ao tema da estética por interesses de caráter sensualista. Esse seu interesse já demarca uma mudança nos temas que ele vinha trabalhando até então, diferenciando-se da procura pelos elementos que ajudassem a reconstituir o texto subjacente ao conteúdo manifesto da obra.

A referência ao belo é tomada aqui em sua aproximação à estética kantiana para respaldar um conceito universal de harmonia entre as partes que compõem um objeto, que ao ser contemplado proporcionaria a sensação de prazer agradável, resultante do acordo entre as faculdades envolvidas na construção do juízo de gosto. O gosto para Kant se aproxima da noção de juízo universal, tornando possível a fundação de uma comunidade humana através do senso comum de beleza. Uma referência ao conceito de Belo da estética clássica, que tem a conotação de contemplação desinteressada (impessoal), sendo o desinteresse a condição da universalidade. Em decorrência da beleza não ter o caráter de necessidade, ela é associada a uma faculdade que pode unir os humanos em torno de um sentimento vago e gratuito: na experiência da beleza sou conduzido à intuição de que a forma bela transmite a sensação de prazer, e me deixo cativar por esta imagem que transmite harmonia e perfeição.

Kant analisa a proposta de formular julgamentos universais a partir do pressuposto de que há um senso comum presente no sentimento estético, e que esse senso comum implica a idéia reguladora da beleza. Uma idéia que pertence ao campo da representação e se desenvolve na esfera do espaço e do tempo. Sua condição de aparecimento está inclusa numa lei de causalidade que determina o encontro dos corpos. O belo nos remete ao conceito de

Idéia, que se encontra presente na filosofia platônica inspirando uma teleologia da perfeição das formas e da conduta, pois nos revela sua participação com o mundo das essências supra-sensíveis, com o mundo imutável da razão.

Todo pensamento antigo se encontra movido pela Idéia platônica, ou pelo Bem Supremo aristotélico, que são condicionados pela visão que os gregos tinham do mundo: um cosmos fechado (Koyré, 2001). Essa concepção de mundo passa a não mais se sustentar quando o discurso científico toma o lugar de enunciação da verdade. Doravante, como observa Pascal, somos afligidos pelos espaços infinitos, sobressaltados pela imensidão que não pode espelhar a essência das formas eternas.

No belo sempre encontramos subentendido um princípio unificador, princípio que em psicanálise Freud identifica ao conceito de fantasma, um elemento organizador das sensações advindas do exterior, unificando as percepções sob uma perspectiva única, aquela que remeteria a imagem ideal que o sujeito pretende para si e encontra a partir da completude imaginária que adquire através do narcisismo. A categoria do belo se desloca então da harmonia das formas, da sensação agradável do que o objeto traz ao observador, para uma perspectiva subjetiva, aquela de um prazer derivado da ilusão de completude narcísica. Esta qualidade que emana dos objetos submetidos ao fantasma apresenta seu correlato nas demandas narcísicas de completude.

Kant já tinha observado que o belo deriva de um acordo entre as faculdades envolvidas no fenômeno estético, resultado de uma intersubjetividade implícita entre os membros de uma certa comunidade, onde são acentuados traços de harmonia, objetividade e totalidade. Para a psicanálise este acordo se encontra numa perspectiva de engodo decorrente da submissão do diverso sensível à lógica do mesmo presente no imaginário.

5.2 O fenômeno da estranheza

Ao se interessar pela perspectiva sensualista na concepção do belo, Freud não estava querendo analisar a forma com que a obra era construída, a combinação das variáveis que revelariam o estilo e a narrativa, mas a capacidade de afetação e expressão presente nela. Seu interesse era mais voltado para o aspecto expressivo presente no trabalho do artista, muito dependente de fatores derivados do material recolhido através da obra, e do impulso à criação. Elementos que vão fornecer o objeto para uma análise. Os pontos que lhe interessavam até então eram aqueles que diziam respeito a história do artista, as fantasias inconscientes que

podem estar presentes no conteúdo latente, detalhes negligenciados pelo estudioso da estética. Seus estudos sobre Leonardo da Vinci e o *Moisés* de Miguelangelo se desenrolaram neste sentido.

No entanto em “O estranho” (1919), Freud se volta para o campo de uma arte que não prioriza a vitória da razão sobre os afetos, e que revela uma dimensão da subjetividade que até então ele não tinha dedicado maior atenção:

Nada em absoluto encontra-se a respeito deste assunto em tratados de estética, que em geral preferem ocupar-se com o que é belo, atraente, e sublime – isto é, com sentimentos de natureza positiva – e com as circunstâncias e objetos que os trazem à tona, mais do que com os sentimentos opostos, de repulsa e aflição (FREUD, 1919, p. 276).

Quando afirma que esse é um campo de pouco interesse, sua análise na verdade se torna devedora de uma concepção da arte que já vinha a muito tempo sendo questionada por vários artistas. Os movimentos artísticos pensavam uma arte que se propunha incorporar em seus estudos o material que resiste à submissão das categorias de harmonia, fruição, e prazer (cito como exemplo o quadro de Picasso, *Les Femmes d'Alger (O J)*, que já havia sido pintado no início do século, em época anterior ao artigo de Freud).

De maneira distinta das análises que vinha fazendo até então, o interesse de Freud se volta para aquilo que é motivo de apreensão e temor, elemento que não encontra lugar na realidade representada, algo que se situa fora da ordem da representação, irrompendo como um resto impossível de integrar. O assustador nos remete à experiência de desprazer, ao desagradável que suspende nossa perspectiva de serenidade, e nos rouba a certeza de fazermos parte do mundo que nos cerca. São situações que nos surpreendem, nos chegam como um susto, e tornam inúteis nossas defesas contra o que não foi previsto e antecipado pela angústia sinal.²⁷

Dessa forma entendemos, pelo desarranjo que o estranho causa aos nossos sentidos, que estamos diante de uma experiência incapaz de ser dominada pelas coordenadas do prazer: são sentimentos que revelam um objeto carregado de afetos que não podem ser representados. Um problema que foi muito bem situado por Lacan, quando afirma que estas experiências não podem ser localizadas trilhando os caminhos da representação. São fenômenos designados por sua aproximação ao campo da pulsão de morte. É o horror como a outra face do que se apresenta para além do belo, e que se encontra revelado no texto analisado por Freud, quando descreve o sentimento de desintegração que acomete o personagem Nataniel (encontrado no

²⁷ Esse caráter de surpresa poderá ser analisado com mais detalhes no artigo “Inibição sintoma e angústia”, de 1926, em que Freud diferencia uma angústia do real de uma angústia sinal.

conto de E.T.A. Hoffmann) frente à irrupção no campo perceptivo deste elemento impossível de harmonizar.

O modo como é tratado este tema a partir da palavra alemã *unheimliche* mostra uma série de ambigüidades, polivalências e aproximações, com a finalidade de revelar aquilo que designamos como estranho, assustador, e que se encontra na mesma raiz: *heimliche*, o familiar, o que apazigua e acalma, e o *unheimliche*, o estranho, assustador e hostil, fazem parte do mesmo sistema de referências que orientam o indivíduo. Essa ambigüidade encontrada por Freud é o que se torna mais interessante de analisarmos. Não se trata de um contrário, mas de outra face do mesmo processo.

Uma ambigüidade perpassa a palavra *unheimliche*, que guarda um núcleo comum com o *heimliche* e estende-se por um vasto campo semântico de significações. “Direi de imediato, que ambos os rumos conduzem ao mesmo resultado: o estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar” (FREUD, 1919, p. 277).

Freud retorna ao sentimento de estranheza no conto de E.T.A. Hoffmann, “O homem de areia”, em que o personagem principal é invadido por indeterminações entre passado e presente, histórias de infância mesclada com acontecimentos atuais. O efeito de estranheza no psiquismo acarreta forte perturbação sensorial, sensação de perda de limites corporais, que culmina no fim trágico do personagem. A sobreposição de tempos, figuras e situações faz com que os sentimentos de horror retornem a Nataniel, encarnados na pessoa apavorante do homem de areia que surge das imagens vindas da realidade. Neste artigo, a estranheza habita o mesmo terreno do familiar: um campo de sensações paradoxais que ganham a luz quando o Eu é questionado em seu ser, quando suas referências identitárias sofrem um abalo.

O interesse freudiano por essa questão o aproxima do poeta Schelling, para quem *unheimlich* é tudo que deveria ter permanecido secreto e oculto, mas veio à luz. Mas também *unheimlich* significa o que é obscuro e inacessível ao conhecimento. Freud sustenta essas duas formas de entendimento da questão: ou é algo que diz respeito ao recalque, fazendo seu retorno, vindo à luz, ou se trata de elementos que se encontram fora de qualquer perspectiva de relação com o retorno do recalcado.

5.3 A relação do estranho com a segunda tópica

Neste texto o fenômeno do duplo nos remete ao Eu e às defesas que este estabelece contra o risco de sua dissolução, ameaça sentida a partir da presença da morte, um tema que, segundo ele, foi abordado inicialmente por Otto Rank. “Originalmente, o ‘duplo’ era a segurança contra a destruição do ego, uma ‘enérgica negação do poder da morte’, como afirma Rank, e, provavelmente, a alma ‘imortal’ foi o primeiro ‘duplo’ do corpo” (FREUD, 1919, p. 293). Essa estranheza se localiza numa etapa em que o “o sentimento de imortalidade [narcisismo primário] transforma-se em estranho anunciador da morte” (FREUD, 1919, p. 294). Freud descreve uma sensação de desamparo que acompanha o sentimento de estranheza, e passa a abordar o mecanismo inconsciente de compulsão à repetição, “uma compulsão poderosa o bastante para prevalecer sobre o princípio de prazer, emprestando a determinados aspectos da mente seu caráter demoníaco” (FREUD, 1919, p. 297). O sentimento de desamparo se relaciona à situação originária do homem, e que é carregada de angústia e ameaças de desintegração, momento ao qual se tenta a todo custo evitar criando estratégias.

Até aqui nenhuma referência às questões que corresponderá a uma reviravolta no arcabouço teórico desenvolvido até então. O artigo “Além do princípio do prazer”, publicado em 1920, um ano após este que está sendo comentado, atesta essa virada, representando a importância cada vez maior da presença da morte no pensamento psicanalítico. As referências à pulsão de morte, juntamente com a construção da segunda tópica, trazem novas contribuições para o esclarecimento dessas questões, representando o esforço de Freud para superar os impasses surgidos tanto no campo da sua clínica quanto na teoria.

No momento da elaboração de “O estranho” Freud ainda pensava a repetição como derivada do retorno do recaiado, e não como decorrente do excesso de estímulos derivados da pulsão de morte. É somente com o “Além do princípio do prazer” que temos a repetição vinculada ao traumático, momento de suspensão do princípio do prazer.

Podemos então localizar o momento do colapso de Nataniel, através da ruptura das imagens que garantiam ao protagonista do conto sua unidade narcísica. Esses elementos irrompem sempre que o personagem está próximo da possibilidade de realizar seus desejos, marcando a proximidade do desejo com o núcleo de estranheza, além da presença de sentimentos de angústia e despersonalização, que no momento da elaboração deste artigo era interpretado como sendo a marca do retorno do recaiado, pois ainda não estava claro que se tratava de um mecanismo mais primordial de funcionamento.

Todo afeto pertencente a um impulso emocional, qualquer que seja a sua espécie, transforma-se, se reprimido, em ansiedade, então, entre os exemplos de coisas assustadoras, deve haver uma categoria em que o elemento que amedronta pode mostrar-se ser algo reprimido que retorna. Essa categoria de coisas assustadoras constituiria então “o estranho” (Freud, 1919 p. 300).

A revelação do demoníaco por traz das imagens embaralhadas atesta a presença de algo que não pode ser integrado à trama de representações imaginárias que definem a identidade do sujeito, uma repetição que constantemente ameaça expondo o sujeito a uma situação de desamparo constitutiva da existência; um desamparo primitivo surgido em decorrência da incapacidade de dominar os estímulos provenientes do encontro com o outro primordial.

No texto “O estranho”, Freud faz referência ao narcisismo primário, e atesta que a renúncia a esse estado é marcada como uma ferida narcísica, efeito da castração, perda de uma parte de si, sendo essa perda a condição de acesso ao mundo da linguagem, uma renúncia necessária para que o psiquismo possa se desenvolver. O estranho marca o ponto de junção entre o trauma e a entrada do prazer. Posteriormente, em “O mal-estar na civilização” (Freud, 1930), Freud vai articular a situação de desamparo com outros elementos, contrapondo-a ao narcisismo e suas miragens de onipotência e totalidade. O retorno desse momento no psiquismo é sentido pelo afeto de angústia, projetando no campo da realidade a figura deste estranho a si mesmo.

O duplo desta forma surge pelo retorno do ‘estranho angustiante’ ao confrontar o narcisismo com aquilo que foi rejeitado e que faz parte de um primitivo eu (o complexo de *Nebensmench*, citado por Freud desde o “Projeto” (FREUD, 1950b). Lacan vai apontar esse momento, descrito como “o encontro com o outro”, como o mais fundamental da experiência psicanalítica, momento ao qual Freud retornará inúmeras vezes ao longo de sua obra, sendo responsável pela presença do sujeito no mundo e do mundo para o sujeito, e pela entrada do princípio regulador do funcionamento do aparelho psíquico. Todos esses fatores nos levam para um campo de experiências que nos atesta a tensão presente no psiquismo entre elementos estruturados e elementos fragmentados, que insistentemente retornam ameaçando as imagens que sustentam o Eu.

5.4 A estética e sua referência ao mais além do princípio do prazer

A presença da pulsão de morte abre um novo campo de estudos, onde a conjunção entre psicanálise e teoria estética encontra elementos em comum. A partir dos capítulos dedicados à analítica do sublime descritos por Kant em *Crítica do juízo*, muitos autores traçaram um paralelo entre o campo estético designado pelo sublime e as forças presentes na

subjetividade que não podem ser representadas, relacionando-as com os elementos que estão para além do plano da beleza, descortinando-se desde então um campo de fenômenos em que se encontram estranhamente associados força e sentido (Saint Girons, 2005).

O pano de fundo é o mesmo para a psicanálise e para a estética: como pôr em cena o irrepresentável que desarruma o sentido e o campo ordenado da representação. Como a subjetividade pode sentir e expressar aquilo que é traumático, inassimilável? Qual o destino a dar àquilo que não pode ser representado e que retorna insistentemente?

Em “A perda da realidade na neurose e na psicose” (Freud, 1924b), Freud afirma que ambas as patologias são decorrentes da impossibilidade do indivíduo se adaptar à realidade. A neurose se relaciona com a realidade através da fantasia, filtrando através desta os elementos que podem ser empregados ao princípio do prazer, enquanto o psicótico, por não ter como recurso a fantasia, se refugia no delírio, perdendo contato com o mundo, e retrocedendo ao modo autoerótico de relação. Essas patologias ilustram a dificuldade que cada um tem em relação ao seu desejo, e a impossibilidade de fazer alterações no mundo externo para tornar possível sua realização. Para Freud, a saúde psíquica se encontra na capacidade do sujeito de sustentar o desejo levando em consideração a castração e a insatisfação constitutiva, além da condição de fazer alterações na realidade a fim de viabilizar alguma satisfação.

A partir do “Além do princípio do prazer”, a compulsão à repetição não será mais associada ao retorno do recaiado, sendo identificada ao traumático, abrindo a possibilidade de entender a sublimação como um trabalho constante sobre os elementos que compõem a subjetividade. A experiência de satisfação originária passa a ser compreendida como decorrente de relações imaginárias, uma ilusão que só pode ser tomada de maneira mítica. Se houvesse uma origem que servisse de referencia esta atrairia o psiquismo e condicionaria seu funcionamento como uma volta àquele estado. Isso tornaria impossível a sublimação, que tem como condição o abandono dos objetos de satisfação infantis e dos circuitos previamente estabelecidos, e não o retorno às origens, mantendo com a realidade uma afinidade intensa pelo trabalho imposto pelo desejo. Conseqüentemente, por não haver uma origem também não há uma finalidade que condicione a sua realização enquanto tarefa, mas um constante sentimento de inconsistência revelado pela falta de fundamento nas origens, e pelo sentido trágico da existência. O trabalho psicanalítico seria o de devolver essa capacidade de relacionamento com o desejo sem a mediação de uma formação substitutiva ou sem a regressão aos estágios anteriores, proporcionando a formação de novos vínculos.

A sublimação seria um destino para a pulsão que pode permitir o compartilhamento de alguma coisa dessa experiência que não se deixa assimilar. Ela passa a ser a maneira possível

de se relacionar com essa dimensão do psiquismo que não se deixa apreender pelos fios da representação, mudando a natureza dos objetos, que perdem a tarefa de completar e fascinar. Isso quer dizer que os objetos criados adquirem o caráter de contingência e transitoriedade, tornando-se soluções provisórias, requerendo constantemente novos objetos e novas soluções. O inconsciente passa a expressar essa transformação, adquirindo nova compreensão de sua presença, deixando de ser um saber a decifrar para tornar-se usina de produção de sentido: criamos a partir dessa ausência estrutural de sentido, e por nos ser insuportável permanecer indefinidamente nesta condição. O imperativo de ter que significar contradiz qualquer tentativa de apaziguamento, obrigando o psiquismo a constantes deslocamentos.

5.5 A relação entre psicanálise e arte

Freud, preocupado com a tarefa de dar inteligibilidade às manifestações artísticas pela ótica dos conceitos psicanalíticos, chegou a aproximar o criador literário do sonhador a fim de pensar a relação entre obra e fantasia, tentando encontrar o lugar do Eu do artista em sua criação. Sua insistência em buscar entender as determinações do artista através de motivações egoicas dificultou muito a percepção de que o romance moderno há muito tempo já vinha produzindo um questionamento da identidade e do lugar do sujeito na trama narrativa, sua centralidade e a necessidade de referências espaço-temporais para seu aparecimento na história.

Para Freud, essa passagem de um particular da fantasia para o universal do público acontecia quando o artista camuflava as fantasias mais cruas e perversas, tornando possível seu compartilhamento social. O esforço em compreender como se produziu a passagem do particular do fantasma para o universal da obra representou um enorme ganho para o entendimento do que ocorre entre as demandas sociais e a pulsão. Ao revelar que o segredo mais íntimo do artista seria o de fazer passar seu fantasma encontrando reconhecimento social, Freud encontrava numa lógica do reconhecimento o lugar de junção entre o pulsional e o cultural (FREUD, 1908, p. 158). Este entendimento ganha todo seu vigor quando ele descreve que o sorriso da *Mona Lisa* adquire o sentido universal de representar para a humanidade a relação da mãe com o filho, expressão de ternura e carinho envolta de ambigüidades eróticas. Tratava-se aqui de desvendar os desejos inconscientes que adquirem a

propriedade de poder ser compartilhados através da sublimação dos componentes eróticos que de outra forma seriam socialmente reprovados.

Ao concentrar sua reflexão sobre a obra de arte a partir da sublimação dos componentes pulsionais, Lacan privilegiou as categorias de expressão no entendimento dos fenômenos estéticos, deixando em segundo plano a idéia de reconhecimento social e de desvelamento do lugar do sujeito na trama narrativa. Isso forçou o deslocamento do Eu para longe do centro, e a colocação em primeiro plano dos elementos intensivos, demonstrando forças em constante conflito ameaçando com frequência as pretensões de harmonia e serenidade, uma aspiração que já se mostrava em questionamento pela arte moderna, negando ao sujeito o lugar central na trama narrativa. A obra produzida dessa maneira não deveria ser a revelação das motivações psicológicas do sujeito, nem o resultado de introspecção calculada se expressando numa linguagem reificada e submetida à racionalidade instrumental.

Essa conclusão, no entanto já poderia ter sido feita pelo próprio Freud em sua obra, quando fazia referência a uma subjetividade marcada pelo constante deslocamento, de traços identificatórios extraídos da relação com o campo da alteridade (RANCIÈRE, 2001).

Toda manifestação presentificada na obra de arte poderia então se referir à apreensão de fenômenos que não obedecem às demandas de unificação narcísica, e pela presença de um objeto que nega sua submissão à lógica representacional. Isso ia de encontro ao questionamento que a psicanálise fazia da noção de identidade e de representação, que se tornou mais evidente a partir da segunda teoria das pulsões, quando nos deparamos com a incapacidade de se representar um objeto para a pulsão de morte. Surge também da idéia necessária de erotizar e sublimar como forma de combater os efeitos danosos de Tanatos.

A pulsão de vida, representada por Eros a partir da segunda tópica, descreve a busca de unificação através do imaginário narcísico, que encontra na compulsão à repetição o seu limite, marcando a impossibilidade de dominar a manifestação do fator quantitativo no psiquismo, mas também explicita a presença de um constante esforço em entrelaçar morte e vida, força e sentido. A pulsão de morte é possuidora do poder de desfazer as ligações, e de desmontar as ilusões totalitárias que o narcisismo supõe, submetendo-as a ausência de sentido. A erotização seria a maneira de manter o vínculo com a posição desejante impedindo que o sujeito caia no sintoma ou ceda ao niilismo. Essa operação se situa na borda entre belo e horror, onde se encontra a operação estética.

A arte contemporânea manifesta esta tensão representada em termos psicanalíticos pelo jogo entre Eros e Tanatos, uma tensão entre um elemento expressivo e uma subjetividade

esvaziada de seu elemento egóico, e sempre em vias de se diluir no objeto que por vezes deixa transparecer seu caráter disforme como correlato dessa subjetividade descentrada.

Freud foi o representante dessa tendência em pensar a subjetividade através desses elementos que resistem à capacidade de simbolização, mas sua concepção de sublimação permaneceu devedora de uma lógica de reconhecimento em que o artista se encontraria no lugar daquele que tornou possível aos outros compartilharem fantasias e desejos que de outra maneira não encontrariam aprovação social. Ele sempre sublinhou a importância da arte, sua capacidade de afetar outros indivíduos que não estiveram diretamente implicadas no processo de realização da obra, cuja emoção despertada permanece desconhecida. De alguma maneira o público se torna parte deste processo, transcendendo o domínio do artista, e a obra encontra alguma valorização neste trajeto, o que não é a mesma coisa que dizer que a sublimação faz da obra um bem coletivo, implicando valorização social.

Se a pulsão de morte constitui um excesso que o aparelho se esforça em dominar, implicando uma exigência de trabalho ao psiquismo, então o inacabamento é o preço a ser pago pelo constante trabalho de ligação da intensidade. Esse momento é percebido na obra de Freud através da estranheza, e da experiência de despersonalização, desmoronamento do Eu que se garantia em uma imagem especular de completude, e no esforço em construir narrativas possíveis de amarração ao sentido. O sentimento de estranheza procede da surpresa causada por uma percepção que resulta de intensa movimentação das forças psíquicas onde o sujeito, por não dispor de meios para representá-la, não consegue deter o afeto que invade e transborda, produzindo uma vacilação das imagens que sustentavam o Eu.

Seria por este viés descentrado que a criatividade poderia se engendrar na subjetividade, já que pela sublime ação se suspenderiam os enunciados de existência do eu com vistas à produção de outros enunciados possíveis (BIRMAN apud BARTUCCI, 2002, p. 127).

5.6 Novas perspectivas para a sublimação

Para Joel Birman, o sujeito se vê confrontado pela necessidade de erotizar e sublimar como forma de escapar aos efeitos da pulsão de morte:

O sujeito é obrigado, por um lado, a realizar um trabalho de ligação daquelas forças irruptivas, constituindo um campo de objetos capazes de oferecer um horizonte possível de satisfação e, por outro, deve se impor às exigências de nomeação daquelas forças. Portanto, na experiência do desamparo cabe ao sujeito a tarefa imperiosa de constituir circuitos pulsionais estéticos para dominar satisfatoriamente as intensidades que lhe perspassam, assim como tecer derivações simbólicas para os excessos pulsionais (BIRMAN, 1999, p. 44).

O autor acentua que o grande desafio do sujeito em análise seria “conseguir permanecer e suportar a dor provocada pela posição de desamparo e feminilidade” (BIRMAN, 1999, p. 45). Suas observações caminham no sentido de que a condução de uma análise se faria na recusa do analista em ocupar os ideais fálicos, pois estes guardam a capacidade de prender o desejo nas amarras imaginárias por criar um engodo de satisfação e completude. A saída para a angústia derivada deste lugar seria a adoção de um estilo de existência: o analisando vai buscar a todo custo às respostas as suas angústias e desamparo. A radicalidade da posição do analista se faz pela sustentação de seu desejo. Tal perspectiva traz para o campo psicanalítico o problema eminentemente freudiano de uma terapêutica que se contrapõe à compreensão e ao reconhecimento, uma abordagem dos problemas psíquicos que não é resultante do alargamento do campo da consciência. Situações que abrem um espaço de compreensão de um desejo que não está restrito à idéia de busca de repetição das experiências originárias de satisfação, mas um desejo imprevisível e incapaz de se satisfazer pelas ilusões de harmonia e felicidade. Os objetos adquirem o caráter provisório e contingente, relançando o desejo em seu movimento a cada vez que um aumento de tensão se faz sentir.

6 AS TRANSFORMAÇÕES LACANIANAS DO CONCEITO DE SUBLIMAÇÃO

Ao chama a atenção para o fato de que na pulsão não há alvo naturalmente determinado, a crítica lacaniana da idéia de dessexualização parece estar ligada à confusão que se encontra nas primeiras elaborações metapsicológicas, em decorrência dos conceitos não estarem todos desenvolvidos. Trata-se, na verdade, do fato de querer dispor sexualidade e genitalidade no mesmo lugar. “O que quer dizer? Que o alvo era sexual e agora não é mais? Que se dessexualizou conforme Freud indica?” (Lacan, 1997, p. 140). Tendo em vista que a sublimação confere à pulsão uma satisfação diferente de seu alvo originalmente determinado, a mudança de objeto não faz forçosamente desaparecer o objeto sexual, ele pode inclusive surgir durante o processo sublimatório. “O jogo sexual mais cru pode ser objeto de uma poesia sem que esta perca, no entanto, uma visada sublimatória” (LACAN, 1997, p.198). Dessa maneira a dessexualização não é necessária para que a sublimação ocorra.

A crítica lacaniana a dessexualização se estende para uma necessidade de estabelecer a distinção entre o objeto da pulsão e o objeto do prazer. Para ele, o objeto buscado pelas coordenadas do prazer guarda seu fundamento no imaginário: imagem em reflexo derivado de relações especulares. O objeto é capturado pelo tecido das conjunções narcísicas. Nesse sentido Lacan faz questão de enfatizar que o objeto não se confunde com a Coisa. A relação da pulsão é com *das Ding* (a Coisa) como algo distinto do objeto de prazer. A Coisa não pode ser apreendida pelas coordenadas do prazer, sua presença só pode se sentida através de aproximações e rodeios.

A relação do homem com o mundo se modifica radicalmente a partir da modernidade. Em conseqüência do declínio do discurso teológico, aparece uma relação que não mais garante e tranquiliza, nos remetendo à questão do mal: “(...) o problema do mal é radicalmente modificado pela ausência de Deus” (LACAN, 1997, p. 226). Essa observação que o discurso teológico não nos protege desta proximidade com o gozo diz respeito às articulações com o campo da pulsão de morte e das formas de se relacionar com este campo.

Freud já havia articulado em “O mal-estar na civilização” (Freud, 1930) que não há medida comum entre a satisfação direta de um gozo, e aquela satisfação fornecida por suas formas desviadas, e até mesmo sublimadas, nas quais a civilização se envereda. No entanto a satisfação plena é impossível, e a insatisfação é a condição de existência do desejo, pois sempre haverá um resto a pôr em movimento o psiquismo. Portanto, há uma impossibilidade

intrínseca de gozar plenamente. A plenitude só pode consumir-se no encontro com a morte, e a satisfação total se torna uma idéia que o neurótico alimenta para elevar barreiras artificiais ao seu desejo, pois um gozo dessa magnitude só pode ser aventado no plano mítico. O problema do gozo, enquanto satisfação de uma pulsão, torna-se a questão principal da psicanálise, já que este gozo se concentra num campo central cercado de aspectos ligados à inacessibilidade, obscuridade, e opacidade, um campo cingido por uma barreira que torna o seu acesso mais do que difícil para o sujeito.

6.1 A crítica da noção de sublimação como reconhecimento

Lacan combate a maneira freudiana de entender a sublimação como acontecendo com o reconhecimento social e a valorização do objeto, traduzindo-se em ganho para a sociedade. Para Lacan a sublimação tem que ser justificada pela possibilidade de uma função original, e não pelos benefícios secundários que possam advir desta. Ela deve dizer respeito à subjetividade do artista e não necessariamente com algo relacionado ao coletivo. O objeto só entra na lógica de circulação e valorização social à medida que se deixa capturar por um sistema de classificações e recompensas exterior a sua concepção, perdendo seu caráter transgressor. Segundo Lacan, a idéia de valorização social traz embutida uma cilada que quer conciliar facilmente o individual e o coletivo.

Não parece colocar problema o fato de que o coletivo possa encontrar satisfação lá onde ocorre de o indivíduo ter de traçar suas estratégias, suas miras e onde, por outro lado, tratar-se, nessa ocasião, de uma satisfação individual correndo por conta própria, sozinho (LACAN, 1997, p. 120).

6.2 O bem e o belo como barreiras interpostas ao campo da pulsão de morte

O século XIX se tornou um momento de interrogação e rupturas em relação a natureza do sensível e sobre a arte. A conjunção entre arte e beleza passa a ser questionada, pois ficou inevitável a confirmação de que o belo se tornou um ideal normativo. O belo, enquanto fenômeno fugaz e enganador, começa a ser questionado como valor estético, resultante da presença de fenômenos cada vez mais freqüentes: embaralhamento de imagens e subjetividades problematizadas. O despedaçamento do sentido e a idéia de sublime se torna a condição da arte moderna. Dessa forma, executar um ato estético é evitar os esquemas sociotranscendentais de produção de sentido e tomar a si mesmo como meio de sobrepujar as

barreiras da significação. Essas são questões que não passaram despercebidas por Lacan, que se apropria deste momento, trazendo para o campo psicanalítico o que a estética já vinha tornando problemático, momento presentificado em Freud através do novo dualismo pulsional. O desejo freudiano se torna o meio capaz de abordar e sustentar a relação problemática entre um princípio organizador e um princípio interno desestruturante, abrindo-se uma série de questões que surgem relacionadas ao *das Ding* freudiano.

A crítica lacaniana encontra nas representações de bem e de belo as duas instâncias que fazem barreira ao campo onde principia a destruição, relacionando-as ao plano onde se desenvolve as estruturas sociais.

O bem constitui a primeira rede que detém o sujeito em sua direção ao seu desejo, onde se encontra das Ding. A bela forma é a segunda barreira, e chega mais perto deste ponto. Essas barreiras nos detêm, mas também nos indica em que sentido se encontra o campo da destruição (LACAN, 1997, p. 265).

A verdadeira barreira que detém o sujeito diante do campo emocional do desejo radical, uma vez que é o campo da destruição absoluta, da destruição para além da putrefação, é o fenômeno estético propriamente dito, uma vez que é identificável com a experiência do belo (LACAN, 1997, p. 265).

Para Lacan, o limite que se situa no exterior da prática psicanalítica se chama o serviço dos bens. Os bens mostram a primeira barreira que se interpõe ao desejo, quando este vai em direção a *das Ding*. Já o belo, ao se situar próximo ao lugar da Coisa, se revela mais próximo da verdade e do horror, constituindo uma segunda barreira ao desejo: “O belo em sua função singular em relação ao desejo não nos engoda, contrariamente à função do bem. Ela nos abre os olhos e talvez nos acomode quanto ao desejo, dado que ele mesmo está ligado a uma estrutura de engodo” (LACAN, 1997, p. 291). “O belo só pode encontrar-se nesse nível senão em função de uma passagem para o limite” (LACAN, 1997, p. 357). São estabelecidos limites, barreiras para se interpor entre o campo central para onde o desejo se dirige, e que têm a função de suspender, de prolongar o caminho, tornando-o mais extenso, mais interessante e cheio de surpresas.

Se o campo da Coisa é regido pelo mal, sentido como lugar de angústia e terror, já que ali o sujeito parece encontrar-se frente a forças que não consegue dominar, então o belo está mais próximo deste campo que o bem. Para Lacan, o belo, contrariamente ao bem, não nos engana, pois já se põe de saída como a manifestação de um engodo, naquilo que só pode ser abordado por certa distância, ao preço de suas manifestações se apagarem nesta proximidade.

A experiência estética se mostra extremamente importante por demarcar uma aproximação ao campo da Coisa que o bem não possibilita, sua função é causar um efeito sublimatório que metaforiza o horror em diversas formas, tornando possível ser representado.

O belo seria uma forma de engodo que visa ao desejo, e ao mesmo tempo uma barreira à manifestação do horror. A finalidade do belo é fazer anteparo ao horror que representa a verdade e, uma vez ultrapassado esta última barreira, estamos no domínio do mais além do princípio do prazer.

Lacan critica a concepção freudiana de criação artística direcionada para o campo dos bens. Ao buscar obter aprovação e reconhecimento a obra se transforma em mercadoria, e daí todo o cortejo de gratificação que o artista pode obter torna-se secundário em relação à sublimação como uma experiência fundamental do sujeito com o seu desejo.

As produções culturais e o campo da pulsão são ligados a certa temporalidade, em que variáveis se interconectam para produzir um imaginário social. Disso resulta que o que é satisfatório para certa época não o é para outra. “A sublimação é criadora de um certo número de formas, da qual a arte não é a única. Pois é em função do problema ético que devemos julgar essa sublimação enquanto criadora de tais valores socialmente reconhecidos” (Lacan, 1997, p. 135), valores que guardam certa temporalidade em importância. Os objetos sublimados não são bens expostos ao consumo (o que não impede de ocasionalmente entrarem na lógica de trocas que comanda as relações de mercadoria). A função que eles exercem não está contida na condição de serem utilizáveis.

O desenvolvimento teórico de Lacan realça a presença do Real como um campo de experiências subjetivas que não podem ser simbolizadas ou apreendidas pelas sínteses fantasmáticas. A emergência do real se faz sentir como um evento traumático, que desarruma as estruturas imaginárias de sustentação do sujeito.

6.3 A sublimação é a condição de sustentação do movimento desejante

Lacan encontra no desejo freudiano o fundamento para uma nova reformulação das teses psicanalíticas. Para ele, o desejo não tem o valor de uma lei universal que seria compartilhada por todos, mas, pelo contrário, ele porta “o estatuto de uma lei particular e contingente, não se constituindo como mandamento para a coletividade” (LACAN, 1997 p. 35). Mesmo que seja universal que a particularidade do desejo se encontre em cada um dos seres humanos, o caminho para sua realização não corresponde aos ideais promovidos pela sociedade.

É então pelo recurso proporcionado pela fantasia que se nos abre a possibilidade de encontrar o objeto de desejo, mediante o qual será possível reduzir os níveis de tensão. Mas a

fantasia só pode nos oferecer este objeto na forma de algo semelhante, um engodo, visto que ela está a serviço de uma função que é a obtenção do prazer, e o prazer se encontra preso à rede de caminhos associados ao processo primário eminentemente alucinatório.

No final das contas, sem algo que o alucine enquanto sistema de referências, nenhum mundo da percepção chega a ordenar-se de maneira válida, a constituir-se de maneira humana. O mundo da percepção nos é dado por Freud como que dependendo dessa alucinação fundamental sem a qual não haveria nenhuma atenção possível (LACAN, 1997, p. 69).

A noção de sublimação se torna a única capaz de responder ao imperativo de satisfação de uma pulsão sem referência ao sintoma, através de vínculos que dão sustentação à realidade, diminuindo a possibilidade de decepção. A mudança de objeto já se encontra na própria capacidade da pulsão de mudar, de articular com novas configurações. Essa propriedade é apontada por Lacan quando percebe na possibilidade de mudança o movimento constitutivo da pulsão: “É a mudança como tal. Insisto – essa relação propriamente metonímica de um significante ao outro que chamamos desejo, não é o novo objeto, nem o objeto anterior, é a própria mudança de objeto” (LACAN, 1997, p. 352).

O movimento desejanse sustenta-se sobre uma inadequação radical entre a satisfação esperada e a encontrada, relançando indefinidamente o desejo em sua busca. A satisfação obtida é sempre uma satisfação de outra coisa, já que a demanda está para além e para aquém de nós mesmos. Para além da satisfação da necessidade é o desejo que se insere como aquele que suporta a demanda, se tornando um campo de possibilidades que permite escapar do aprisionamento na rede imaginária, já que não está restrito aos caminhos estabelecidos pelo prazer. O desejo se constitui como puro movimento de desejar, que não encontra sua determinação em relações especulares.

Para Lacan, é a invasão da morte na vida que confere ao desejo a dimensão de não repouso, de constante movimento de busca. Um conto de Jorge Luís Borges ilustra o que seria uma vida sem a presença da morte. “O imortal” inicia a série de contos no livro *O Aleph* (Borges, 1986), descrevendo uma cidade perdida, onde um viajante, à procura da fonte da eterna juventude, se depara com figuras grotescas que habitam esta cidade. Descobre que aquelas figuras grotescas são os lendários imortais, e que aquela era a cidade que ele estava procurando exaustivamente. No entanto, o efeito paradoxal dessa imortalidade naqueles seres foi que os tornou completamente abúlicos. Sem a morte para lhes instigar a vida todos ficaram apáticos, eram seres desprovidos de desejo e de qualquer interesse. A ausência da morte produziu a ausência do desejo, e como eles não tinham a pressão do tempo e da morte se encontravam despossuídos de vontade.

6.4 A estética e o inconsciente

É sabido que Freud tinha na arte um grande aliado para a ilustração das descobertas psicanalíticas. Nele encontramos tratamentos dado às obras de arte que servem de apoio para a exposição das diversas instâncias metapsicológicas. Freud não se referia à obra de arte como um campo apenas ilustrativo da apreensão dos conceitos e procedimentos, pois não se furtava a usar elementos da história do autor que viesse a sustentar suas observações, fazendo também da arte um meio de apreensão e exposição dos conceitos psicanalíticos.

Ao descrever as aquisições da psicanálise, Freud privilegiava dois campos conceituais onde são encontradas as condições de legitimidade do saber psicanalítico, e que são a clínica e a cultura. Eles garantem o saber e revelam a aplicabilidade dos conceitos, permanecendo a clínica como o lugar de referência maior para a transformação e reformulação conceitual.

O mesmo sistema de exposição clínica é usado para o material estético. Conforme Jacques Rancière demonstra em seu livro *L'inconscient esthétique* (Rancière, 2001): “uma atenção ao detalhe, à insignificância, ao que é considerado como sem valor, marcando um terreno em comum entre as produções artísticas e do inconsciente” (RANCIÈRE, 2001, p. 11).

Este material capturado tanto da clínica quanto da arte será submetido a uma procura de sentido que visa a desvelar a racionalidade causal do fenômeno ao reconstruir o texto latente por traz do manifesto: “trata-se de colocar ordem entre o pathos e o logos, o real e o fantasmático, saber e não saber” (SAFATLE, 2005, p. 269). Freud, de posse desses elementos, vai estabelecer uma conexão entre o material disperso buscando reconstituir os passos que tornaram possível o aparecimento da obra enquanto tal. No entanto, apesar de revelar os motivos latentes do artista camuflado por traz da obra, a psicanálise jamais foi capaz de apontar por que alguns indivíduos são capazes de sublimar seus conflitos pulsionais produzindo obras de arte enquanto outros adoecem.

Freud chegou a aproximar o criador literário do sonhador diurno a fim de pensar a escrita literária como formalização da fantasia, e descobrir a intenção do Eu do artista por traz do texto, apontando que o segredo mais íntimo que guarda o artista se refere a sua astúcia em passar da particularidade do fantasma à universalidade da obra (FREUD, 1908b, p. 158). Para Freud, tratava-se da relação entre os elementos que compõem a fantasia e as moções pulsionais que ganham direito de vir à luz através da roupagem que o artista lhes emprestava,

dos desejos sexuais infantis que agora podem ser admirados e podem contribuir para a diminuição do sofrimento.

O entrelaçamento entre estética e pulsional servia para Freud desdobrar um horizonte de visibilidade que excluísse toda análise das condições sócio-históricas do surgimento da obra, além de não levar em consideração os aspectos formais que devem ser relevados em qualquer avaliação estética, mantendo em destaque os níveis semânticos determinantes para a compreensão dos elementos psíquicos em jogo.

Trata-se de revelar o pensamento presente na obra, ou seja, de descobrir os desejos inconscientes e moções pulsionais cuja fonte é o fantasma do artista. Um procedimento que não esconde suas origens hermenêuticas, pois pretende descobrir o conteúdo que se acha velado através da decifração dos signos, esquecendo as categorias formais (RANCIÈRE, 2001, p. 18).

6.5 Um duplo funcionamento da arte e da sublimação no pensamento lacaniano

Lacan também supôs para a arte um campo revelador das questões que a psicanálise vem abordar, mas privilegia nas suas intervenções um sentido diferente daquele de Freud.

Safatle sugere que há em Lacan dois recursos interpretativos das obras de arte. O primeiro modo nos envia a uma interpretação do material estético como desvelamento da gramática do desejo (O seminário sobre “A carta roubada”, *Hamlet* etc.). “Nesses casos, o material estético é tratado como espaço de organização de uma gramática do desejo pensada principalmente mediante os dois operadores maiores da clínica lacaniana: o falo e o nome do pai” (SAFATLE, 2005, p. 272). Este ponto é de importância central para entender as questões conceituais introduzidas através da primazia do simbólico, e pela estrutura do significante, que tem no falo o representante do desejo na cadeia simbólica.

Lacan abre seu livro os *Escritos* (Lacan, 1998a) com texto sobre “A carta roubada”, analisando o conto de Edgard Allan Poe. Ali o encontramos seguindo o trajeto da carta, que é o ponto central do conto, para mostrar como o automatismo de repetição significante determina o sujeito, até deixá-lo em uma posição passiva em relação aos outros personagens. No entanto, da mesma maneira que Freud, Lacan nunca analisará a estrutura da escrita de Poe, nem o momento sócio-histórico do surgimento da obra. Isso pode nos levar a crer que estamos novamente diante de um processo hermenêutico interpretativo, que constrói efeitos de sentido e impede uma reflexão sobre a pertinência da obra, o poder que a arte detém em não se deixar limitar pelos procedimentos tradicionais de inteligibilidade, sendo uma potência aberta às interpretações renováveis. Subjugando a obra e fazendo dela um mero veículo de exposição

dos conceitos psicanalíticos, a psicanálise parece não poder entender o poder que a arte tem de questionar o engodo contido no pensamento da representação.

No entanto, Lacan desenvolve uma outra forma de relação com a arte, estruturando sua exposição do problema em relação ao estatuto próprio do objeto estético na sua irreduzibilidade a qualquer pretensão hermenêutica, ou seja: na sua capacidade de exceder a qualquer sistema interpretativo. Isso lhe permite compreender a especificidade da formalização estética e seus modos de subjetivação para além do tratamento que a arte dispensa aos objetos inapreensíveis aos métodos tradicionais de exposição. Essa maneira de pensar, e a articulação da arte com a psicanálise encontra seu ponto de maior expressão nos seminários VII e XI.

A formalização pode aparecer para Lacan como uma maneira de apreender os objetos que resistem aos procedimentos de simbolização reflexiva, um tratamento possível a ser dados ao que permanece após a retirada das coordenadas representacionais. É dessa forma que para Lacan a arte nomeia aquilo que não pode ser visto e que permanece opaco, mesmo após os procedimentos hermenêuticos de significação e sentido próprios à lógica do pensamento racional, um modo de apresentação do não conceitual e de sua resistência a uma apreensão pelo signo. A análise do olhar no *Seminário XI* ilustra esse ponto que, situando-se fora do simbólico, só pode ser apreendido como sentimento de estranheza:

Com efeito, há algo de que sempre, num quadro, podemos notar a ausência – ao contrário do que acontece na percepção. É o campo central onde o poder separativo do olho se exerce ao máximo na visão. Em todo quadro ele só pode estar ausente, e substituído por um buraco – reflexo, em suma, da pupila detrás da qual está o olhar... É por isso que o quadro não joga no campo da representação. Seu fim, e seu efeito estão alhures (LACAN, 1998, p. 106).²⁸

A insistência da psicanálise em localizar a gênese da obra de arte a partir da sublimação das moções pulsionais a obriga a centrar-se na categoria de expressão na compreensão da racionalidade dos fenômenos estéticos, pois o que não pode ser representado surge através das experiências de estranheza e angústia, revelando um elemento não integrado à trama simbólica, ameaçando-a de constante desmoronamento.

A estranheza descrita por Freud é derivada das análises empreendidas para compreender o que acontece ao sujeito quando seu sistema de referências subjetivas se encontra ameaçado, um problema tantas vezes comentado neste trabalho, que se efetua através da cisão do complexo perceptivo. Esse momento é marcado, já na origem do psiquismo, quando um núcleo irrepresentável deve ser negado pelo Eu para manter suas

²⁸ Para um maior interesse, remeto à coleção de artigos *Para ler o Seminário XI*, organizador por Richard Feldestein (1997).

pretensões a coerência e coesão. Constitui dessa forma uma espécie de opacidade no interior do sujeito, um interior excluído, conforme descrito por Lacan. Esse ponto apresenta-se como um elemento excluído, que atrai para si as moções pulsionais mais intensas, aquelas ligadas ao movimento do desejo. “É assim que o que é da ordem do *Unlust*, se inscreve no eu como não-eu, negação, mutilação do eu... Não-eu se distingue como corpo estranho” (LACAN, 1998b, p. 232).

Quando Lacan rejeita ao desejo qualquer determinação empírica, ele tem por finalidade a superação das estruturas narcísicas, já que os objetos expostos no campo da realidade são apreendidos através de uma demanda de adequação entre o percebido e o esperado. Esse ponto é consequência das premissas freudianas, que compreendiam a apreensão da realidade sendo submetida à lógica do reconhecimento narcísico, e sendo dirigida pelo Eu. Uma operação de escotomização que coloca parte da realidade sob as coordenadas especulares do prazer, enquanto a outra parte discordante é ignorada. Porém ao longo de seus seminários Lacan fará algumas modificações, marcando certo retorno ao campo da sensibilidade, compreendendo que o objeto deve encontrar-se em desacordo com as pretensões narcísicas de autonomia e completude para poder colocar-se como o correlato de um sujeito que não deve mais se reconhecer na imagem do Eu. “Esse *a* (objeto *pequeno a*) se apresenta justamente, no campo da mensagem da função narcísica do desejo, como objeto indeglutível, se assim podemos dizer, que resta atravessado na garganta do significante” (LACAN, 1998, p. 255).

Lacan encontra no objeto *pequeno a* a possibilidade de superar os impasses estabelecidos pela lógica da intersubjetividade, distinguindo objeto da pulsão do objeto do prazer. “Os objetos que estão no campo do *Lust* tem uma relação profundamente narcísica com o sujeito.” Já o *Unlust* “é o que resta inassimilável, irreduzível ao princípio do prazer”. Desta maneira, o objeto da pulsão se torna algo distinto do objeto do Eu, um objeto livre das amarras do imaginário.

O levantamento dessa questão requer uma nova definição para os problemas levantados pela relação entre as pulsões, um campo de problematizações que encontrou em Lacan um grande revisor, através da reconstrução da noção de objeto pulsional, um objeto específico que não vem preencher as demandas de unificação egoica. Objeto paradoxal que não pode ser integrado às pretensões narcísicas, e motivo perturbador da cadeia de representações que orientam o sujeito através do circuito do prazer (o surgimento do objeto *pequeno a* vem dar conta dos problemas enfrentados por Lacan em relação aos impasses entre especularização – o objeto é não especular – e subjetivação).

A arte contemporânea sustenta essa tensão entre uma racionalidade, que seria impensável sem a expressão subjetiva, e o abandono de qualquer elemento ideológico ligado à expressão dessa subjetividade, um esvaziamento do caráter egoico dessa subjetividade. Uma expressão pensada como negação das identidades submetidas a uma organização funcional, que em alguns casos aparece como tendência ao informe, ao grotesco e à simulação. De acordo com Safatle, “a formalização estética pode nos fornecer protocolos para um pensamento do que se apresenta como resistência à apreensão conceitual e à repetição fantasmática” (SAFATLE, 2005, p. 260). O espaço da arte é fundamental para expor essa figura do não idêntico que escapa à submissão fantasmática produtora das conformidades, figura que se interpõe entre as aspirações da singularidade e o campo intersubjetivo da linguagem. Neste sentido, é necessário compreender que o campo intersubjetivo está necessariamente submetido a processos de reificação e de objetivação próprios às coordenadas narcísicas. A auto-objetivação só pode acontecer como negação do que há de singular em cada sujeito.

6.6 Uma releitura das pulsões

A tarefa lacaniana requer a redefinição do papel que cada pulsão desempenha no psiquismo, e a pulsão de vida passa a ser entendida como a responsável pelas ilusões narcísicas, por sua tendência à totalidade e à unificação, tentativa de submissão do desejo ao poder do imaginário. Há uma potência unificadora do imaginário que consistiria em vincular o sujeito a um outro que é essencialmente imagem idealizada, ligação do diverso da sensibilidade e dos afetos à imagem integradora do mesmo, com a posterior negação desta dependência, mostrando que o Eu é fundamentalmente alienação e desconhecimento.

Há um momento do pensamento lacaniano em que o problema clínico se centra em produzir uma ruptura na imagem narcísica unificada, revelando a precariedade das representações autorreferentes, o caráter não integrado das pulsões e a ilusão que uma reflexão de si pode representar. Para Lacan, a sexualidade está estreitamente vinculada ao funcionamento das pulsões parciais, demonstrando que ela jamais perde seu polimorfismo, seu caráter pré-genital e parcial, não se deixando dominar por um princípio unificador.

O desejo do analista se torna o operador desta transformação, não por ser um desejo de pureza (o desejo puro era inicialmente um operador da clínica psicanalítica, mas pela série de

problemas que ele levantou foi posteriormente retificado por Lacan), mas por ser um desejo de diferença, de separação, um desejo cuja operação deixa um resto:

É na medida em que o desejo do analista, que resta um x, tende para um sentido exatamente contrário a identificação, que a travessia do plano da identificação é possível, pelo intermédio da separação do sujeito na experiência. A experiência do sujeito é assim reconduzida ao plano onde se pode presentificar, da realidade do inconsciente, a pulsão (LACAN, 1998b, p. 259).

Lacan compreende a pulsão de morte para além da destruição, o que representa um funcionamento da pulsão um pouco distinto do pensamento freudiano, que entendia a pulsão de morte como retorno ao inanimado. Dessa forma o pensamento lacaniano pode incorporar à clínica psicanalítica os modos de ação da pulsão de morte, pela propriedade desta em fragmentar as unidades que Eros se esforça em unir.

A descrição do que deve ser um objeto para a pulsão de morte passa pelo estatuto de irrepresentabilidade, e de inadequação, como também sobre qual seria a natureza desse objeto para que fosse meio de satisfação de uma pulsão que é pura negatividade. Entendemos então o deslocamento feito por Lacan, sua intenção ao fazer incidir a pulsão de morte sobre as representações narcísicas e não sobre os componentes biológicos, fazendo desta um operador maior para a clínica, ao romper as ligações que dão ao Eu a ilusão de completude e independência. Nesse aspecto ele constrói uma nova maneira de conceituar a pulsão, relegando a pulsão de vida a modo de ação de Eros, que busca a unificação, a produção de conjuntos cada vez maiores, e um mero funcionamento do imaginário narcísico. A pulsão de morte como contraposição ao movimento de Eros seria essencialmente negação da totalidade, e desta forma contribuiria para novas configurações subjetivas.

Freud, em algumas passagens de sua obra, enfrentou este problema, refletindo sobre a hipótese de Eros poder fazer frente ao fator quantitativo representado por Tanatos. Em “Análise terminável e análise interminável”, de 1937, ele se preocupou com a capacidade de o aparelho ligar as excitações provenientes do impacto pulsional, se há um limite para esta capacidade, numa alusão ao modo de ação da pulsão de morte como compulsão de repetição, e da possibilidade de dominar este mecanismo de funcionamento da pulsão. Ele observa que agindo à posteriori poderíamos corrigir o processo de recalçamento na tentativa de dominar o fator quantitativo da pulsão. Isso poderia ser um importante instrumento para a clínica, redirecionado as ligações libidinais e os caminhos da pulsão. Mas Freud logo em seguida põe em dúvida o poder da simbolização para pôr fim à força repetitiva da pulsão de morte, deixando de utilizá-la no processo terapêutico.

Ao levar adiante sua revisão dos conceitos psicanalíticos Lacan manteve a idéia de pulsão como retorno a um originário, conforme descrito por Freud, que via em todo movimento pulsional a intenção de restaurar um estado anterior, um aspecto conservador a toda pulsão. Mas Lacan modifica o próprio conceito de morte, não a definindo mais como retorno a um inorgânico, mas como entre duas mortes, ou morte simbólica, destruição do universo simbolicamente estruturado. Essa morte marca limite ao poder organizador do simbólico, e é correlata à ruptura do Eu como formação imaginária de organização. Assim, o negativo da morte pode aparecer como figura do não idêntico, um destruidor de identidades. A superação do narcisismo pode então acontecer através da ligação da pulsão a um movimento de subjetivação. “O objeto da pulsão deve ser situado no nível do que chamei metaforicamente uma subjetivação acéfala, uma subjetivação sem sujeito” (LACAN, 1998b, p. 174).

6.7 Por uma clínica da singularidade

As dificuldades em analisar diversos sintomas, sob a ótica das tradicionais categorias psicanalíticas levaram Lacan a buscar outros instrumentos que fizessem a compreensão teórico-clínica avançar. Suas relações com o movimento surrealista possibilitou a articulação dessas novas questões, que passaram a interessar tanto artistas quanto psiquiatras e psicanalistas de sua época, ao pensamento psicanalítico. Esse esforço foi empregado para introduzir na trama conceitual novos elementos. Paralelo às descrições metapsicológicas aparecem figuras da topologia, relações matemáticas não quantificáveis, e jogos de linguagem, que servem para demonstração daquilo que escapa à apreensão conceitual, voltando-se para os fenômenos presentes no interior da clínica que não podem ser rememorados, nem se deixam capturar na rede de significações.

Para Lacan, a significação tanto da realidade como de sua estrutura simbólica é suportada pelo fantasma e pela produção narcísica de identidade. A crítica da presença de uma racionalidade instrumental no seio das relações intersubjetivas o leva a mostrar como um discurso alienado produz comunicação, submetendo a linguagem a uma enorme objetivação,²⁹ Esse processo encontra no discurso científico os elementos que permitirão ao homem moderno esquecer sua subjetividade (nesse sentido a ciência só pode funcionar esquecendo a

²⁹ A constatação de que o inconsciente também era afetado pelo gozo o fez mais tarde abandonar a distinção entre palavra vazia a palavra plena.

subjetividade daquele que está inserido em sua produção). “É na medida em que a ciência elide, elude, secciona um campo determinado na dialética da alienação do sujeito... se distingue por uma dimensão que lhe é própria e que é marcada pelo esquecimento” (LACAN, 1998b, p. 251).

Ele segue a via aberta por Freud, que descreve que toda percepção é condicionada pela procura de um objeto fantasmático, pois o que é percebido pelo Eu guarda íntimas relações com o princípio do prazer, que tenta reencontrar no exterior o objeto perdido, causa das primeiras experiências de satisfação. Toda percepção é também uma projeção sobre o diverso da sensibilidade, e sujeição deste diverso às estruturas de um discurso totalizante.

No entanto, para Lacan o objeto de interesse, aquele ao qual se dirige a pulsão, tem como característica o fato de não ser totalizável, não poder ser apreensível pelas coordenadas narcísicas: “Traço em comum a esses objetos em nossa elaboração: eles não têm imagem especular, ou dito de outra maneira, alteridade... É a esse objeto inapreensível no espelho que a imagem especular dá a sua vestimenta” (LACAN, 1998a, p. 832).

Ao buscar uma experiência que permita pensar o descentramento do sujeito em relação ao imaginário narcísico, Lacan coloca a negação própria à pulsão de morte no centro da reflexão analítica. Essa operação de subjetivação encontra no uso estético do informe, da despersonalização, e do não-senso, um procedimento privilegiado, que encontra no funcionamento da pulsão uma subjetivação das experiências próprias do descentramento e da não-identidade, afirmando que se trata de uma subjetivação acéfala, sem sujeito. A idéia de que haja um sujeito como destino das pulsões sempre foi negado por Lacan, que não fala em sujeito das pulsões como fala em sujeito do inconsciente ou do desejo. No entanto, há uma subjetivação que permite a constituição à posteriori de um sujeito capaz de se reportar à pulsão e é tal subjetivação que é visada pela sublimação, uma subjetivação que expõe a presença de um elemento que resiste aos procedimentos de apreensão conceitual, e de reconhecimento.

Este jogo pulsional recusa a presença de um campo pré-reflexivo imanente, um originário que seria próximo a uma natureza que deve ser restabelecida, pois aqui se trata da relação do sujeito com o que há de irredutivelmente negativo e opaco dentro de si, um campo nomeado de *das Ding* que resiste aos procedimentos de produção de sentido próprio aos dispositivos de identificação narcísicos. Trata-se de um lugar que a psicanálise relaciona com o traumático, o que não pode ser regulado pelo prazer, e que constantemente é tido como ameaçador para o sujeito, um traumático marcado pela incidência do intensivo que o aparelho não está em condições de dominar.

Há na clínica lacaniana uma negação, que é movimento de constituição e revelação da estrutura negativa do objeto da pulsão. Essa negação se vincula ao poder de destruição próprio à pulsão de morte que não quer dizer simplesmente a agressividade ou o ódio, mas destituição subjetiva, esfacelamento das unidades narcísicas presentes no Eu, e emergência de um princípio irruptivo a se confrontar com o prazer. A presença de um real traumático no funcionamento do psiquismo se vincula com a produção de objetos próprios à pulsão de morte, negação de um princípio ordenador de identidades e potência de transformação. Há no uso destas estruturas a compreensão de que nem todos os processos de negação são movimentos de destruição, pois há uma destruição que é a possibilidade do novo.

6.8 O reposicionamento do simbólico

Lacan se empenhou em formular uma crítica da alienação do sujeito numa linguagem reificada, uma linguagem que objetiva a subjetividade através de um aparato instrumental que tem por finalidade uma estrutura de reconhecimento interpessoal. Há para a psicanálise lacaniana uma inadequação fundamental entre subjetividade e intersubjetividade, que encontra no conceito de objeto a sua expressão mais fundamental. A relação fundamental não se faria de um sujeito ao outro, mas entre significantes, e dos efeitos de significação que possam daí advir, já que o gozo passa a ter assento também no simbólico.

A desqualificação do sensível que aparece como resultado maior de uma linguagem submetida à racionalidade instrumental, é um fenômeno que se confunde com a razão ocidental, uma razão que pretende submeter a pluralidade das sensações ao universo do conhecimento objetivo e a uma lógica utilitária que se esforça em organizar o espaço e o tempo, relacionando-os ao mundo do trabalho repetitivo e alienado.

A problematização do sujeito da presença, através do saber psicanalítico, reconhece neste um núcleo de opacidade interior, um elemento que destitui os processos de autorreflexão, evidenciando que grande parte da subjetividade encontra-se fora do campo do conhecimento. A referência a si só pode ser estabelecida através do que é posto como alteridade. A constatação de que a intersubjetividade só se sustenta através do narcisismo levou Lacan a abandonar a idéia de um desejo de reconhecimento, e de um processo de análise que se desenvolve através de relações intersubjetivas, decorrente do fato equivocado de que “o sintoma é causado por um significado à espera de ser libertado” (ALAN MILLER, 2005, p. 7).

Segundo Alain Miller, “a primeira concepção lacaniana do tratamento analítico se baseava na lógica implacável de redução da pulsão freudiana com o simbólico” (Alan Miller, 2005, p. 7), e também da constatação de que a ‘fala vazia’ é suportada pelo narcisismo, devendo dar lugar à palavra plena situada no plano da intersubjetividade. Uma clínica centrada na idéia de desejo de reconhecimento, “supõe que o primeiro objeto do sujeito seja o de ser reconhecido como sujeito por um outro sujeito” (ALAN MILLER, 2005, p. 24). Lacan refunda assim uma teoria do sujeito como efeito da linguagem, que tem no outro o suporte das identificações narcísicas e a condição do desejo, reinterpretando o espaço freudiano da repetição e do mais além do princípio do prazer. O espaço da morte se aproxima assim do desamparo originário do ser humano, uma experiência de castração.

No *Seminário VII* (Lacan, 1997), o desejo puro será tomado como um operador maior para retirar o analisando das amarras imaginárias, uma concepção que será radicalmente modificada com a constatação de que o significante reduzido à pura forma, ao desejo puro, se aproxima de um puro desejo de morte, sem mediação (GUYOMARD, 1986, p. 104). A consideração pelo real vai revelar que no desejo permanece algo de inassimilável, algo que não pode ser reduzido ao puro jogo significante. Um real que põe o simbólico a trabalhar, implicando a exigência de ligação sempre em defasagem com os acontecimentos. A repetição se torna um apelo à simbolização, uma tentativa que Lacan inicialmente associou a sua teoria do simbólico, relacionando a repetição à cadeia significante. Somente posteriormente é que se perceberá que há uma outra modalidade de repetição que não está ligada à cadeia significante, que Lacan chamará de tiquê, encontrando nessa repetição que não está submetida ao retorno da cadeia significante o modo próprio da pulsão de morte .

A virada lacaniana acontece quando em um primeiro momento o real passa a interrogar o simbólico, constatando que o simbólico está sempre em atraso, sempre correndo contra o tempo de simbolização: uma operação que recai sobre os elementos que resistem à lógica da adequação. O segundo momento de Lacan é a recusa de exclusão do patológico na determinação do desejo. Jacques Alain Miller aponta que no *Seminário XI* a relação da repetição simbólica com o objeto não é de simples anulação, mas aparece relacionada ao trauma como real (ALAN MILLER, 2005, p. 167).

6.9 Um mais além do imaginário.

Para o Kant da “Crítica do juízo” o belo pressupõe o acordo entre as partes numa intersubjetividade implícita. Seria então através de uma contemplação desinteressada efetuada pela pluralidade das consciências em jogo, numa situação de consenso, que o belo acederia à condição de universalidade. Lacan problematiza esse acordo ao fazer do sistema de relações intersubjetivas, que regula a vida em sociedade, um jogo de espelhos, e do belo kantiano um estado derivado da idéia de completude e harmonia a partir das demandas narcísicas, que vêm encobrir a verdade.

O especular parece estar vinculado necessariamente à dimensão das relações duais e transitivas que são, na verdade, sintomas de estruturas narcísicas de apreensão dos objetos. O exemplo maior parece encontrar-se no estádio do espelho: antes de aceder ao pensamento conceitual o bebê se guia por operações miméticas. Tais operações não são apenas vinculadas à operação do desejo, e têm valor fundamental na constituição do eu: o bebê introjeta uma imagem a fim de constituir seu próprio eu. A introjeção de tal imagem é um estágio de ruptura com a indiferenciação simbiótica com a mãe e com os objetos parciais. Mas essa operação tem o preço do aprisionamento nas imagens. Para Jacques Alain Miller, o especular é o privilégio dado à imagem e à forma (Alan Miller, 2005, p. 270), um momento necessário e constitutivo da subjetividade que deveria ser superado.

Lacan dirá que o narcisismo opera um papel central na relação com o outro, e que os mecanismos de socialização são processos de alienação: o sujeito se reconhece alienando-se na imagem de um outro, e superando a sua pré-maturidade através de uma imagem unificada induzida pela visão do outro, uma imagem da qual ele se encontra alienado e que o representará para si mesmo e para os outros. “O ser se decompõe, de maneira sensacional, entre seu ser e seu semblante, entre si mesmo e esse tigre de papel que ele dá a ver... o ser dá de si mesmo, ou recebe do outro, algo que é máscara, duplo invólucro, pele separada, separada para encobrir a armação de um escudo” (LACAN, 1998b, p. 251).

A constatação de que as relações sociais são dominadas pelo imaginário fez com que Lacan operasse no sentido de levar o sujeito para além da identificação narcísica: primeiramente tomando o desejo em sua função transcendental de falta a ser, como pura negatividade em relação aos objetos empíricos, como forma de libertar o sujeito das ilusões. Posteriormente, por reconhecer que o desejo será causado por estes objetos perdidos na socialização e constituição do corpo próprio, o analista fará o sujeito dar-se conta desse

desconhecido que ele porta: o objeto *a* surge como estranho, como resto, após a queda das idealizações. O desejo deixa um resto metonímico, indeterminado, que é condição impossível de apreender, e que impulsiona.

A subjetividade passa a ser compreendida como espaço de tensão entre exigências de socialização e formação do corpo próprio, e do reconhecimento da não conformidade dos objetos pulsionais à imagem de si. Isso implica o abandono da concepção do ser do sujeito pensado em termos de transcendência, em prol de um conceito fundado a partir de um objeto que escapa a lógica do reconhecimento, guardando ao mesmo tempo certa relação com a sensibilidade. Dizer, por exemplo, sobre o olhar, que ele vem das coisas significa insistir que o sujeito pode se reconhecer na dimensão do objeto. “(...) é inteiramente claro que vejo *fora*, que a percepção não está em mim, que ela está sobre os objetos que apreende. E no entanto percebo o mundo numa percepção que parece depender da imanência do *vejo-me ver-me* (LACAN, 1998b, p. 81, itálicos no original).

6.10 A concepção lacaniana de sublimação

A sublimação foi pensada por Freud como um destino pulsional superior aos demais. Um destino que não decorre das vias utilizadas pelo sintoma, e que põe em jogo a presença de objetos socialmente utilizáveis, por meio de derivação do alvo e do objeto de satisfação. Mas ao introduzir a idéia de satisfação da pulsão mediante alvos socialmente valorizados, Freud insere o problema da sublimação em uma lógica do reconhecimento intersubjetivo, pela qual o sujeito seria capaz de levantar as barreiras entre o eu individual e o coletivo. Essa idéia já se encontrava presente muito cedo na obra de Freud. Por exemplo, na afirmação de que o criador literário nos permite gozar de nossas próprias fantasias: “o escritor nos oferece de nos deleitarmos com nossos próprios devaneios, sem auto-acusações ou vergonha” (FREUD, 1908b, p. 158). A sublimação aparece como a possibilidade de compartilhamento do fantasma, que de outra maneira seria socialmente condenado, transformando-se em promessa de reconciliação entre as demandas pulsionais e os imperativos intersubjetivos da vida social. Esse processo de derivação para outros fins diversos da meta originalmente estabelecida se torna o responsável pela geração de obras, e pelo desenvolvimento das pesquisas científicas. Essa concepção é resultante da idéia que Freud faz da arte, pensada como uma promessa estética conciliatória, e que se explica a partir de considerações historicamente datadas, de que a arte se conjugaria com as demandas de harmonia e felicidade.

Mas nós nos encontramos em uma época em que a arte não pode cumprir com as aspirações de um ideal proposto por uma certa época, que levava em consideração a universalização e o consenso, adquirido através da intersubjetividade. A descrição da sublimação acontecendo juntamente com a superação individual, ligando a satisfação a um campo de apreensão coletiva, não pode mais ser sustentada. Da mesma forma a dessexualização não é a base fundamental para entender a sublimação, pois se assim o fosse o elemento erótico estaria ausente da vida do artista: “o objeto sexual, acentuado como tal, pode aparecer na sublimação” (LACAN, 1997, p. 191).

A possibilidade de derivação da energia sexual sem recalçamento indica que a pulsão não se confunde com “a substância da relação sexual” pensada como função biológica de reprodução submetida ao primado da organização genital. Segundo Lacan:

Freud nos diz que a sublimação é também satisfação da pulsão, sendo que ela é *zielghemmt*, inibida quanto ao seu alvo – sendo que ela não o atinge. A sublimação não é menos a satisfação da pulsão, e isto sem recalçamento. Em outros termos – por enquanto eu não estou trepando, eu lhes falo, muito bem!, eu posso ter a mesma satisfação que teria se eu estivesse trepando. É isso que quer dizer (LACAN, 1998b, p 157-158).

A pulsão sendo um conceito engendrado por Freud para escapar às determinações de um modelo biológico, com seu funcionamento por circuitos variáveis e extravagantes, demonstra uma inadequação a uma função ou a uma finalidade, o que a diferencia de um instinto. A estratégia de Lacan consiste em ver nessa inadequação (que não é indiferença em relação ao objeto), a afirmação de que o alvo da pulsão é, de certa maneira, o próprio movimento de inadequação em relação aos objetos empíricos: “seu alvo não é outro que esse retorno em circuito” (LACAN, 1998b, p.163). E, se o objeto é o que há de mais variável, se ele pode ser mudado à vontade ao longo dos destinos da pulsão, é porque não há, propriamente falando, objeto específico da pulsão. Segundo Lacan, “a pulsão apreendendo o objeto não é por aí que ela se satisfaz”, nenhum objeto pode satisfazer a pulsão.³⁰

Se o movimento de uma pulsão é o de ir e vir, um vai e vem que consiste em dar a volta no objeto, podemos concluir que é neste movimento que a satisfação pode acontecer. Neste movimento a pulsão encontra um objeto que já é a sua torção em retorno.

Visto que a satisfação própria à pulsão de morte é a negação do objeto, a sublimação lacaniana só pode servir de referência ao sujeito como não-identidade, já que é o objeto que serve de suporte às identificações. Se o objeto da pulsão de morte adquire este estatuto

³⁰ Como o próprio Freud já havia observado, há no funcionamento da pulsão algo que se põe contrário a sua satisfação. Este é o verdadeiro segredo que a psicanálise traz em relação às explicações sociais, políticas, ou econômicas para a origem da insatisfação humana.

paradoxal de não se prestar a suporte de identificações narcísicas, a sublimação só pode se realizar numa visada que mostre objetos que expressem destruição de identidade e escapam de uma lógica da adequação. Desta forma podemos compreender Lacan quando afirma que a pulsão de morte é uma sublimação criacionista, uma criação do nada, pois o vínculo libidinal que permanece torna possível o surgimento de um novo objeto. A sublimação está ligada à negação do objeto, próprio ao funcionamento da pulsão de morte, que não é mero princípio de destruição, mas também pólo de criação, entrelaçamento de Eros com Tanatos.

6.11 O conceito de Coisa

Lacan, no *Seminário VII*, descreve a simbolização feita pelo significante puro através de uma lógica de anulação do objeto empírico capaz de elevá-lo à condição de Coisa, pura marca que sustenta o desejo, um desejo ausente de qualquer particularidade. Tal movimento era entendido pela subjetivação da castração como imperativo de sacrifício de todo objeto capaz de realizar o desejo. Sabemos que neste momento Lacan queria chamar a atenção para a fundamental inadequação do desejo humano, e sua incapacidade em se conformar a um bem comum, além de denunciar a redução da lei simbólica a prescrições moralizantes, por isso a acentuação de uma lei que foge a toda determinação empírica.³¹

A partir de então a superação destas idéias necessitaria que uma série de mudanças fosse efetuada no interior de sua teoria a fim de incluir neste processo as marcas que o objeto imprime no psiquismo. A sublimação marca exatamente o retorno ao primado do objeto na clínica. Ela é o retorno do objeto, mas um objeto não especularizável, não apreensível na ordem da representação.

Vale a pena, portanto, fazermos este percurso e acentuar as retificações que ele efetuou.

O conceito de Coisa foi fundamental para possibilitar as modificações que Lacan quis estabelecer na clínica psicanalítica. Além de ter se tornado peça fundamental para o entendimento do processo de sublimação, demarca um momento de crise e superação dos impasses. A retificação das premissas presentes neste seminário levou à concepção do objeto *pequeno a* e marcou a volta das determinações sensíveis na composição da subjetividade.

³¹ Estas descrições não passaram despercebidas por Lacan, que reavaliou as consequências destas premissas. “A lei moral não é senão o desejo em estado puro, aquele mesmo que termina no sacrifício de tudo que é objeto” (LACAN, 1998b, p. 260).

A necessidade de situar a importância do processo de sublimação em Lacan torna necessário o esclarecimento dos principais conceitos encontrados no *Seminário VII* em relação a este tema, e a modificação implantada a partir de então.

A Coisa se encontra desenvolvida no *Seminário VII*, e se inspira em um trecho do “Projeto para uma psicologia científica” (Freud, 1950b), que será o suporte para a concepção lacaniana da sublimação. Nesse texto de Freud se encontra o cerne de uma experiência constituída a partir do encontro de um bebê com um indivíduo adulto, do qual ele é inteiramente dependente para sobreviver. O “complexo do semelhante” é descrito como uma série de sensações complexas e paradoxais: suporte de uma busca pelo objeto de satisfação perdido e ao mesmo tempo marca que se insere no psiquismo de maneira definitiva.

Essa experiência originária divide o “complexo do semelhante” em dois, e cada parte terá destinos distintos, sendo uma parte se caracterizando pela condição de representabilidade, e outra permanecendo como núcleo impossível de se representar, que Lacan chama a atenção, pondo as representações (*vorstellug*) ligadas aos elementos que podem ser decomponíveis desse “complexo familiar” como as responsáveis pelas representações inconscientes, e *das Ding* identificado por sua impossibilidade de decomposição, como o elemento que não pode ser representado, relação de algum modo refletida pela impossibilidade do homem em significar o seu desejo. Lacan assim descreve esse momento da obra de Freud:

*O complexo de nebenmensch (semelhante) se divide em duas partes, das quais uma se impõe por um aparelho constante, que permanece coesa como coisa – als Ding... No projeto, das Ding é isolado do complexo como estranho por natureza. O complexo do objeto é dividido em duas partes. Há divisão, diferença, na abordagem do julgamento.³² Tudo aquilo que é qualidade do objeto, que pode ser formulado como atributo, entra no investimento do sistema psi³³ e constitui as *Vorstellungen* primitivas em torno das quais estará em jogo o destino do que é regulado segundo as leis do *Lust* e do *Unlust*, do prazer e do desprazer, naquilo que pode ser chamado as entradas primitivas do sujeito. *Das Ding* é absolutamente outra coisa (LACAN, 1997, p. 68).*

Uma experiência é então causada por este encontro, que se torna o responsável pelas coordenadas do prazer no interior do psiquismo, e pelo desenvolvimento do aparelho em direção à realidade. Um ponto importantíssimo na compreensão de toda lógica envolvida neste percurso é o entendimento do lugar da Coisa (*das Ding*), sua referência ao ‘mais além do princípio do prazer’, e da atração que ela exerce sobre as representações que são reguladas por este princípio. Ao afirmar que aquilo ao qual o prazer tende se encontra mais além, Lacan demarca a impossibilidade deste prazer em regular os fenômenos decorrentes do surgimento

³² O julgamento terá importante papel no interior da metapsicologia freudiana, que lhe dedica um artigo sobre este tema. “A negativa” de 1925.

³³ *Psi* corresponde aos sistemas responsáveis pelo armazenamento e pela memória.

da Coisa no aparelho psíquico, sendo este momento anterior à constituição dos juízos (juízo de existência e de atribuição).

A Coisa, derivada do complexo do semelhante só pode ser parcialmente simbolizada. O recalque incide sobre os significantes que estão ligados a essa parte decorrente do encontro com a Coisa que se deixa representar (representações derivadas do “complexo do semelhante”). O significante organiza aquela parcela do aparelho psíquico que cai sob o domínio do princípio do prazer, descrevendo caminhos a ser trilhados, inserindo esta parte do objeto que pode ser predicada numa rede de atributos e determinações que permitem sua localização no espaço e no tempo.

O psíquico se torna um aparelho de linguagem; e o significante, elemento lingüístico mínimo, imagem acústica, é concebido como a condição de manutenção da homeostase do aparelho, dado que é por deslocar-se de significante em significante que o sujeito encontra a possibilidade de manter o nível de tensão próprio à regulação de seu funcionamento psíquico, isto é: a metonímia significante constitui-se como maneira de manter o nível tensional constante. É dessa forma que o princípio do prazer encontra a possibilidade de ação.

Para Lacan, o princípio do prazer além de regular os caminhos que serão percorridos pelo sujeito em sua busca do objeto é enganador, pois determina uma trama de caminhos, de pistas falsas onde o sujeito se projeta sem muitas críticas, e onde ele se confronta com a tarefa repetitiva de reencontrar seu objeto de satisfação.

o princípio do prazer regula por meio de uma lei de engodo a especulação humana, através desse imenso discurso que não é simplesmente feito daquilo que o articula, mas, igualmente, de toda a sua ação, uma vez que ela é dominada por essa busca que o conduz a reencontrar as coisas nos signos (LACAN, 1997, p. 150).

A preocupação lacaniana em distinguir a sublimação dos caminhos orientados pelo princípio do prazer fez com que Lacan apontasse o problema da sublimação em um momento anterior à possibilidade de o Eu poder estabelecer os caminhos que seriam seguidos; isto é, a sublimação não poderia ser determinada pelas coordenadas do prazer. A colocação deste processo ocorre mais cedo do que no momento em que a divisão entre as metas da libido e as metas do Eu se torna clara e acessível à consciência. “Suas fontes são pré-genitais, e devem ser derivadas desde a origem” (Freud, 1905). A sublimação é uma operação que surge no momento em que a Coisa toma seu lugar, e esse momento é bem anterior ao aparecimento do Eu, e, conseqüentemente, antes das metas estarem determinadas. A sublimação acontecendo próximo à origem revela uma proximidade muito grande com a pulsão.

6.12 A sublimação pensada através do amor cortês

O amor cortês torna-se uma forma exemplar, um paradigma de sublimação, pois ele reúne os elementos necessários para caracterizar este processo enquanto relação do sujeito com o seu desejo. Ele serve de modelo para que pensemos a sublimação não só porque serviu de ideal de comportamento ou de pensamento, mas, acima de tudo, por ter promovido uma erótica.

O amor cortês e a relação que introduz a mulher no âmbito da sublimação parecem essenciais para se chegar à anulação das determinações empíricas que cercam o objeto. Essa supressão dos elementos individualizantes é necessária para a eliminação do patológico, e deixar transparecer o vazio que permanece após a anulação das determinações imaginárias, aproximando-se daquilo que seria a Coisa enquanto objeto da pulsão.

Segundo Lacan, para que o amor cortês tenha ocorrido foi necessária uma modificação na relação do desejo com o seu objeto, demarcando certas incidências históricas neste fenômeno. Certa interposição de elementos simbólicos entre o sujeito e seu objeto de satisfação, permitindo o florescimento de narrativas tendo por finalidade tornar esse objeto inalcançável. A linguagem se torna a possibilidade aberta de acesso às vias do desejo, e, a condição de relacionar-se com a Coisa é pela criação de um objeto que pode representá-la. A coisa só pode ser abordada pela mediação, interpondo algo entre o sujeito e este lugar.

Seguindo os passos de Freud, Lacan aponta os três modos de sublimação (a arte, a religião e a ciência), indicando para cada uma delas diferentes modalidades de se relacionar com o vazio deixado pela Coisa. A religião se estabelece como “todos os modos de evitar esse vazio” (LACAN, 1997, p. 162). A arte é definida como “um certo modo de organização em torno desse vazio” (Lacan, p. 162), e só ela parece estar a altura da tarefa de abordar este lugar que constantemente ameaça desestruturar o sujeito. E a terceira via da sublimação, a da ciência, se faria pela recusa deste vazio. A ciência opera a partir da exclusão da Coisa de seu campo, tendo em vista que preconiza um ideal de saber absoluto, o que só pode ser efetuado negando a presença da Coisa enquanto tal.

Lacan isola as características do amor cortês e ressalta que ele era em suma um exercício poético que jogava com temas idealizantes. Aproxima certos temas de narrativas que não podiam corresponder a um personagem concreto a um jogo, pois os poetas se dirigiam a entes em que não encontramos um correlato empírico, apesar da referencia, na maioria das vezes, a personagens concretos (a dama, por exemplo, não deve ser determinada por nenhuma particularidade). O objeto é cercado, seu acesso se torna impossível, sendo essa

a condição de relação para com ele. “Nesse campo poético, o objeto feminino é esvaziado de toda substância real” (LACAN, 1997, p. 186).

É na medida em que é privado de alguma coisa de real, participando ativamente nessa privação, que o homem pode prosseguir por essa via da sublimação, através da função simbólica que exerce esse objetivo. “... aquilo que o homem demanda, em relação ao qual nada pode fazer senão demandar, é de ser privado de alguma coisa de real” (LACAN, 1997, p. 186). A narrativa só encontra possibilidades de seguir adiante quando o objeto que a sustenta não guarda nenhuma particularidade. A idéia de pôr a mulher no lugar do objeto de desejo se torna mais importante para o aspecto relacionado ao desejo que para a mulher propriamente, pois ela se torna o suporte de uma operação.

Esse desejo que, segundo Lacan, nada tem de platônico, pois se manifesta em obras, (enquanto o desejo platônico é fundamentalmente contemplativo), é um desejo que se dirige a um ser de significante, um ser que é efeito de discurso, que não tem consistência material. As pessoas nomeadas, vivas, lá estão servindo apenas de suporte ao qual se dirigia a operação sublimatória. O amor cortês é uma solução para abordar o campo da Coisa, esse campo que a arte cobre com uma serie de adereços, de narrativas visando a manter distância entre o sujeito e o lugar para onde seu desejo se dirige Isso não quer dizer que não haja outras formas de abordar o problema da relação do homem com o seu desejo.

Alguns comentadores chamaram a atenção para o fato de que, ao conceber o desejo desta maneira, sem consideração com os objetos empíricos, retirando destes objetos qualquer determinação sensível, Lacan fazia o desejo se dirigir para um campo de transcendentalidade perigosa que o aproximava de um fantasma perverso, pois este se apóia na pura forma do objeto. Em Masoch, a mulher é despida de tal maneira de seus traços empíricos que resta apenas as peles como suporte de seu ser.³⁴

A sublimação com elevação do objeto à dignidade de Coisa é o nome da singularidade que aparece como resistência às predicções postas pelo pensamento fantasmático do eu, só podendo ser caracterizada negativamente. “A Coisa é a negação da singularidade pelo universal do um que só se sustenta no fantasma” (SAFATLE, 2005, p. 285). Ela, por não se submeter à lógica da adequação, permanecerá como um interior excluído, não se adequando ao princípio da identidade. A identidade seria então a eleição pelo Eu dos objetos submetidos à lógica do mesmo, e a negação daqueles que se chocam com as determinações fantasmáticas.

³⁴ A abordagem deste assunto vai se afastar muito do propósito desta tese. Para mais informações, vide Patrick Guyomard, *O gozo do trágico* (GUYOMARD, 1986).

A sublimação seria, pois, uma maneira de dar forma de objeto imaginário à contradição entre o fantasma ligado a um princípio de totalização e a Coisa como o resto que permanece refratário à submissão pelo pensamento conceitual (experiência de estranhamento frente ao real que surge após o fracasso dos esquemas fantasmáticos de identidade).

“Trata-se de um estranho ponto de excesso no interior de um objeto que foi estruturado pelos protocolos de universalização próprios ao fantasma” (SAFATLE, 2005, p. 286). É dessa forma que pode advir uma imagem que é a própria *destruição da imagem*, momento da dimensão do estranho, em que o duplo transmite uma experiência de despersonalização. É somente diante desse objeto não idêntico produzido pela sublimação que o sujeito pode se reconhecer para além das ilusões imaginárias de completude.

6.13 A arte como resistência do real

Devemos colocar aqui a questão: o que deve ser a arte para que uma sublimação pensada como poder de constituição de objetos a partir de negações internas, como produção de imagens que negam à imagem seu poder de totalização e semelhança, possa ser vista como sublimação?

A abordagem dessas questões compreende o esforço que a arte moderna fez no intuito de desmontar os pressupostos que o pensamento clássico, desconstruindo os objetos em termos de semelhança e profundidade. O paradigma desse gesto pode ser encontrado no quadro *Les demoiselles d'avignon* (1906-1907) de Picasso, em que a imagem é fragmentada e reconstituída de forma que suas partes perdem o poder de harmonia e totalidade, deixando em relevo corpos expressivos, destituídos da referência imagética de completude. A reflexão lacaniana vai no sentido de se debruçar sobre estas questões, mas não pode abandonar a categoria de expressão na compreensão da racionalidade dos fenômenos estéticos, em decorrência da conjunção que o pensamento psicanalítico promove entre o pulsional e o estético. A expressão estética realiza-se na obra por meio da sublimação que não é compreendida apenas como desvio do alvo e do objeto sexual em direção a objetos socialmente valorizados.

Lacan relativizará o problema da dessexualização a fim de insistir na estrutura particular do objeto na sublimação, um pólo que recusa o imaginário de projeções narcísicas, reconsiderando os fenômenos que apontam para uma reformulação do estatuto da imagem. “O

que torna necessário pensar o objeto como formalização de uma experiência de não-identidade que permita o advento de uma *expressão de um sujeito radicalmente descentrado*” (SAFATLE, 2005, p. 288, itálicos no original).

A subjetividade em Lacan aponta que na perspectiva do mundo somos nós os olhados, são os objetos que nos olham, acentuando o fato de que entre o olhar e o olho há um quiasma.

O olhar só se nos apresenta na forma de uma estranha contingência, simbólica do que encontramos no horizonte e como ponto de chegada da nossa experiência, isto é, a falta constitutiva da angústia da castração... O olho e o olhar, esta é para nós a esquizo na qual se manifesta a pulsão ao nível do campo escópico (LACAN, 1998b, p. 74).

Todas essas questões falam sobre *um campo de experiências subjetivas* que não podem ser adequadamente simbolizadas ou colonizadas por imagens fantasmáticas, e sua emergência é compreendida como “acontecimento traumático”, isto é, evento não é suportado por estruturas simbólicas responsáveis pelas determinações de identidades. O real vai progressivamente ganhando importância nas construções teóricas de Lacan: um campo de problematizações herdeiro de um tempo em que as expectativas de um mundo determinado pelo progresso científico, com suas promessas de segurança e felicidade, não podem mais ser cumpridas, um mundo povoado pelos fantasmas de genocídio e ameaças de extermínio para toda humanidade, onde o papel da arte enquanto lugar de resistência e vanguarda se perdeu entre os objetos de luxo e consumo.

Seus seminários são determinados pelo momento histórico no qual a arte parece não poder sustentar um mundo livre da fetichização do consumo e do mercado. Daí a definição que Lacan apresenta da arte situando-a como “um certo modo de organização em torno do vazio da Coisa” (LACAN, 1997, p. 153). Um vazio marcado pela ausência de possibilidades de inscrição da singularidade no plano social, mais do que pela impossibilidade de criação de um objeto que expresse este vazio. Aqui se revela a presença de uma historicidade na concepção de uma realidade que se encontra totalmente fetichizada pelo mercado. O discurso do capitalista proposto por Lacan seria então a evidência de uma sociedade dominada pelo poder do mercado enquanto promotor e organizador das relações sociais.³⁵

A solução gira em torno da produção de um objeto que corresponda a uma subjetividade descentrada, em que as coordenadas de identificação simbólicas e imaginárias não respondem. A angústia e a desorientação aparecem na disjunção entre a Coisa e o representado, experiência próxima àquela que Freud descreve em “O estranho” (FREUD, 1919). A estratégia lacaniana seria então de pensar a presença do real como experiência de

³⁵ A teoria dos discursos desenvolvidos por Lacan ao longo de alguns seminários da década de 1960, procura responder à organização dos laços sociais nas sociedades modernas.

despersonalização, em que a arte apresentasse uma renúncia às promessas de adequação ou de harmonia. O tempo da estética lacaniana é o momento de inclusão da pulsão de morte, momento histórico no qual a arte aparece como maneira sensível de sustentar o que não pode encontrar determinação. “A arte surge como rachadura entre o poder de simbolização da linguagem e manifestação do sensível” (SAFATLE, 2005, p. 289). Uma obra de arte é sempre resistência à crença na capacidade comunicacional da linguagem, mas também é a confrontação do artista consigo mesmo; desmistificação das relações sociais, do artista e da própria arte.

6.14 A anulação do sensível e a proximidade perversa

O *Seminário VII* apresenta a sublimação através da exposição do amor cortês, uma operação onde o objeto sofre destituição de todas suas características individualizantes. O amor do poeta se dirige a um objeto desprovido de todo traço de determinação qualitativa, que dessa forma passa a ser o suporte de uma operação sublimação. Nessa operação de subtração restaria uma imagem de mulher esvaziada de qualquer particularidade, inexpressiva, indiferente. Uma mulher representada desta forma, sem nenhum atributo sensível, pode então ser alçada ao lugar da Coisa, que também não pode ser predicada positivamente. Trata-se aqui de uma operação de retirada dos elementos imaginários, revelando uma imagem infinitamente reproduzível a ponto de “todas elas terem a mesma característica” (LACAN, 1997, p. 185).

O trabalho no amor cortês é o de anulação de toda determinação qualitativa capaz de servir de suporte de individuação. Elevar o objeto à dignidade da Coisa significa primeiramente remover todo atributo e toda qualidade. Tal trabalho nos explica que “o objeto feminino é introduzido pela porta muito singular da inacessibilidade, da privação” (LACAN, 1997, p. 185). Estes procedimentos dão uma sustentação à relação entre o poeta e o seu objeto de amor, e constrói uma trama de narrativas idealizantes que visam a interpor-se entre eles, a ponto de tornar este objeto inacessível. “Só é possível cantar a dama através de uma barreira que a cerque e a isole” (LACAN, 1997, p. 185). Assim, a imagem da mulher no amor cortês seria uma imagem do que resta após o esvaziamento do objeto de todo traço imaginário.

Como para Lacan não há experiência sensível imediata, é o Imaginário que dá forma e significado ao diverso da experiência, e pelo fato de que toda manifestação do sensível deve passar pela mediação do Eu. Para que a coisidade como marca da singularidade possa aparecer faz-se necessário liberar o objeto das amarras do imaginário até que permaneça um

resto inassimilável, fazendo o retorno deste objeto, a partir da desmontagem das imagens que se põem ao redor, na forma de estranheza e crueldade como traços constitutivos do objeto.

Claro que no amor cortês permanece uma idealização irredutível da mulher para além da subtração dos elementos imaginários. Há nessa idealização uma ameaçadora proximidade com o fantasma fetichista, e a dessexualização também é um ponto determinante do fantasma perverso.³⁶ O fetiche vem suportar o quadro determinado pela cena fantasmática, fixando-a ao momento anterior ao da constatação da castração na mulher, construindo um certo congelamento da cena do seu fantasma perverso. Há um campo de operação convergente entre o amor cortês e o procedimento encontrado na *Vênus das peles*, em que aparece a desafetação, a subtração de elementos imaginários do objeto (tudo o que é da ordem de uma mulher é anulado para que advenha o suporte de um traço: as peles).

Lacan procura escapar dessa fetichização fazendo com que ocorra uma vacilação entre a imagem e os elementos sensíveis que buscam sua entrada. Este momento ele o encontra através de uma carta de Arnaud Daniel, na qual o poeta defende Bernard de Cénilh, seu amigo, de ter recusado a prova imposta pela dama Éna. Nessa recusa acha presente uma mudança de perspectiva no cenário, que não parece ser tão idealizado assim. “Esse documento assaz extraordinário abre-nos uma perspectiva singular sobre a profunda ambigüidade da imaginação sublimadora” (LACAN, 1997, p. 200). O objeto retorna ao ponto sensível de sua apresentação, conforme é relatado através de um dos poemas feito por Arnaud Daniel, em que este cita a prova apresentada pela dama: ‘tocar sua trombeta’. Neste ponto os processos de idealização e fetichização encontram o seu limite quando o poeta descreve a trombeta como algo fétido e horroroso, e que não poderia cumprir com a missão dada pela dama, revelando neste ponto a queda do ideal provocada pelo sensível, pelo desvelamento da dama através das marcas da sensibilidade, marcas que inspiram horror e repugnância.

Aqui vemos a sensibilidade destruindo a idealização e fazendo surgir a ‘crueldade da Coisa’, pondo o desejo em contato com o sensível.³⁷

O fetichismo nos leva à produção de um semblante que visa a suportar a imagem fantasmática de uma mulher fálica, mesmo reconhecendo o ponto vazio do desejo. Há neste percurso a elevação do objeto à dignidade de Coisa, mas a diferença da montagem fetichista em relação à sublimação se torna ambígua se não levarmos em consideração que na sublimação a imagem idealizada sofre uma torção e o objeto sai da cena fantasmática. A

³⁶ Em *A Vênus das peles*, Masoch revela que a mulher é destituída de todos os atributos sensíveis até que permaneça somente um traço: as peles como marca da presença do objeto no fantasma.

³⁷ Esta talvez seja uma das tarefas da arte contemporânea em sua apresentação: mostrar o objeto em sua aparência de fetiche e ao mesmo tempo expor essa contradição entre idealização e a crueldade desumana.

destituição dessa imagem como suporte do fantasma se revela a partir do vazio central que ela deixa. “Sem esta destruição da imagem idealizada não há sublimação, mas apenas fetichismo” (SAFATLE, 2005, p. 293). É dessa forma que podemos entender que na sublimação não encontramos uma imagem semblante que venha velar o vazio que o objeto tem por função expor. Na verdade, o que encontramos é a resistência do objeto a se deixar apreender pelo pensamento identitário do fantasma.

A ambigüidade da arte vem do fato de ela necessitar pôr em ligação o fantasma fundamental e a fixação fetichista para negar a ambos. A arte tem que mimetizar os objetos aos quais ela se insurge.³⁸

No fetiche, um semblante vem suportar a cena fantasmática da mulher fálica, mas ao preço da destituição do desejo. A arte revela a falsidade das premissas que sustentam o fantasma perverso, ao propor a destruição da imagem idealizada e deixar transparecer o vazio da falta de adequação entre o desejo e o objeto do fetiche. A imagem passa a ser fonte de estranhamento e angústia, marcando a presença do traumático, do real como representante de um campo de experiências que não se deixa apreender pelo pensamento do mesmo. Esse Real é concebido por Lacan como acontecimento traumático. Para Freud, ele está ligado a um excesso que invade o psiquismo, marcando um limite à capacidade do princípio do prazer.

O pensamento lacaniano com seus movimentos de descentramento, esvaziamento de traços imaginários, e revelação do elemento expressivo ligado ao aspecto quantitativo, seria então uma estética que nos permite uma aproximação entre a sublimação e o campo da ética, devido a ambos se referirem ao problema do mal. Um mal que parece estar no centro da reflexão psicanalítica e que só a psicanálise pode levar suas conseqüências em consideração.

³⁸ As repetições dos retratos de Marilyn Monroe nos quadros de Andy Warhol, identicamente reproduzidos, marcam essa ambigüidade do objeto artístico numa época de reprodutibilidade técnica, uma repetição que vem afirmar o estatuto de irredutibilidade dos objetos artísticos à aparência, e a reprodução industrial.

CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho tentamos mostrar o quanto um conceito, que relaciona uma forma de atividade psíquica com o campo de atividade humana tão diversa e heterogênea, é importante e problemático, envolvendo diversas instâncias e ultrapassando os limites conceituais do saber psicanalítico, e se entrelaçando com as diversas áreas.

Mostramos o quanto a presença de um pensamento contaminado por ideologias de determinada época levou Freud a pensar na sublimação como um processo em que ocorre a dessexualização e aprovação social, e o quanto isso se tornou difícil de ser ultrapassado, trazendo uma série de questionamentos e dúvidas. Se a sublimação só pudesse ocorrer com a perda do erotismo e através de uma lógica de reconhecimento, o que restaria de um desejo verdadeiramente singular e transformador? Além disso, se a sublimação se faz por intermédio do Eu, como afirma Freud, ela não é, no entanto, por ele determinada. As transformações resultantes falam de uma mudança não só no pólo subjetivo como também no objeto em questão que deve deixar transparecer essa metamorfose.

Este é um caminho que se mostra a qualquer um que queira percorrê-lo, um percurso que não é isento de dificuldades, onde aquele que se fia nessa tarefa não deve contar com o reconhecimento ou aprovação social. Os ideais devem ser abandonados. O trabalho de luto deve ser considerado por sua capacidade de livrar o sujeito de buscar antigas formas de vínculos ou satisfação. O diferencial está não naquilo que se faz, mas no porque se faz; um movimento empreendido por uma tensão irrefreável de busca, levando em conta os riscos dessa empreitada.

A sublimação foi postulada como um destino da pulsão e uma forma de satisfação em que não envolve recalque, tornando-se então um processo psíquico que tem suas coordenadas postas antes que o Eu tenha determinados os caminhos a ser trilhados, criando um meio de não reforçar defesa. Mas para que este processo pudesse ganhar todo relevo foi necessário que um novo entendimento do funcionamento psíquico viesse à luz, além do pleno desenvolvimento das instâncias envolvidas, o que para Freud só foi possível quando ele percebeu que novos fatores estão em jogo, fazendo então a entrada de um novo dualismo pulsional. Com o elemento quantitativo ganhando relevo e alçado a primeiro plano, a sublimação ganha destaque, pois a sexualidade passa a ser entendida como parte das forças que promovem a vida, e todo esforço se encontra na possibilidade de erotizar e sublimar. Os critérios de saúde psíquica passam a se associar a uma capacidade de mudança e trabalho, um

constante movimento de criação e desligamento num perpétuo relançamento da aposta. Não se trata de um desejo em vão, mas de um processo que vai deixando obras com as quais a comunidade pode se beneficiar, sem que, no entanto, se possa determinar a priori essa premissa como condição de sua utilização.

Que a sublimação não seja totalmente compreendida pode certamente parecer um defeito: a necessidade de certeza, a imposição de tudo saber, e de tudo comunicar, neste ponto se acham comprometidos. Mas isto que num primeiro momento é sentido como impotência se revela uma virtude, pois são questões que a ciência não pode abarcar, e a arte parece encampar em seu estatuto. A ciência tenta evacuar a singularidade desejante através de um discurso universal, recusando lugar àquilo que não pode ser passível de inteligibilidade. A psicanálise não recua a essas questões, ao inominável, ao monstruoso, e ao sem sentido. Ela (a psicanálise) procura encontrar um modo de subjetivar essas experiências que fazem parte de nossa vida, e que o homem tenta de todas as formas negar sua existência para continuar em busca de uma vida alienada e confortável.

A sublimação não é um processo que se deixa apreender em uma lógica semântico-referencial, pois seus elementos constituintes se ligam ao que não pode ser integrado a uma vontade de adequação e submissão. São elementos que irrompem sem aviso, desorganizam os sentidos e que logo em seguida se ausentam, não sem antes marcar o sujeito com a sua presença. Vale ressaltar que a sublimação não se reduz a uma categoria estética, pois é o princípio da arte, da ciência e da religião, além de ser uma possibilidade requerida pela clínica psicanalítica. Essa operação se reporta a um sujeito que visa ao ultrapassamento de si, e se sustenta numa tensão desejante, podendo se debruçar sobre o que lhe divide não só do exterior como do mais profundo de si mesmo. Essa não é uma operação psíquica entre outras, mas a única que pode dar conta de um fazer propriamente humano que não pode ser julgado por critérios técnicos, ideológicos ou semânticos. Ela põe em movimento um processo originário e irreduzível que modifica nossa relação com o mundo, sem que com isso estejamos ao abrigo contra a tristeza e o horror.

É um processo que exige a convocação de um espectador-artista, que acompanhe neste percurso e que pode encontrar numa análise o seu suporte, expressando essa singularidade aparentemente irreduzível.

Os diversos autores que se interessaram pelo tema da sublimação, buscaram, cada um a sua maneira, desenvolver os caminhos que levam à melhor compreensão do conceito. É então que encontramos na via aberta por Freud diversos pensadores se debruçando sobre o problema que esse processo traz para a psicanálise, e que, apesar dos esforços no sentido de

uma maior compreensão dos mecanismos envolvidos, está longe de se esgotar. É assim que em Lacan a idéia de Coisa se torna necessária para prosseguirmos no caminho que representa a apreensão de um sujeito descentrado e às voltas com um objeto que o constitui e que ele desconhece. Laplanche busca renovar a concepção de traumatismo dando uma visada positiva a este evento, podendo superar a imposição de um limite interno à sublimação, vendo-a como um funcionamento contínuo. Joel Birman se afasta de uma referência exclusiva ao objeto, buscando um deslocamento pelo pólo subjetivo, vendo neste processo formas de subjetivação no intuito de que possa garantir a manifestação de uma existência singular.

Em todos os aspectos abordados, a sublimação seria pensada como uma forma de superação dos impasses encontrados na nossa contemporaneidade. Este trabalho não tem a pretensão de esgotar o tema. Esperamos, no entanto, que tenha contribuído para relançar o debate.

REFERÊNCIAS

ASSOUN, Paul-Laurent. *Metapsicologia freudiana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

BIRMAN, Joel. A imaginação, a fantasia e o sublime em psicanálise: uma leitura de Eros e civilização. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, UERJ/IMS, v. 8, n. 1, 1998.

_____. A psicanálise e a crítica da modernidade. In: HERZOG, Regina (Org.). *A psicanálise e o pensamento moderno*. Rio de Janeiro: ContraCapa, 2000.

_____. Fantasiando sobre a sublime ação. In: BARTUCCI, Giovana (Org.). *Psicanálise, arte e estéticas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

_____. *Gramáticas do erotismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

_____. *Mal-estar na atualidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

_____. *Por uma estilística da existência*. São Paulo: Editora 34, 1996.

BORGES, Jorge Luís. *O Aleph*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1986.

CASTIEL, Sissi Vigil. *Sublimação*. São Paulo: Escuta, 2007.

DAVID-MENARD, Monique. A identificação e histeria. In: ROITMAN, A. (Org.). *As identificações na clínica e na teoria psicanalítica*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

ENRIQUE, Engène. *Da horda ao Estado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

FELDSTEIN, Richard (Org.). *Para ler o Seminário XI*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes.

FRANÇA, Maria Inês. *Psicanálise, estética e ética do desejo*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. In: _____. *Extrato de documentos dirigidos a Fliess, 1950a [1892-1899]*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.1.

_____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. In: _____. *Projeto para uma psicologia científica, 1950b [1895]*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.1.

_____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. In: _____. *Estudos sobre histeria, 1893-1895*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.2.

_____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. In: _____. *Estudos sobre histeria, 1893-1895*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.2.

FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. In: _____. *A interpretação dos sonhos, 1900*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. parte I, v.4.

_____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. In: _____. *A interpretação dos sonhos, 1900*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. parte II, v.5.

_____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. In: _____. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, 1905a*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.7.

_____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. In: _____. *Fragmentos de um caso de histeria, 1905 [1901]*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.7.

_____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. In: _____. *Escritores criativos e devaneio, 1908b*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.9.

_____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. In: _____. *Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna, 1908a*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.9.

_____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. In: _____. *Sobre as teorias sexuais das crianças, 1908*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.9.

_____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. In: _____. *Leonardo da Vinci e uma recordação de sua infância, 1910b, 1908*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.11.

_____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. In: _____. *A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão, 1910a*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.11.

_____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. In: _____. *A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão, 1910a*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.11.

_____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. In: _____. *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia, 1911b*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.12.

_____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. In: FREUD, Sigmund. *Artigos sobre técnica, 1911-1915*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.12.

_____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. In: _____. *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise, 1912*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.12.

_____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. In: _____. *Recordar, repetir e elaborar, 1914a*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.12.

FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. In: _____. *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*, 1911a. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.12.

_____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. In: _____. *Totem e tabu, 1913 [1912-13]*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.13.

_____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. In: _____. *O interesse científico da psicanálise, 1913*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.13.

_____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. In: _____. *Sobre o narcisismo: uma introdução, 1914b*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.14.

_____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. In: _____. *Os instintos e suas vicissitudes, 1915b*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.14.

_____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. In: _____. *Repressão, 1915c*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.14.

_____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. In: _____. *Luto e melancolia, 1917a*. {1915. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.14.

_____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. In: _____. *Reflexões para o tempo de guerra e morte, 1915a*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.14.

_____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. In: _____. *Sobre a Transitoriedade, 1916 {1915}*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.14.

_____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. In: _____. *Conferências introdutórias - parte II, 1916-1917 (1976)*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.15.

_____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. In: _____. *História de uma neurose infantil (O homem dos Lobos), 1918*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.16.

_____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. In: _____. *Uma criança é espancada, 1919*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.16.

_____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. In: _____. *O estranho, 1919*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.16.

_____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. In: _____. *Além do princípio do prazer, 1920*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.18.

_____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. In: _____. *Psicologia de grupo e análise do ego, 1921*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.18.

_____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. In: _____. *Alguns mecanismos neuróticos, 1922*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.18.

FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. In: _____. *O ego e o id, 1923*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.19.

_____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. In: _____. *O problema econômico do masoquismo, 1924a*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.19.

_____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. In: _____. *A negativa, 1925*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.19.

_____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. In: _____. *A perda da realidade na neurose e na psicose, 1924b*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.19.

_____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. In: _____. *Inibição, sintoma e ansiedade, 1926*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.20.

_____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. In: _____. *O futuro de uma ilusão, 1927b*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.21.

_____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. In: _____. *O humor, 1927a*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.21.

_____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. In: _____. *Fetichismo, 1927*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.21.

_____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. In: _____. *Sexualidade feminina, 1931*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.21.

_____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. In: _____. *Ansiedade e vida instintual (conferência XXXII)*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.22.

_____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. In: _____. *Moisés e o monoteísmo*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.23.

_____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. In: _____. *Esboço de psicanálise, 1940a [1938]*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.23.

_____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. In: _____. *Análise terminável e interminável, 1937b*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.23.

_____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. In: _____. *Construções em análise, 1937a*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.23.

_____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. In: _____. *A divisão do ego no processo de defesa, 1940b [1938]*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.23.

_____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. In: _____. *Por que a guerra?, 1933a*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.23.

- GREEN, Andre. *Narcisismo de vida narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta, 1988.
- GUYOMARD, Patrick. *O gozo do trágico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editores, 1986.
- HEIDEGGER, Martin. *Essais et Conférences*. Paris: Gallimard, 1958.
- HERZOG, Regina (Org.). *A Psicanálise e o pensamento moderno*. Rio de Janeiro: ContraCapa, 2000.
- JULIAN, Philippe. *O estranho gozo do próximo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editores, 1996.
- KOYRÉ, Alexandre. *Do mundo fechado ao universo infinito*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editores, 1998a.
- _____. *O seminário livro I. Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1979.
- _____. *O seminário livro VII. A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1997.
- _____. *O seminário livro XI. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1998b.
- LAPLANCHE, Jean. *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LAPLANCHE, Jean. *Problemáticas III*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- LE RIDER, Jacques (Org.). *Em torno do mal-estar na cultura de Freud*. São Paulo: Escuta, 2002.
- MIJOLLA-MELLOR, Sophie de. *Le choix de La sublimation*. Paris: Presses Universitaires de France, 2009.
- MILLER, Jacques-Alain. *Silet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2005.
- RAJCHMAN, John. *Eros e verdade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1994.
- RANCIÈRE, Jacques. *L'inconscient esthétique*. Paris: Editions Galilée, 2001.
- REY-FLAUD, Henri. Os fundamentos metapsicológicos de o mal-estar na cultura. In: LE RIDER, Jacques (Org.). *Em torno do mal-estar na cultura de Freud*. São Paulo: Escuta, 2002.
- SAFATLE, Vladimir. *A paixão do negativo*. São Paulo: Editora Unesp, 2005.
- SAINT-GIRONS, Baldine. *Le sublime*. Paris: Editions Desjonqueres, 2005.

WINTER, Jean-Pierre. *Os errantes da carne*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud editora. 2001.